



REGINA CHICOSKI

**FORMAÇÃO DO LEITOR:
CONTAR HISTÓRIAS, DRAMATIZAR, BRINCAR...
PONTOS DE PARTIDA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
UNICAMP - UNICENTRO**

1997



REGINA CHICOSKI

**FORMAÇÃO DO LEITOR:
CONTAR HISTÓRIAS, DRAMATIZAR, BRINCAR...
PONTOS DE PARTIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação de Campinas e da Universidade Estadual do Centro Oeste, sob a orientação do Professor Doutor João Wanderley Geraldi e co-orientação do Professor Mestre Valdir Heitor Barzotto, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação (Área de concentração: Metodologia de Ensino).

GUARAPUAVA

1997

COMISSÃO JULGADORA

RESUMO

Este trabalho é o relato de uma experiência com leitura desenvolvida durante o segundo semestre de 1995 e o primeiro de 1996, numa escola de periferia de Guarapuava-PR, iniciando o trabalho com alunos de segunda série e acompanhando-os na série subsequente do ensino fundamental. Através do lúdico, do contar histórias, da dramatização, buscou-se despertar o gosto pela leitura.

No primeiro semestre os alunos ouviram, contaram, leram muitas histórias e realizaram atividades lúdicas. No segundo semestre continuaram lendo, ouvindo e contando histórias, mas o trabalho ficou centrado no texto **Bom dia todas as cores** de RUTH ROCHA. As atividades foram direcionadas mais para o campo do jogo dramático, da arte dramática, culminando com a dramatização de **Bom dia todas as cores**.

ABSTRACT

This work is a report of an experience with reading developed during the 1995 second semester and the 1996 first semester, in a Guarapuava periphery school, Parana State, with second grade students and accompanying them in subsequent grade of primary education. Through this play, dramatized stories were told to the children, we tried to wake up the pleasure for reading.

The first semester the students heard, told and read many stories, but the work was centralized in the text **Bom dia todas as cores** (**Good morning all the colors**), by RUTH ROCHA. The activities were managed more for the field of the dramatic game, from the dramatic art and ending with the dramatization of **Bom dia todas as cores**.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor João Wanderley Geraldi minha eterna gratidão pelos insights proporcionados e pela paciência em torná-los reais.

A Romilda, minha irmã, pela compreensão e dedicação na digitação e diagramação.

Ao Ademir pelo projeto gráfico e desenvolvimento da capa.

A Sandra do Rocio Ferreira Leal que como professora incentivou-me nesta caminhada.

A Abadia Terezinha Jacob pelo apoio durante o curso.

A todos da Escola Municipal Irene Guimarães Pupo e a Cristiana, professora regente, pela cooperação e entusiasmo no decorrer da pesquisa.

E a todos que de uma maneira ou de outra colaboraram para que esta pesquisa se realizasse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Por que literatura? Contar histórias, ponto de partida 10

CAPÍTULO I

“A escola pode ser séria sem ser triste e enfadonha” 20

CAPÍTULO II

Do sonho à prática 37

CAPÍTULO III

O corpo fala: dramatização e formação do leitor 60

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Moral da história 76

ANEXOS 96

*A ciência é grosseira, a vida é sutil,
e é para corrigir essa distância que a literatura
nos importa. Por outro lado, o saber que ela
mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a
literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que
sabe algo das coisas; ou melhor: que ela sabe
algo das coisas - que sabe muito sobre os homens.*

Roland Barthes

INTRODUÇÃO

POR QUE LITERATURA?

CONTAR HISTÓRIAS, PONTO DE PARTIDA

Quando criança ouvi histórias contadas pelo meu pai, enquanto professora contei histórias. Mas afinal, que importância elas têm na formação do ser humano? ABRAMOVICH (1994: 17) responde: *... Ler, contar histórias para crianças é poder rir, gargalhar, sorrir... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...).* *É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... E a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... E assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas...*

Quando a criança ouve histórias, pode sentir emoções importantes, como irritação, raiva, alegria, medo, insegurança, pavor, tranquilidade e tantas outras mais. HIGGINS (1970: 112) afirma que os contos levam a criança a *zangar-se e entristecer-se, rir e chorar, lembrar e projetar, sentir a suavidade o rigor dos elementos, julgar e mostrar compaixão, imaginar e maravilhar-se... levam-na adiante, fazendo-a participar de experiências além de seus horizontes imediatos e tangíveis.*

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-

la e despertar sua curiosidade. BETTELHEIM (1980) reforça dizendo que, para enriquecer a vida da criança, a história deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade.

No conjunto da literatura infantil - com raras exceções - de acordo com BETTELHEIM, *nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança do que o conto de fadas folclórico*. Eles foram inventados há muito tempo, bem antes da vida na moderna sociedade de massa. Os contos de fadas têm uma longa tradição histórica. De acordo com a teoria de SCHMIDT (Apud FRANZ, 1981: 17), existem indícios de que alguns temas principais de contos se reportam a muitos séculos antes de Cristo, mantendo-se praticamente inalterados. Eles também foram encontrados nas colunas e papiros egípcios. Inicialmente e até os séculos XVII e XVIII os contos de fadas eram contados tanto para adultos como para crianças. Na Europa, eles costumavam ser a principal forma de entretenimento para os moradores das zonas rurais, na época de inverno. Charles Perrault, Andersen e os Irmãos Grimm fizeram uma coletânea desses contos e os reescreveram. Coletaram relatos orais, pesquisaram e de suas coletâneas vêm as diferentes versões em circulação.

Os contos têm tradição oral. Os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Durante séculos, foi através da oralidade que a cultura se manteve, sem pergaminhos ou iluminárias, mas memória viva. As pessoas ouviam e contavam histórias, posteriormente passaram a ler e representar no teatro, cinema e televisão.

Segundo BENJAMIN (1994: 198) *a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos*

inúmeros narradores anônimos.

Para o autor há dois grupos de narradores. Um de pessoas que viajavam, traziam histórias, partilhavam com as que ficaram. E outro de pessoas que narravam o que viam, conheciam, ouviam de seu meio. Na concepção de BENJAMIN (1994: 199) *a extensão real do reino narrativo, em todo o seu alcance histórico, só pode ser compreendido se levarmos em conta a interpenetração desses dois tipos arcaicos.* Associa-se então o saber trazido de longe pelos viajantes, com o saber recolhido pelos sedentários.

De acordo com BENJAMIN (1994: 197) *a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. Percebe-se que a arte de narrar está definhando, porque a experiência perdeu valor e cada vez menos encontramos contadores/narradores de histórias nos lares, nas escolas, nas praças, no campo... Vivemos num mundo em que o tempo tornou-se limitado. Faltam horas para realizar as atividades diárias. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por este declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.* (BENJAMIN, 1944: 203).

A figura do narrador é fundamental. Ele é que dá vida ao fato narrado, quem suscita a imaginação, que desperta a curiosidade, que prende a atenção do ouvinte. Sem a figura do narrador a comunidade de ouvintes desaparece. A arte de contar histórias consiste em contá-las de novo para que sejam preservadas. As histórias que meu pai me contou,

certamente as recebeu de meus avós, e estes de meus bisavós. Novamente BENJAMIN (p:205), *quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo de trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo.*

Gerações passadas conheceram os contos originais, hoje há muitas adaptações simplificadas que amortecem os significados ou roubam o significado mais profundo. Aparecem retocados inescrupulosamente, os personagens todos bonzinhos e alambiscados. Sua força salutar fica perdida, segundo FRANZ (1981). Se os editores de literatura infantil continuarem insistindo em reduzir os contos em novas versões, estes acabarão perdendo a força que possuem. Na televisão, os contos são transformados em diversão vazia. E não é isso que importa. Os contos de fadas devem ser um presente de amor.

*Criança da pura frente sem névoas
E sonhadores olhos de espanto!
Embora o tempo seja veloz
E meia vida separa você e eu
Seu adorável sorriso bem certo saudará
O presente de amor de um conto de fadas.*

C. L. Dogson - Através do Espelho

Segundo BETTELHEIM (1980) os contos de fadas oferecem também exemplos de soluções temporárias e permanentes aos conflitos, à vida interior de cada criança. Além do mais, confrontam a criança honestamente com os fatos humanos básicos (morte, envelhecimento, limites da nossa existência...).

Enquanto criança, ficava fascinada com o poder da bruxa, do gigante... O

mal não é isento de atrações. Por algum tempo prevalece, mas acaba perdendo espaço, que pertence ao herói. A razão pela qual nas histórias de fadas a pessoa má sempre perde, pode ser interpretada como o crime que não compensa.

Basta lermos alguns contos para percebermos que as figuras, ou são boas ou são más, não existe o meio termo, ou a neutralidade. Muitos pais insistem em mostrar imagens agradáveis, otimistas, mas esta visão nutre a mente apenas de modo unilateral. A vida real não é feita só de coisas agradáveis e a criança sabe disso.

Contos como “O Gato de Botas” (a figura arranja sucesso ao herói através de trapaça), “João e o pé-de-feijão” (João rouba o tesouro do gigante) constroem os personagens não pela promoção de escolhas entre o bem e o mal, mas dão à criança a esperança de que mesmo o mais medíocre pode ter sucesso na vida. Esse tipo de contos são denominados de amorais, quando se pretende higienizar o mundo reduzindo-o à dicotomia bem/mal.

O poder de encantamento que experimentamos ao lermos um conto de fadas não vem do significado psicológico (embora isso contribua para tal), mas das suas qualidades literárias. Só têm impacto psicológico sobre as crianças porque é sobretudo uma obra de arte. É através da linguagem, da maneira como foi escrita/contada que a narrativa se perpetua. Sabemos que as obras de arte não envelhecem, atravessam o tempo.

Segundo ABRAMOVICH (1994: 18) , *quando se lê uma história - seja ela qual for - não se pode fazer de qualquer jeito, pegando o primeiro volume... E aí no decorrer da narrativa, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra, empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando o parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final, quando a idéia continuava deslizando, na página ao lado...*

Pior ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque encontrou um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria

nova, uma expressão que o adulto leitor não usa normalmente... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degradingola...

Não é apenas no terreno da leitura das palavras que a dificuldade pode surgir... E o conteúdo da história, as relações entre personagens, as mentiras que ela pode colocar, os preconceitos que pode passar, a fragilidade duma narrativa onde não acontece absolutamente nada. Como enfrentar os olhares dispersos, as caras de lástima? Daí a importância de se conhecer o livro antes. Para poder contá-lo com emoção, confiança... Não importa se a narrativa é longa, curta, de muito antigamente ou dos dias atuais, lendas, histórias em forma de poesia... qualquer uma, desde que seja conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão, ou porque acalme uma aflição.

E para que isso ocorra, é importante criar clima de encanto... respeitar o tempo para o imaginário de cada criança, construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, ouvir o galope do cavalo e outras coisas mais...

Ah! É bom saber começar o momento da contação. A introdução deve ser clara e precisa, criando a ação. Também não precisa ter pressa de acabar, importa curtir cada momento, respeitar o ritmo... e dizer que a história acabou de um jeito especial. *E assim acabou a história. Entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra... Ou... ou...*

A conclusão deve ser rápida e clara. A voz e a entonação não devem cair. Se o conto tem alguma mensagem, esta deve ser deixada a cargo do entendimento do público, cabendo ao narrador dar-lhe os elementos.

É bom mostrar à criança, retomando ABRAMOVICH (1994: 16) que o que acabou de ouvir *está impresso num livro, e que ela poderá voltar a ele tantas vezes quanto desejar. E quando manuseá-lo, que o folheie bem folheado, que olhe tanto quanto queira, que explore sua forma, que se delicie em retirá-lo da estante, da caixa...*

que vire a página ou pule alguma até reencontrar aquele momento especial que estava buscando... (mesmo que ainda não saiba ler, ela o encontra... e fácil). É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ótica, outra ética... É ficar sabendo Geografia, História, Direito, Política, Sociologia, etc., sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser Literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas para a compreensão do mundo)...

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo... Daí a importância de se trabalhar com histórias nas escolas.

O texto literário é fruto de fantasias, sonhos, emoções... Três artistas se encontram no livro de literatura infantil: o escritor, o ilustrador e o diagramador. Eles se unem para criar esse objeto fantástico, místico que é o livro infantil. O artista recria a realidade buscando uma linguagem nova e imprevisível. Procura ir além do código já gasto para provar uma leitura simbólica, tensa, intensa e emotiva. Não se trata apenas de contar uma história, mas de provocar prazer, fantasia, fruição. Afinal, tudo pode nascer dum texto! No princípio não era o verbo?

Analisando os problemas pelos quais a escola pública passa hoje (atraso em relação a outros setores da sociedade, deficiência de espaço físico, práticas pedagógicas tradicionais, etc.), percebe-se que um complexo de condições torna a escola o que ela é. *A escola é, na teoria tradicional, uma instituição ou um aparelho do Estado. Tanto na versão positivista (Durkheim), como nas versões críticas (Althusser, Bourdieu), sua pertença ao Estado transforma-a automaticamente em representante unívoca da vontade estatal. A escola tem uma história documentada, geralmente escrita a partir do poder estatal, a qual destaca sua existência homogênea. Nesta interpretação, a escola é difusora de um sistema de valores universais ou dominantes*

que transmite sem modificação. Na versão positivista a escola, além de conseguir a inculcação de valores e normas comuns à sociedade, consegue também a realização dos direitos civis e da justiça social. As versões críticas da escola, baseando-se na própria história documentada, demonstram por sua vez seu caráter reprodutor da ideologia dominante e das relações sociais de produção (ROCKWELL, E. e EZPELETA, J. 1989: 12).

Tentando fugir desse caráter de reprodução, daquilo que a escola impõe, é que desenvolvi uma experiência com literatura infantil, e isto através do contar histórias, lendo textos literários, dramatizando. Fugir da mesmice da escola através da manifestação artística que se caracteriza pela intertextualidade, pela livre expressão e não por mera reprodução. Este trabalho é o relato de uma experiência realizada numa escola municipal da periferia de Guarapuava/PR. Relato de experiência conduzida com base na hipótese de que atividades lúdicas com literatura podem ser um caminho de formação do leitor.

Como tal é uma pesquisa participante. Desenvolvi o trabalho uma hora por semana na 2ª série, turma cedida pela professora regente que acompanhou todas as aulas, fazendo registro no diário de campo, comentando e criticando o trabalho. Após cada aula, fiz a leitura do diário de campo e acrescentei as minhas impressões do dia, o desenvolvimento das atividades, comportamento dos alunos, etc.

Então “quem participa de quê?” A pesquisa participante indica, segundo EZPELETA J. e ROCKWELL E. (1989: 90), *que esse quem da pergunta é um sujeito. Uma pessoa com a qual interajo. Um alguém concreto, com o qual devo relacionar-me numa tarefa comum* ou seja, a professora regente, os alunos e eu pesquisadora estivemos envolvidos no processo visando a formação do leitor via literatura, com jogos lúdicos.

Não se pode falar de pesquisa participante sem falar de “observação participante” porque, conforme EZPELETA J. e ROCKWELL E. (1989: 83), *a observação participante possibilita formas de interação entre o pesquisador e os sujeitos, permitindo uma abordagem pessoal e abrindo fontes de informação que*

nenhuma outra técnica tornaria possível.

Este tipo de pesquisa não requer a definição de um modelo teórico acabado, ou seja, *que delimite o processo de observação, exigência, por exemplo, das pesquisas quantitativas e experimentais, nas quais a 'operacionalização' de variáveis é necessária. Dado o vínculo estreito entre observação e análise, a definição de categorias teóricas de diferentes níveis vem se construindo no processo de pesquisa etnográfica* (op. cit. p. 49).

Os dados coletados na pesquisa são predominantemente descritivos. Utilizo descrições de situações, acontecimentos e incluo fotografias (como anexos) constituindo com estas um álbum ilustrativo.

Para realizar as entrevistas utilizei um gravador e em seguida transcrevi no diário de campo, registrando não só a fala, mas gestos e expressões. Realizei entrevistas semi-estruturadas que permitem maior flexibilidade na abordagem do assunto.

Tanto as entrevistas como a experiência desenvolvida requereram a minha presença o tempo todo. Segundo WOLCOTT *o pesquisador deve realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente; o trabalho de campo deve durar pelo menos um ano escolar* (apud LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. 1986: 14).

A experiência com leitura, através de contar e ler histórias, do lúdico, da dramatização, foi desenvolvida durante um ano, ou seja, no segundo semestre de 1995 e no primeiro semestre de 1996 com alunos do nível sócio-econômico baixo, matriculados na 2ª série e no ano subsequente, dando continuidade na 3ª série.

Escolhi a Escola Municipal Irene Guimarães Pupo por estar localizada num bairro periférico da cidade, o Jardim Araucária - Morro Alto - e por atender muitas crianças da favela "Toca da Onça", próxima à escola, extremamente carente, cujas condições de vida são sub-humanas.

Assim, no primeiro capítulo deste trabalho apresento o porquê da literatura na escola. No segundo capítulo relato toda a experiência desenvolvida, como foi o trabalho

com as histórias contadas, lidas e interpretadas. O terceiro capítulo trata da expressão corporal (dramatização e jogo dramático). **Bom dia todas as cores** (Ruth Rocha) é o texto base utilizado. E a tentativa de conclusão, *Moral da história*, é o resultado do trabalho na voz da professora regente, da professora da quarta série e na voz dos alunos através das entrevistas e das anotações no diário de campo feitas pela professora regente e por mim.

CAPITULO I

“A ESCOLA PODE SER SÉRIA, SEM SER TRISTE E ENFADONHA”

Conhecendo a realidade das escolas, como a leitura é tratada, tendo em vista os anos de experiência como professora do ensino fundamental, também minha atuação como coordenadora de ensino de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Guarapuava, é que decidi desenvolver meu projeto de pesquisa com crianças, contando histórias, levando livros de história, suscitando o imaginário, priorizando o lúdico, a arte, dramatizando...

Iniciei minha pesquisa escolhendo uma escola, dentre as trinta e duas escolas urbanas do município, que atendesse crianças de baixo poder aquisitivo, pois, certamente, são as que menos têm acesso a livros... Optei pela Escola Municipal Irene Guimarães Pupo, justamente por atender a uma clientela de classe popular. Por curiosidade andei pelas ruas do bairro a pé, e encontrei muitas “casas de prostituição” (bares, boates), desde as mais simples até as mais requintadas (aparentemente, pois só vi o externo). Algumas mães de alunos trabalham direta ou indiretamente nesses locais. Depois passei a conhecer a escola onde iria desenvolver a pesquisa, caso fosse aceita.

A escola está localizada na Rua Arizona, esquina com a Rua dos Butieiros, no jardim Araucária - Morro Alto, próxima ao Quartel da Polícia Militar. Foi inaugurada em setembro de 1994. É um prédio de alvenaria, modelo padrão do município de Guarapuava e conta com as seguintes dependências físicas: sala da direção, secretaria,

sala dos professores (que também é oficina de trabalho dos professores e da supervisora), cozinha, sete salas de aula, onze banheiros, um laboratório de informática, que faz parte do programa Gira-Mundo do Município e um saguão aberto. São atendidas crianças de Pré a 4ª série no período diurno e alfabetização de jovens e adultos no período noturno. A escola conta com vinte funcionários, sendo onze professores, atendendo um total de trezentos e setenta alunos.

Antes de setembro de 1994, a escola funcionava numa casa residencial de madeira, com poucas condições de uso, sem banheiro sanitário, localizada na Rua Carroçável, esquina com a Rua Arizona. Era chamada de “Escola da Professora Izabel Pietnazka” ou “Escola Isolada do Morro Alto”. Mais tarde passou a se chamar “Escola Rural Cândido Portinari”. A Prefeitura Municipal de Guarapuava alugou esta casa de propriedade do Sr. Pedro Matoso, para atender às crianças em idade escolar, no período de 1991 a agosto de 1994. Como a cidade cresceu e chegou até a Escola Rural, houve necessidade de uma escola maior. E só em setembro houve a mudança para as novas instalações, mudança esta realizada pelos próprios professores e funcionários.

Meu primeiro contato com a escola foi no dia 2 de agosto de 1995. Fui bem recebida pela diretora, expliquei o motivo de estar lá, em seguida falei com as professoras, explicando o porquê da pesquisa, o que eu pretendia na escola. Três delas demonstraram interesse em ceder a turma. Decidimos que a turma ideal seria a 2ª série, porque permaneceria na escola por três anos, dando oportunidade aos professores de acompanhar, sentir e partilhar da pesquisa participante desenvolvida.

Ainda nesse dia falei com a professora regente, estudante do último ano de Pedagogia, solicitando algumas informações sobre os alunos. Fiquei sabendo que a turma era composta por quatorze meninos e dezoito meninas, a maioria deles pertencia à classe popular, uma turma ágil. Combinamos que todas as quartas-feiras eu trabalharia uma hora com os alunos e ela observaria e faria anotações no diário de campo, e logo após ter concluído as atividades, eu aproveitaria a oportunidade para anotar todo o

processo de desenvolvimento, para podermos discutir os resultados, redirecionar o trabalho, caso fosse necessário, pois de acordo com GAJARDO (1987: 43) na pesquisa participante, *a análise crítica da realidade, a execução das ações programadas conduzem ao descobrimento de outros problemas, de outras necessidades, de outras dimensões da realidade. A ação pode ser uma fonte de conhecimentos e de novas hipóteses.*

Quando me propus a realizar este trabalho tinha em mente os passos, as estratégias a seguir, porém estava consciente de que, conforme diz ANDRÉ (1987: 41) *a escolha de uma dada perspectiva não deve significar uma orientação pronta e única, mas um dos possíveis caminhos de aproximação do real, e esse caminho pode e deve ser questionado e revisto durante todo o desenvolvimento da pesquisa. A teoria vai, assim, sendo construída e reconstruída ao longo da pesquisa.*

Selecionei as histórias, as atividades que proporcionassem condições às crianças de estreitar relações afetivas com o livro, com o prazer de ler, de contar aos colegas o que leu e em especial que lessem um livro sem ninguém sugerir, recomendar, "impor". CECÍLIA MEIRELES (1984: 31) foi brilhante quando disse: *Ah! tu, livro despretenhoso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, o teu prestígio será, na verdade imortal.* Mas, para que eles descobrissem o livro na prateleira, "sacola", caixa... seria necessário aguçar-lhes a curiosidade, a vontade de ler. É comum ouvirmos nas escolas que os alunos não lêem, não gostam de ler, professores reclamando que a produção escrita de seus alunos é fraca... No entanto, o professor lê? Frequentou ou frequenta uma biblioteca? SILVA (1994: 8) afirma que *a grande maioria dos professores brasileiros ainda não descobriu que os acervos disponíveis, quando integrados nos trajetos de busca e produção do conhecimento, podem ser importantes e significativos. Muito frequentemente, a procura por máquina de xerox, visando a reprodução de textos retalhados para o consumo rápido, é bem maior do que o número de visitas às bibliotecas.*

O chamado 'vício das apostilas' ainda não foi frontalmente combatido nos meios escolares, e muitos alunos terminam a sua trajetória acadêmica sem nunca ter lido um único livro e sem nunca ter adentrado o recinto de uma biblioteca. Infelizmente a formação e a manutenção de bibliotecas escolares não é uma preocupação política do nosso sistema educacional. Grande parte das escolas não possuem bibliotecas, apresentam um acervo limitado ou não atualizado, o que dificulta a realização de um trabalho melhor e de boa qualidade.

Em nossa cidade a biblioteca “melhor” é da Universidade - UNICENTRO, mas somente quem está vinculado a ela tem direito de usufruir do acervo, no sentido de fazer uso do sistema de empréstimo.

As escolas não possuindo um acervo de qualidade que atenda as necessidades, os professores não podendo montar sua própria biblioteca e impossibilitados de tomar emprestados livros da biblioteca da universidade, - o universo “literário” do professor acaba sendo muitas vezes os livros didáticos, fartamente distribuídos pelo MEC e pelas editoras.

No primeiro contato que fiz com a escola, procurei conhecer o acervo bibliográfico, especialmente no que se refere à literatura infantil. Era tão reduzido que eu poderia corrigi-lo de uma só vez para a sala de aula. Apelei então para alguns volumes que possuía. Solicitei doações às editoras, tomei emprestados outros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura para desenvolver o trabalho de forma satisfatória. (Anexo I).

Com esta realidade, como poderá a escola formar leitores? Se praticamente não há livros, não há uma política no sentido de promover a leitura, como o aluno será leitor? A escola precisa ajudar a formar o leitor, porque senão os livros vão perdendo sua razão de existir. O leitor é que dá vida, sentido e significado ao texto. E este só se completa com o ato de leitura, na medida em que é atualizado. Segundo ECO *um texto quer alguém que o ajude a funcionar* (Apud BRANDÃO 1994: 16). Se o leitor é que

vai fazer funcionar o texto, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. Lembrando BRANDÃO, *essa concepção de leitura, e por trás dela, sustentando-a, uma concepção bakhtiniana da linguagem enquanto dialogicidade, interação, o leitor é um elemento ativo no processo. É não apenas decifrador de sinais, um descodificador da palavra. O leitor crítico nas palavras de BRANDÃO, busca uma compreensão do texto, dialogando com ele, recriando sentidos nele implícitos, fazendo inferências, estabelecendo relações, mobilizando seus conhecimentos para dar coerência às possibilidades significativas do texto; é cooperativo na medida em que constrói o universo de ficção a partir das indicações que lhe são fornecidas; é produtivo na medida em que, refazendo o percurso do autor, trabalha o texto e se institui como um co-emunciador; é, enfim, sujeito do processo de ler e não objeto, receptáculo de informações.*

Uma concepção de leitura como mera decifração de sinais, como puro reconhecimento e repetição do saber já construído, está totalmente descartada, porque inócua, geradora de automatismos e autômatos. A leitura como exercício de cidadania exige um leitor privilegiado de aguçada criticidade, que num movimento cooperativo, mobilizando seus conhecimentos prévios (lingüísticos, textual e de mundo), seja capaz de preencher os vazios do texto, que não se limite à busca das intenções do autor, mas construa a significação global do texto percorrendo as pistas, as indicações nele colocadas e, mais ainda, que seja capaz de ultrapassar os limites pontuais de um texto e incorporá-lo reflexivamente no seu universo de conhecimento de forma a levá-lo a melhor compreender seu mundo e seu semelhante. (BRANDÃO 1994: 18).

Seria essa a função da escola, desde as séries iniciais, levar a criança a dialogar com o texto, pois o autor leva em conta o outro, nas palavras de (GERALDI 1993: 102) *o outro é a medida: é para o outro que se produz o texto. E o outro não se inscreve no texto apenas no seu processo de produção de sentidos na leitura. O outro insere-se já na produção, como condição necessária para que o texto exista. É porque se sabe do outro que um texto não é fechado em si mesmo. Seu sentido, por maior*

precisão que lhe queira dar seu autor, e ele o sabe, é já na produção um sentido construído a dois. Quanto mais, na produção, o autor imagina leituras possíveis que pretende afastar, mais a construção do texto exige do autor o fornecimento de pistas para que a produção do sentido na leitura seja mais próxima ao sentido que lhe quer dar o autor.

Cabe à escola o desafio da formação desse leitor. O caminho inicial mais acessível é o texto literário. Quase não há livros nos berços, nos parques, nas casas, nos consultórios de pediatras e dentistas. Muitos vão conhecer o livro na escola, e ao chegar acabam deparando-se, segundo RUBEM ALVES, com educadores imediatistas, que só pensam na chegada, nunca na beleza da travessia.

O educador deve ser o estimulador, já que a grande maioria dos pais não foram. Deve mostrar o livro para a criança sempre, procurar descobertas, críticas e recriações. Ser capaz de abrir espaços para o prazer, para a curtição. Que a literatura seja opção e não imposição.

Para BRANDÃO e MICHELETTI (1994: 19) *a literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia as nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é a criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação. A literatura resiste ao tempo, não se esgota como o discurso informativo dos jornais e noticiários, tem um quê de perenidade, parece sempre ter o que dizer ao homem que a procura, permanece na memória à qual o indivíduo recorre; a linguagem comum serve-nos para as nossas necessidades mais imediatas, assim nossa memória não retém relatos que não nos prendam por laços emotivos".* Isso ocorre porque o poeta, o autor de obras literárias não usa a linguagem comum, "normal" e sim dá a elas um toque mágico capaz de resistir às mais variadas mudanças dos tempos.

Se o texto literário tem esse poder de sedução, por que não explorá-lo, não fazer uso dele na escola o máximo que o tempo permitir? Segundo as autoras podemos nos conhecer melhor, sofrer transformações, crescer enquanto pessoa, via literatura.

Também segundo elas *a literatura integra diversos prazeres: o da criação, o da ação, o do conhecimento, o do bem-estar interior, o do lazer que se condensam na fruição; a escola pode ser séria sem ser triste e enfadonha. Seguramente um bom leitor de textos literários, em especial de poesia, essa espécie de bastardinha na escola, será um excelente leitor de textos considerados sérios: os informativos, os científicos etc.*

A presença da literatura na escola pode contribuir decisivamente para a formação do leitor. Mas de que forma? Sabe-se dos *usos e abusos da literatura na escola*. Segundo LAJOLO (1982: 29) *algumas editoras tentando ampliar a faixa de mercado de autores contemporâneos, acompanham seus livros de instruções de uso, ou seja, de fichas, roteiros e questões que sugerem ao professor os caminhos de penetração na obra. Desnecessário dizer-se que, nesta adaptação escolar, qualquer vanguarda perde seu vanguardismo, obrigada a moldar-se aos clichês literários já sancionados pela escola.*

O excessivo uso de textos didáticos em sala de aula acaba furtando ou reduzindo o espaço precioso destinado ao texto literário. Conseqüentemente esse empobrecimento de acordo com LAJOLO (op. cit.) *pode ser considerado o primeiro traço que jovens leitores apreendem em manuais e antologias e que, repetido ao longo da vida escolar, pode incapacitá-los permanentemente para a fruição de obras que não sigam à risca o modelo proposto pela cartilha.*

Raramente se pensou no papel da escola para a formação de um público literariamente amadurecido. Tradicionalmente o ensino de literatura via seus alunos como recipientes vazios e se propunha a enchê-los *com informações da mais desconhecida natureza, toda elas periféricas ao fato literário. Biografia do autor, influências que recebeu, cargos públicos que ocupou, tudo isso tem ofuscado os autores*

didáticos. Se tal calamidade só encontrasse guarida em obras antigas, o susto seria menor, conforme LAJOLO (1982: 49).

A passividade com que é trabalhada a literatura na escola, ou seja, como que digerem conceitos e fórmulas matemáticas, regras gramaticais, acostuma o aluno a uma atitude sempre passiva diante do texto.

Priorizam-se textos antológicos de autores antigos, mortos de preferência. Com isso, de acordo com LAJOLO (1982: 51), *estabelece-se um traço característico da visão escolar da Literatura: o melhor dela foi composto no passado. Essa atitude é, sem dúvida, fator de socialização do texto literário. Além de diretivo (sempre ordenando, comandando, proibindo...), aos olhos dos alunos, o fazer literário foi tarefa de outras gerações. A escola projeta sobre o texto a sua sombra, absorve-o, assimila-o e o mistura na linguagem da ideologia dominante.*

Literatura acaba sendo para nossa sociedade, objeto supérfluo comparado aos bens de consumo. Por isso a literatura para a escola é utilitária. Segundo LAJOLO (1985: 120) *é o destino da literatura de encomenda, engajada como literatura escolar, travada pelos objetivos, estratégias e filosofias pedagógicas; nessa literatura a serviço parece haver um mínimo de retorno indispensável, e que deve ser assegurado a qualquer preço, mesmo que este seja a qualidade literária, ou a literalidade. É a possibilidade de tal retorno que torna o livro escolar um investimento editorialmente seguro, didaticamente discutível, e literariamente desastroso.*

Desaparece a gratuidade da literatura usada na escola e esta assume características de forma moderna, capitalista e ideológica.

Tornar-se um adulto leitor, assíduo, crítico, não acontece da noite para o dia, como que por encanto, ou como num toque de mágica. O meio social pode contribuir para isso, proporcionando contato direto com material escrito e cabe à escola cativar, envolver, seduzir os alunos para o mundo das letras, já que este é o seu papel. Quanto antes esse processo se iniciar mais cedo resultados qualitativos poderão enriquecer o

processo ensino/aprendizagem.

Existe uma literatura infantil? Para CECÍLIA MEIRELES (1984: 20) *evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera especialmente do âmbito infantil. Mas se existe a tal literatura, o certo, porém, é que os livros que têm resistido ao tempo, seja na Literatura Infantil, seja na Literatura Geral, são os que possuem uma essência de verdade capaz de satisfazer a inquietação humana, por mais que os séculos passem. Ou ainda, são também os que possuem qualidades de estilo irresistíveis, cativando o leitor da primeira à última página, ainda quando nada lhe transmitam de urgente ou essencial. Isso só é possível porque um livro de Literatura Infantil é, antes de mais nada, uma obra literária.*

É clara e grave a falta de leitura nas escolas. De um modo geral pouco se lê. Para se entender esse presente triste, basta olhar o passado (História) e perceber a corroboração presente de um passado sem leituras, pois a prática de leitura no Brasil iniciou-se de forma lenta.

Segundo LAJOLO e ZILBERMAN (1996: 18) *só por volta de 1840 o Brasil do Rio de Janeiro, sede da monarquia, passa a exibir alguns traços necessários para a formação e fortalecimento de uma sociedade leitora: estavam presentes os mecanismos mínimos para produção e circulação da literatura como tipografias, livrarias e bibliotecas; a escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeeicultura e dos interesses econômicos britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso.*

Autores e narradores do início do Romantismo conduzem, tratam o leitor como um ser frágil e despreparado. Tutelam-no de modo paternalista com medo de à menor dificuldade, seja o livro posto de lado pelo leitor. Agem como se este tivesse sempre razão.

O leitor evolui. É qualificado segundo LAJOLO e ZILBERMAN (1996:21)

como indivíduo *perspicaz e apto para sofrer uma narrativa de princípio a fim*. Com isso, parece estabelecer-se um tipo de familiaridade, que vai além daquela existente entre quem conta uma história e um ouvinte que se deseja atento. Trata-se agora de elevar o leitor, a partir de caracterização refinada e intelectual do ambiente e das atitudes, inscrevendo o interlocutor do narrador entre os membros da elite.

A caracterização do leitor e do narrador se elevam. O primeiro passou a não ser mais o destinatário simplório que requeria atitudes paternalistas, explicações constantes, retrocessos no relato e o segundo ultrapassa a posição de escriba que necessita dispensar atenções ao interlocutor primaríssimo.

O livro passou a ser negócio lucrativo. Conforme LAJOLO e ZILBERMAN (1996: 61) *o escritor era apenas um, não dos mais importantes, entre vários artesãos envolvidos na sua produção. Foram, aliás tipógrafos e livreiros, e não profissionais da pena, os primeiros beneficiários da regulamentação dos direitos e deveres que afetavam livros e escrita. Só paulatinamente, em decorrência de uma idéia nova que concebia o texto como o principal dentre os vários constituintes do livro, da manufatura do papel à ilustração e impressão, começaram a desenvolver-se e concentrar-se privilégios em torno do escritor.*

No Brasil do século XIX não foi possível à maioria dos escritores viver de sua produção literária. Além das dificuldades de ordem técnica encontradas, segundo LAJOLO e ZILBERMAN (1996) mais de 70% da população no final do século XIX era analfabeta. Enquanto a Europa avança na Revolução Industrial, na modernidade, o Brasil vegeta intelectualmente, carente de livrarias e imprensa. Os poucos leitores que havia, reclamavam do preço dos livros caros ou por serem importados, ou porque a produção nacional era pequena.

O Estado não se responsabilizava pela alfabetização do público *nem preservava os interesses do país no mercado nacional, a nomeação de escritores, para cargos públicos consistia, de um lado, na confissão de sua impotência institucional; de*

outro, na tentativa de remendar a impotência de forma canhestra, mutilando simultaneamente a instituição literária, por não reconhecê-la enquanto tal, e o serviço público, no qual postulava a existência do ócio necessário à criação. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1996: 71).

Percebe-se na citação que escritores viviam lutando, procurando saídas alternativas para sobreviver. O descaso com a literatura no país era imenso. Por esses dados pode-se imaginar como a escola funcionava. O livro didático era o que de melhor a escola possuía, e como este ganhou espaço, muitos escritores viram nele uma forma de rentabilidade imediata.

A educação já iniciou com a presença marcante do livro didático, e a cena se perpetuou. Hoje são poucas as escolas com biblioteca cujo acervo seja atualizado, a grande maioria apoia seu trabalho no livro didático e fica por isso mesmo. Pode-se considerar, segundo LAJOLO e ZILBERMAN (1996: 120), o livro didático como o *primo-pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação. Sua história é das mais esquecidas e minimizadas, talvez porque os livros didáticos não são conservados, suplantado seu prazo de validade.*

Por outro lado, ele é o primo-rico das editoras: as primeiras e as mais antigas já o incluíam em seus catálogos, e as mais atuais e mais modernas sonham com dispor de um ou mais títulos adotados por professores, escolas ou Secretarias de Educação. A vendabilidade do didático é certa, conta com o apoio do sistema de ensino e o abrigo do Estado, é aceita por pais e educadores. Editor nenhum o ignora, embora nem sempre o tenha a seu alcance.

A situação educacional no início do século XIX não era boa. A instrução pública ia mal. De acordo com LAJOLO e ZILBERMAN (1996: 133) há *indícios de que, em 1819, o ensino esparso e sem direção prossegue ministrado no mesmo sistema*

de aulas régias e avulsas. Em 1823, cresce o número de escolas, graças ao decreto 30, de junho de 1821; porém, mesmo esta medida, aparentemente positiva, acaba sendo contraproducente, já que permite a qualquer cidadão o ensino e a abertura de escolas de primeiras letras independentemente de exame de licença.

Tanta improvisação, que a médio e longo prazo terá conseqüências graves na formação de um público leitor quantitativa e qualitativamente habilitado a vivenciar práticas modernas de leitura, produz críticas amargas na época.

Mesmo após a Proclamação da República, o país continua sem escolas suficientes para atender à demanda. No Rio de Janeiro *as escolas públicas [...] são insuficientes para atender a todas as crianças, e a esta denúncia acrescenta que outro obstáculo de vulto ao desenvolvimento da instrução no Brasil é a quase absoluta falta de bons livros escolares.* (id., ibid.: 144)

Ao final do século XIX, o Brasil muda de fisionomia política: em 1889, a República reacendia esperanças, prometendo consertar as falhas do Império. No entanto, os problemas continuam. Segundo o republicano OLAVO BILAC (apud LAJOLO e ZILBERMAN 1996: 155) *em todo o Brasil, de 1000 habitantes em idade de cursar escolas primárias, em 1907 somente 137 estavam matriculados, e somente 96 freqüentavam as aulas; para 10.000 de todas as idades, havia somente 6 escolas com 7 professores, com 294 alunos de todas as idades, - o que quer dizer que englobadamente, estimando-se toda a população, a relação de todos os alunos era de 29 por 1000.*

O problema da educação brasileira não se resumia à carência ou inadequação dos livros escolares. Má formação dos docentes, arbitrariedade, monotonia na escola desassistida, certamente não eram de molde a construir leitores.

Com a chegada de D. João ao Brasil em 1808, vem também de Portugal um acervo de setenta mil volumes, colocados a disposição do público no edifício dos Terceiros da Ordem do Carmo. O público tinha acesso à Biblioteca grande parte do dia; entretanto notavam-se as salas vazias, raramente alguém aparecia.

A aquisição de livros é de fundamental importância, mas só isso não basta. Estantes podem estar repletas de livro, que só passarão a existir no momento que haja um interlocutor. Este dará vida ao texto no momento em que dialogar com ele.

Se a literatura infantil europeia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os célebres **Contos da Mamã Gansa**, a literatura infantil brasileira veio a surgir quase no século XX, embora ao longo do século XIX reponte aqui e ali o aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças.

Em 1905 é lançada com muito sucesso a revista infantil **O Tico-Tico**. *A longa permanência da revista no cenário, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas - tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da hoje chamada indústria cultural.* (LAJOLO e ZILBERMAN 1988: 25).

Lamentava-se a ausência de material de leitura para a infância brasileira. O mínimo que havia era importado. Sentindo esse vazio, intelectuais, jornalistas e professores começaram a produzir livros infantis destinados especialmente à escola. A tarefa era de cunho patriótico. Escritores dessa época eram bem relacionados com o governo, o que lhe garantia adoção maciça dos livros que escrevessem. Apelos nacionalistas e pedagógicos estimulam o surgimento de livros infantis brasileiros. Também nas últimas duas décadas do século passado, multiplicam-se as traduções e adaptações de obras infantis.

LAJOLO e ZILBERMAN (1988: 29) afirmam que *Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, Contos seletos de mil e uma noites (1882), Robinson Crusóé (1885), As Viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen (1891), Contos para filhos e netos (1894) e D. Quixote de La Mancha (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados*

nos Contos da Corochinha (1894), nas Histórias da avozinha (1896) e nas Histórias da baratinha (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.

Em 1894 Figueiredo Pimentel inaugura a coleção Biblioteca Infantil Quaresma, que vai fazendo circular entre a infância brasileira as histórias de Perrault, Grimm e Andersen. Em 1915 a editora Melhoramentos inaugura sua Biblioteca Infantil.

Adaptações do modelo europeu não se exerceram apenas sobre os contos de fadas, influenciaram as produções nacionais pretendendo que as obras visassem a formação do cidadão.

Monteiro Lobato publica em 1921 **Narizinho Arrebitado** (livro de literatura para uso das escolas primárias). Obteve grande sucesso e continuou produzindo para crianças. Dez anos depois remodela a história original de Narizinho e acrescenta outras que escrevera até então, resultando em **Reinações de Narizinho**. É o início de uma fértil etapa na ficção brasileira. Outros autores como Viriato Correia e Malba Tahan incorporaram-se à literatura infantil.

O crescimento quantitativo da produção para crianças e a atração que ela começa a exercer sobre escritores comprometidos com a renovação da arte nacional demonstram que o mercado estava sendo favorável aos livros. Essa situação relaciona-se aos fatores sociais: a consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país, o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista. Há maior número de consumidores, acelerando a oferta; e há a resposta das editoras, motivadas à revelação de novos nomes e títulos para esse público interessado, seja de modo parcial como a Globo, que edita Érico Veríssimo, Lúcio Cardoso, Cecília Meireles, entre outros, ou a Companhia Editora Nacional, a que se ligam Monteiro Lobato e Viriato Correia, ou como a Melhoramentos, a Editora Brasil que, preferem o lançamento de traduções. (LAJOLO e ZILBERMAN 1988: 47).

Com o processo de modernização do Brasil, a literatura infantil expandiu-se. Textos foram escritos segundo o modelo de produção em série e o escritor, *foi reduzido à situação de operário, fabricando, disciplinadamente, o objeto segundo as exigências do mercado.*

Estas exigências não eram necessariamente as do consumidor final - o pequeno leitor - e, sim das instâncias que se colocavam como mediadoras entre o livro e a leitura: a família, a escola, o Estado, enfim, o mundo do adulto, nas suas diferentes esferas, desde a mais privada à mais pública (LAJOLO e ZILBERMAN 1988: 119).

Nos anos 60 multiplicam-se instituições e programas voltados para o fomento da leitura e discussão da literatura infantil. Aumenta também o número e títulos brasileiros, os autores nacionais vão se impondo. Segundo LAJOLO e ZILBERMAN (1988: 124) *entre 1975 e 1978, por exemplo, de um total de 1890 títulos, 50,4% constituem traduções (953 títulos) e 46,6% são textos nacionais.*

Os livros sendo produzidos dentro de um sistema editorial mais moderno, implica regularidade de lançamento no mercado. Conseqüentemente alguns escritores lançam vários livros num ano, perfazendo inúmeros títulos que independentemente da qualidade garantem a venda graças ao trabalho das editoras que visam o lucro.

Nas décadas de 70 e 80 são lançados livros com traços de modernidade: há ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como elemento autônomo, praticamente auto-suficiente. De acordo com as autoras citadas (1988: 128), *isso ocorre em certos momentos de O caneco de prata (1971), de João Carlos Marinho, onde letras e palavras, abandonando a linearidade peculiar à linguagem verbal, estruturam-se em grafitis e caligramas. Também em Chapeuzinho Amarelo (1979), de Chico Buarque com programação visual de Donatella Berlendis, letras e palavras se encorpam e configuram visualmente o significado do texto. Mas é principalmente através de obras como Flicts (1969) de Ziraldo, Domingo de manhã (1976), Ida e volta (1976); ambos de Juarez Machado, O ponto (1978), de Ciça e Zélio,*

Depois que todo mundo dormiu (1979), de Eduardo Piochi e O Menino Maluquinho (1980), de Ziraldo, que livros infantis brasileiros contemporâneos têm o visual como centro, e não mais com ilustração e/ou reforço de significados confiados à linguagem verbal.

E a modernização não parou por aí. Hoje temos livros com fantástico visual, onde personagens se movimentam, há livros com música, livros perfumados, livros de pano, de banho etc.

A produção literária é muito vasta, e onde estão os leitores? Por que há carência de livros nas escolas?

De Monteiro Lobato até 1970, segundo PERROTTI (1986: 12), predominava na literatura o discurso utilitário, isto é, textos com finalidades didáticas. João Carlos Marinho Silva, em **O caneco de prata** (1971) rompe *completamente com a tradição retórica vigente, herdada dos centros europeus, e que postulava, explicitamente ou não, a estruturação da narrativa a partir de critérios alheios à dinâmica interna da própria obra*. **O caneco de prata** inaugura no país um período em que a literatura para crianças e jovens passa a ser repensada. O discurso estético superando o utilitário. Se até então aceitava-se passivamente o que viesse, a partir de 70, devido às transformações ocorridas na sociedade brasileira, o público leitor e a crítica passaram a ser mais exigentes, selecionar mais. CECÍLIA MEIRELES afirma (op. cit.) que *a beleza pode ser útil em seu aproveitamento e não no seu aparecimento. Não é, pois, a obra que se mostra utilitária, mas o uso que dela faz o leitor*.

Retomando PERROTTI, *ultrapassar o utilitarismo não significa deixar de reconhecer que a obra literária educa, ensina, transmite valores, desamunha tensões etc. Significa dizer que, se a obra realiza todas essas funções, ela o faz de um modo específico, que determina sua própria natureza dinâmica, suas leis, suas exigências internas que, se violadas em nome de um valor exterior como a eficácia junto ao leitor, pode comprometer sua integridade estética. Assim, em graus variados, quase todos*

reconhecem que a literatura é útil. Todavia todos lastimam que ela submeta sua dinâmica interna a esse fator.

CAPÍTULO II

DO SONHO À PRÁTICA

Foi com as concepções de leitura expostas no capítulo anterior e com a certeza de que a formação inicial do leitor passa pelos caminhos das descobertas do prazer que no dia 16 de agosto de 1995 iniciei o trabalho.

Procurei conhecer os alunos com os quais iria trabalhar. A matrícula da 2ª série em fevereiro de 1995 era de trinta e sete (37) alunos novos. Três (3) desistiram no primeiro semestre e seis (6) foram transferidos no decorrer do ano. O motivo da transferência foram as migrações. Pais em busca de trabalho mudam de bairro para bairro ou para outras cidades.

Os alunos pertencem a famílias de assalariados. Em média as famílias recebem mensalmente de um (1) a três (3) salários mínimos. 70% dos pais possuem o primeiro grau incompleto, 10% possuem o segundo grau e 20% são analfabetos.

Em relação a profissão, os pais são: serventes, lavradores, pedreiros, tratoristas, motoristas, carpinteiros e armadores, um pai é mecânico, um pintor e outro é padeiro. Algumas crianças não convivem com o pai e outras tem o pai desempregado. Quanto às mães, a grande maioria é dona-de-casa, algumas são diaristas, outras domésticas; uma é cabeleireira e outra é enfermeira.

Perguntei aos alunos se possuíam livros em casa, se a família lia e o que lia. 30% dos alunos respondem que sim dizendo que os pais liam revistas, jornais, livros e a Bíblia. Como não lembravam os títulos, sugeri que anotassem os nomes e

trouxessem na semana seguinte.

Os títulos encontram-se no anexo II. Na relação, cada letra equivale aos livros pertencentes a uma família.

Percebe-se na relação que 30% possuem um ou dois volumes apenas. Duas famílias possuem mais, uma delas, letra g, têm livros evangélicos e nas demais prevalece a literatura infanto-juvenil.

Os outros alunos não se manifestaram porque a família não possuía nenhum livro.

Diante desses fatos cabe à escola iniciar e formar seus leitores, pois se os alunos não têm livros, revistas em casa, se a família não lê, a escola tem por obrigação proporcionar leitura. Apesar da exigência legal, a biblioteca escolar ainda não se integra devida e absolutamente à escola brasileira. As poucas que sobrevivem são depósitos de livros, a maioria desatualizados, sem bibliotecários.

Os órgãos competentes responsáveis pela construção e ampliação do espaço físico escolar já constroem as escolas com o número exato de salas, visando suprir apenas as vagas reais de alunos. Conseqüentemente a maioria das escolas (em especial as municipais) ficam impossibilitadas de iniciar a formação de sua biblioteca devido à falta de espaço físico.

O governo (estadual/municipal) não investe na aquisição de livros, os diretores de escola por sua vez também não priorizam a compra de livros visto que a escola não tem biblioteca. Completando o círculo vicioso, professores não trabalham ou trabalham pouco na formação do leitor. E o aluno sai perdendo, pois em sua casa não há livros e a escola não tem cumprido o seu papel.

Diante de tais circunstâncias o que fazer? Como proceder? Que estratégias utilizar para amenizar o “problema leitura nas escolas públicas”?

Tendo em vista isto, desenvolvi o projeto de pesquisa numa escola de periferia, buscando promover entre os alunos a leitura. Para tal no segundo semestre de

1995 desenvolvi onze aulas, e no primeiro semestre de 1996 catorze aulas, num total de vinte e cinco aulas. As aulas correspondentes ao semestre de 1995 serão descritas a seguir na ordem em que foram desenvolvidas. Primeiramente o quadro demonstrativo, depois relato sucinto da atividade e ao mesmo tempo aproveito para analisar os dados mais significativos. As aulas desenvolvidas em 1996 estão descritas de forma geral, pois repeti algumas atividades levando em conta os alunos novos na classe. No entanto o trabalho ficou centralizado no texto **Bom dia todas as cores** de Ruth Rocha.

Ao entrar na sala todos ficaram em silêncio, olhos arregalados... Podia sentir nos olhares a indagação: Quem é ela? O que quer? Estavam dispostos em duas fileiras duplas e uma individual no centro da sala, o que tornava a sala mais espaçosa!

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
01	16-08-95	Asa de papel	ler	ouvir, observar os cartazes e interpretar	cartazes
		O caso do bolinho	contar	cantar, interpretar e dramatizar	cartazes

Apresentei-me, perguntei quem gostava de ler, ouvir histórias. Acenaram tímida e positivamente, balançando a cabeça.

Ampliei o livro **Asa de Papel** de Marcelo Xavier transformado em grandes cartazes, para que todos vissem as imagens, já que são fundamentais no texto e li a história. Do meu ponto de vista este livro é para ser observado, absorvido por um tempo em silêncio. Deixei que os alunos curtissem esse momento só depois passamos a interpretar cada cartaz, num total de vinte e dois, pois cada cartaz equivale a uma página do livro. O cartaz mais explorado foi o antepenúltimo ou seja nesta página do livro há o desenho de uma televisão com o seguinte texto: *ou quando quiserem fazer você de bobo* e nas páginas seguintes fechando o livro *leia um livro*. A televisão nos faz de bobo? Como selecionar,

(1) Cada aula eu vou apresentar, primeiro com uma súmula rápida num quadro e depois a descrição desse quadro.

filtrar as informações que recebemos da “telinha”? Essas foram algumas interrogações feitas aos alunos. Este livro é um incentivo à leitura, a manusear livros.

Em seguida peguei uma folha de papel, amassei e perguntei com o que se parecia. Cada um arriscava um palpite: *é uma bola, uma bolinha de gude, um ovo, um botão...* e assim foram até que alguém disse que era um bolinho. Concordei. É, realmente se parece com um *Bolinho*. Passei a ensiná-los a canção que faria parte da história, **O caso do bolinho** de Tatiana Belinky, que em seguida eu contaria.

Eu sou um bolinho

Redondo e fofinho

De creme recheado

Na manteiga assado.

Musicalizei a canção, isto é, inventei um ritmo e passei a ensiná-la. Depois que todos já sabiam cantar, combinamos um sinal, isto é, um gesto que eu faria com a mão e assim que eu o desse, eles cantariam a canção do “bolinho” no decorrer da história. Este livro é a história de um Bolinho que cansado de esperar que a avó o venha buscar, rola da janela para o assoalho, do assoalho para o quintal e encontra uma lebre faminta. Para se ver livre dela canta a canção *Eu sou um bolinho...*, enquanto a Lebre se distrai com a canção, o Bolinho foge. Encontra um Lobo faminto e a cena se repete, finalmente encontra uma Raposa também faminta que se faz de surda e pede para o Bolinho cantar bem próximo a ela no focinho. Ao fazer isto, ele é “papado” pela Raposa. Então para o Bolinho não cantar sozinho, os alunos cantavam juntos, dado o sinal combinado. A canção aparece quatro vezes na história, portanto os alunos cantaram quatro vezes junto com o Bolinho. Todos ficaram atentos, enquanto ouviam. Terminada a história, ainda cantamos a canção. Após o momento do canto, interpretamos, questionei-os a respeito do triste fim do Bolinho, “papado” pela Raposa. Será mesmo que ela é mãe?

Sugeri que improvisassem a dramatização da história. Expliquei como seria:

um faria o personagem avô, outro a avó, o Bolinho, a Lebre, o Lobo e a Raposa. Enquanto as seis crianças dramatizariam os demais alunos participariam cantando *Eu sou um Bolinho....* Seis alunos se prontificaram a fazer a atividade, demonstraram timidez, mas lembraram grande parte do enredo. Quando alguém esquecia a cena, eu interferia relembando.

Fizemos duas vezes esta atividade, a segunda saiu um pouco melhor. A interferência na história através do canto atraiu a atenção dos alunos. A “platéia” não apenas assistiu, mas participou. Pela animação senti que gostaram.

Saí de lá contente, mil histórias me vieram à mente para contar a eles. Porém ao refletir mais tarde em casa sobre o dia de trabalho concluí que exagerei na quantidade de atividades. Talvez pelo fato de não conhecer os alunos no dia-a-dia, não sabia o quanto poderiam render, talvez por trabalhar novamente com crianças depois do afastamento de sala de aula em virtude do meu trabalho na Secretaria Municipal de Educação e Cultura, empolguei-me. Também, creio que me precipitei ao sugerir que improvisassem uma dramatização logo de início, com certeza não foi fácil, pois não estavam acostumados a esse tipo de atividade. Ao demonstrarem timidez e declararem (a maioria) não ter participado de eventos públicos, fica claro que o cotidiano escolar resume-se à sala de aula, enfileirados, ouvindo e ouvindo. Quando perguntei a eles se haviam feito, participado de apresentações públicas (artísticas), apenas três crianças se manifestaram. Duas delas participaram de Feira das Ciências e a outra havia cantado uma “musiquinha” no dia dos namorados.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
02	24-08-95	45 (quarenta e cinco) livros	distribuir os livros, o material e organizar o mural	ler e desenhar	livros, mural com desenhos

Na segunda aula levei quarenta e cinco livros (anexo III) para eles lerem. À

medida que os espalhava, falava o título, dizia algo sobre... Deixei que escolhessem livremente e trocassem quando quisessem. Apenas enfatizei que só após a leitura, poderiam saber se o livro é bom, interessante ou não.

Um dos alunos estava com o livro **Bruxinhas e Bruxarias** de Luciana Maria Marinho Passos. Após ter lido, instigou os colegas para descobrirem onde estavam os objetos da Bruxinha. Alguns (cinco alunos) se interessaram por este livro, um deles quis ler o livro para mim, explicando como fazia para descobrir os objetos da Bruxinha.

Os dois mais disputados foram **Chapeuzinho Vermelho** - por ser bastante conhecido - e **Peter Pan** - por influência da televisão. Levei este livro para sala de aula, pois faz parte do acervo da escola. De acordo com MAGNANI (1995), a que se tomar cuidado com *a peterpanização dos leitores, infantilizando e trivializando o literário, privatizando e consumindo objetos culturais e supondo aprendizagem sem ensino*. Tal fato, de acordo com a autora, priva os leitores da fruição estética e do conhecimento.

Depois da leitura distribuí folhas, lápis-de-cor, giz-de-cera e canetas hidrocor para que desenhassem a história que leram ou a que mais gostaram, no caso de quem havia lido mais de uma. Quando os desenhos ficaram prontos, montamos um mural com os mesmos. Os alunos iam mostrando o desenho para os colegas, contando o título da história lida, o autor e fixando o trabalho no mural.

Ainda nesse dia quiseram cantar a “Canção do Bolinho” que na aula anterior havíamos trabalhado.

Segundo a professora regente após a primeira aula os alunos reproduziram a história **O caso do Bolinho**, pediam para cantar todos os dias a fim de não esquecer a canção e aguardaram ansiosos a próxima aula de leitura.

Enquanto iam, observei a atitude deles. Muitos passaram a maior parte do tempo trocando e folheando os livros. Talvez pela curiosidade de conhecer, trocar os livros ou talvez por pouco lerem no dia-a-dia.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
03	30-08-95	Os músicos de Brêmen	ler	ouvir, interpretar, origami dos personagens	cartazes sanfonados

Ao entrar na sala para a terceira aula, os alunos bateram palmas. Para esse dia selecionei uma história que tem uma história... Quando eu era criança... nos dias chuvosos, meu pai não ia trabalhar no campo, ficava em casa. Meus irmãos e eu vibrávamos com isso. Ele fazia gemada para tomarmos com vinho e depois contava histórias para nós. Algumas eram bíblicas, outras eram “causos” que alguém havia lhe contado. Lembro-me de um que ele nos contou. Era mais ou menos assim... “os animais estavam cansados, velhos e seriam mortos para não dar mais despesas aos seus donos. Assustados, cada um fugiu de sua casa, no caminho foram se encontrando. O cavalo, o cachorro, o gato e o galo. Todos decidiram que seriam músicos na cidade. Partiram entusiasmados. Cansados pararam para dormir. O galo se empoleirou bem no alto de uma árvore, e de lá avistou uma luz. Avisou seus companheiros e foram até lá. Como a janela era alta, o cachorro subiu em cima do cavalo, o gato em cima do cachorro e o galo em cima do gato, para saberem o que havia lá. O galo expiou pela fresta..., era um bando de ladrões, comendo, bebendo, dividindo dinheiro roubado. Resolveram atacar, fazendo um barulho ensurdecedor. Os ladrões fugiram assustados... Os animais saciaram a fome, dormiram... Não foram à cidade, montaram o conjunto musical e passaram a tocar ali mesmo”.

Esse “causo” eu ouvi quando criança, e um dia ao selecionar histórias para contar aos alunos, encontrei **Os Músicos de Brêmen** (Adap. Maria Heloisa Pentead). Li, fiquei emocionada, pois era a mesma história que meu pai havia nos contado. Ampliei os desenhos, colorí, coleí em cartolina, formando cartões. Após uni um ao outro com fita adesiva, fazendo uma espécie de sanfona. Na leitura da história que vou contando, a “sanfona” vai abrindo e os ouvintes vão acompanhando o enredo. Como não podia vê-los (pois estava atrás da “sanfona”), pelo silêncio deduzi que estavam atentos.

Nesta aula minha observação se ateve a verificar se os alunos acompanharam a narrativa. Um dia eu ouvi de meu pai essa história, que ficou na memória. Deixei que os alunos absorvessem o enredo.

Ao trabalharmos com origami dos personagens da história, deixei-os livres para escolher qual gostariam de fazer. Alguns escolheram o cavalo por ser forte, outros o gato por ser carinhoso, mas a maioria optou pelo cachorro, pois muitos deles têm esse animal em casa. Outros optaram por fazer origami de todos os personagens. Com habilidade ou sem todos conseguiram dobrar, ora com minha ajuda, ora com a dos colegas mais habilidosos.

Alguns alunos optaram por colar as dobraduras no caderno para posteriormente usarem. Segundo a professora regente as dobraduras foram utilizadas no decorrer da semana para produção de textos.

Procurei intercalar as aulas, numa semana explorando uma história (contando, lendo, interpretando...) e na outra levando livros para que eles lessem o texto. Queria que fossem descobrindo nos livros muitas histórias interessantes, que intertextualisassem, relessem as histórias contadas por mim ou pelos colegas.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
04	13-09-95	46 (quarenta e seis) livros	ler e contar	ler e participar da hora do conto	livros

Selecionei para a quarta aula quarenta e seis livros (anexo IV), alguns eu os trouxe novamente, tendo em vista a procura, para que mais alunos tivessem oportunidade de lê-los. Dei um tempo para que lessem. Alguns continuavam folheando e trocando apenas, enquanto outros pareciam mergulhados na leitura.

Formamos um círculo para fazermos a “Hora do conto”. Separamos uma cadeira, deixando-a livre, quem sentasse nela teria a palavra, contaria a história lida. Deixei-os livres, quem quisesse poderia contar. O primeiro aluno a usar a palavra havia lido A

casa sonolenta de Audrey Wood. Não conseguiu contar acabou lendo a história. Mais quatro alunos “contaram” e ambos demonstraram dificuldades ao contar: **A borboleta bela e rosa amarela** (Regina Sormani Ferreira), **O burro que caiu do céu** (Giselda Laporta Nicolelis), e **O casamento da bruxa Onilda** (E. Lareulla e R. Capdevila), prenderam-se ao texto. Percebo que têm dificuldades em falar, contar o que lêem. Dos que tentaram, um aluno apenas conseguiu contar com uma certa desenvoltura a história **A descoberta de Joanhina** (Bellah Leite Cordeiro).

Percebo que são ágeis, têm potencial, mas estão atrelados, presos, demonstram uma certa dificuldade em se expressar no grupo maior. Enquanto liam, andei pela sala, um ou outro me contou a história que lera, porém não quiseram contar para os colegas no grande grupo. Também ao andar entre eles percebi (ouvindo discretamente) que alguns não apresentavam fluência na leitura, decodificavam com grande dificuldade. No final do trabalho contei a eles a história **A cidade perdida** (Gian Calvi) que eu havia lido enquanto eles liam também.

O fato de perceber que alguns alunos estavam lendo com dificuldades intrigou-me. No intervalo conversei com a professora regente e ela me disse que seis alunos apresentavam dificuldades quanto à fluência na leitura, não estavam acompanhando o ritmo da 2ª série e que na medida do possível ela estava tentando “alfabetizá-los”. Demonstrou-se preocupada por ser setembro e esses alunos ainda não dominarem o básico em relação à leitura, conseqüentemente não acompanhavam as demais atividades de outras disciplinas. Também me disse que tem tentado fazer as mesmas atividades que eu faço com sua turma da manhã.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
05	27-09-95	O patinho feio	brincadeira “Lá vai o ganso” e contar a história	cantar e desenhar em grupo parte da música “O pato”	cartazes (em forma de álbum seria-do) material para desenho e painel

Sabendo das dificuldades de alguns alunos em relação à fluência em leitura, senti necessidade de trabalhar um conto de fadas. A linguagem contida neles têm poder de sedução, sua tradição é milenar. Os contos de fadas permitem que as crianças incorporem à sua própria vida, através da fantasia tudo o que a história revela sobre a vida e a natureza humana.

Entre tantos escolhi **O Patinho Feio**, de certa forma senti naqueles alunos que não dominavam o código da leitura um pouco do “patinho feio”, deslocados, tentando entender o que estava acontecendo a cada dia, a cada aula. Imagino que não seja fácil para um aluno de segunda série no segundo semestre não dominar os mecanismos básicos da leitura e da escrita. Pensando nisso preparei uma atividade que envolvia ritmo e concentração, uma brincadeira chamada *Lá vai o ganso* para tentar desenvolver o poder de atenção. Sentamos em círculo no chão e eu iniciei:

Pesquisadora - *Lá vai o ganso!* (olhando para o aluno que está sentado a seu lado)

Aluno 1 - *O quê?*

Pesquisadora - *O ganso!* (esticando o pescoço)

Aluno 1 - *Lá vai o ganso!* (olhando para o aluno 2)

Aluno 2 - *O quê?* (olhando para o aluno 1)

Aluno 1 - *O quê?* (olhando para a pesquisadora)

Pesquisadora - *O ganso!* (esticando o pescoço)

Aluno 1 - *O ganso!* (esticando o pescoço)

Aluno 2 - *Lá vai o ganso!* (olhando para o aluno 3)

Aluno 3 - *O quê?* (olhando para o aluno 2)

Aluno 2 - *O quê?* (olhando para o aluno 1)

Aluno 1 - *O quê?* (olhando para a pesquisadora)

Pesquisadora - *O ganso!* (esticando o pescoço)

Aluno 1 - *O ganso!* (esticando o pescoço, olhando para o aluno 2)

Aluno 2 - *O ganso!* (esticando o pescoço, olhando para o aluno 3)

Aluno 3 - *Lá vai o ganso!* (olhando para o aluno 4)

E assim sucessivamente até que todos participem. Caso alguém erra, retomase a brincadeira, todos devem acertar. Quando a palavra chega ao lado de quem iniciou, no caso a pesquisadora, este diz:

Aluno 30 - *Lá vai o ganso!* (Olhando para a pesquisadora)

Pesquisadora - *Eu sei, fui eu que soltei!*

A brincadeira é simples, mas exige concentração e ritmo. Só nos demos por satisfeitos quando todos alunos participaram acertadamente. Gostaram, riram bastante especialmente quando alguém errava.

Após contei a história **O Patinho feio** apoiando-me em cartazes grandes montados em forma de álbum seriado e perguntei: como foi que nasceu um cisne em uma ninhada de patos? Alguns disseram que simplesmente aconteceu, outro aluno me disse que a pata havia botado um ovo errado. Citei o exemplo do chopin (fêmea) que põe seus ovos no ninho da sabiá, que os choca e cria. Indaguei se por acaso o cisne (fêmea) não havia botado o ovo no ninho da pata. Ficaram em dúvida. Alguns concordaram, outros não. Foi interessante o trabalho.

Exploramos também a questão do marginalizado, dos diferentes ao padrão que a sociedade estipula, como se sentem, o que podem fazer para melhorar ou para serem aceitos como são? *Acho que podem estudar, trabalhar bastante...* diz Emerson (os nomes dos sujeitos envolvidos na pesquisa são fictícios para respeitar cada um deles). Este aluno vê no estudo no trabalho uma forma do homem conseguir seu espaço na sociedade. Já Maria acha que o governo é que pode reverter a situação do marginalizado *se o presidente quiser ajudar ele ajuda os pobres.*

Como gostam de cantar, cantamos a música de Vinícius de Moraes **O Pato**. Formaram grupos e cada grupo recebeu alguns versos da música que eu havia dividido. O grupo desenhou, fez colagem, pintou a parte que lhe coube. Posteriormente montamos

um painel com os trabalhos feitos e eles escreveram o texto correspondente ao desenho. Fixamos o painel na parede e cantamos novamente a música; cada grupo cantou a parte que havia trabalhado. Finalmente todos cantaram juntos.

Os alunos sentem dificuldades em trabalhar em grupo. Falam alto, querem mudar de equipe e entram em atrito. Sempre que ouvia: *Ele não deixa eu fazer, só ele quer fazer...* Respondia apenas: procurem se entender. Vocês devem saber o que fazer. Grupo é para se ajudarem. Resolvam os problemas sozinhos.

Enquanto trabalhavam em grupo ficou claro o individualismo, a rivalidade entre eles, não havia espírito de equipe. Normalmente num grupo alguém se destaca e toma liderança, e quando um desses passava a desenvolver o trabalho, os outros ao invés de ajudarem, criticavam, agrediam.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
06	24-08-95	A casa sonolenta Sucuri O patinho feio Os músicos de Brêmen João e o pé de feijão O menino maluquinho	expor os livros e dividir o material	ler, modelar a história e apresentar	livros, massa de modelagem e cartolina

Foi então que decidi trabalhar com modelagem em grupo, pois esta forma de expressão artística é capaz de fazer com que o aluno libere suas emoções e sua criatividade. Novamente eles teriam que trabalhar em conjunto. Desta forma antes de sair, solicitei que alguns trouxessem sal e outros farinha de trigo durante a semana, para na próxima aula trabalharmos com modelagem.

Fiz a massa para a modelagem na cozinha da escola, a fim de ganhar tempo. Expus quarenta e dois livros (anexo V), dividiram-se em grupos. Cada equipe escolheu um livro a ser lido. Foram escolhidos: **A casa sonolenta** (Audrey Wood), **Sucuri** (Paulo Dias Fernandes), **O patinho feio** (Andersen), **Os músicos de Brêmen** (Penteado), **João e o pé-de-feijão** (Gian Calvi) e **O menino maluquinho** (Ziraldo).

Após a leitura, modelaram a história sobre uma cartolina. Ficaram encantados com a massa, quiseram saber como eu havia feito. Passei no quadro-de-giz a receita: *uma xícara de sal, duas gotas de óleo de cozinha, uma xícara de água, duas xícaras de farinha de trigo, um pacote de suco em pó. Junta tudo e amassa.* Copiaram e continuaram modelando.

Dentre os trinta livros expostos, dois grupos escolheram histórias (**O Patinho Feio** e **Os músicos de Brêmén**) já trabalhadas por mim. Isso não significa simplesmente evitar dificuldades. A criança gosta de reencontrar a história já conhecida, revisitar os personagens, ao contrário do que imagina e faz a escola.

Duas equipes trabalharam unidas, tiveram um bom resultado. As outras demoraram um bom tempo para chegar num acordo, perceber que todos deviam modelar a mesma história, mas cada um fazendo alguma coisa diferente.

Os trabalhos foram apresentados pelas equipes aos colegas. Mostraram o livro, contaram a história através do cenário modelado. Senti que estão mais desinibidos. Decidimos que no final da tarde os trabalhos seriam desfeitos e a massa recolhida para ser trabalhada novamente, só que com a professora regente.

No dia onze de outubro de 1995 ao chegar na escola os alunos estavam de saída para um pequenique numa chácara, a fim de comemorar o dia da criança. Neste dia não dei aula.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
07	19-10-95	A casinha do Tatu	contar, distribuir os fantoches e organizar a encenação	ouvir, selecionar os fantoches e participar do jogo dramático	teatro de vara e máscaras de tecidos

Procurando despertar cada vez mais a sensibilidade e o senso crítico dos alunos, usei o teatro de vara para apresentar **A casinha do Tatu** (Elza Salut).

Particularmente gosto dessa história, porque dá margem à discussão.

O Tatu (personagem) resolve construir uma casinha humilde ao lado da casa da Raposa. Esta indignada porque não quer um casebre perto de seu palacete, procura o Leão, rei da floresta, e registra a queixa dizendo que seu palacete é digno de um rei, portanto um casebre iria estragar a visão. O rei ouvindo isso foi até lá e concordou. - Realmente sua casa é digna de um rei. O rei sou eu, logo vou morar aqui. A Raposa teve que entregar sua casa ao Leão. A noite não tendo onde dormir, bateu a porta do casebre do Tatu que prontamente a acolheu. É surpreendente, curioso ver algumas crianças se posicionarem a favor do “Leão” e outras da “Raposa”. A maioria não gostou da atitude do leão.

Nesse dia levei algumas máscaras de animais (em tecido) e fantoches. Sugeri que improvisassem a dramatização de *A casinha do Tatu*. Por que propus o trabalho com fantoches e máscaras? No que estes recursos auxiliam? Justamente porque as crianças envolvem-se mais espontaneamente. O fantoche é um dos recursos mais eficaz para o desenvolvimento da linguagem verbal. REVERBEL (1989: 66) diz que *quando a criança tem em suas mãos um fantoche e se mantém oculta por uma cortina, sente-se à vontade para falar e inventar os mais diversos tipos de diálogos ou monólogos*. Quanto ao uso de máscaras LEITE (1980: 122) defende que *visto do ponto de vista da busca de desinibição e da quebra de exibicionismo, corresponde a um estágio além do teatro de bonecos, pois apesar de conservar ainda um certo afastamento entre a platéia e atuante, este já está mais exposto mantendo apenas o rosto encoberto, o que requisita do participante o uso mais consciente da expressão corporal*.

Não confeccionamos fantoches e máscaras tendo em vista o tempo limitado de que dispúnhamos, por isso aproveitei os que a escola possuía, levei os meus e tomei emprestado outros da Secretaria Municipal de Educação e Cultura para realizar o trabalho, já que o objetivo era que os alunos os usassem, aprendessem manuseá-los, desenvolvendo cada vez mais seu potencial de interpretação, de voz...

Ficaram empolgadíssimos com os fantoches. Dei um tempo para que manuseassem, conhecessem, enfim descobrissem quantos e quais havia. Por estarem sob máscaras e/ou utilizando fantoches, notei uma maior desenvoltura na hora da dramatização. Fizemos apenas uma vez.

Em seguida solicitei que pensassem num animal que gostariam de *ser* e procurassem lembrar como aquele animal andava, que voz fazia, como agia,...

Fomos ao pátio para fazer a *Festa dos animais*. Todos estariam festejando, quando farejariam a presença de caçadores... Que fazer? Eles deveriam achar uma solução. Tímidos... acabaram decidindo que expulsariam os caçadores da festa. E assim fizeram a encenação.

Depois dividimos em quatro grupos, dei uma situação a cada equipe (desfile de moda, corrida de carro, baile, velório...) que deveria montar a cena e apresentar aos outros.

Tanto a primeira atividade como a segunda foram desenvolvidas com um certo grau de dificuldade pelos alunos, especialmente no que se refere ao tom de voz. Acabam falando baixinho. Novamente senti a timidez neles e conseqüentemente teríamos muito que trabalhar para tentar superar isso.

Sugeri algumas idéias, mas deixei que trabalhassem por conta. A partir do momento em que alguém da equipe tomava a liderança, o grupo se saía melhor, do contrário nem eles ficavam satisfeitos. Ao retornarmos à sala de aula, avaliamos o trabalho. Pude perceber que gostaram da atividade, pela animação com que pediram para repetirmos em outras ocasiões.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
08	25-10-95	45 (quarenta e cinco) livros	distribuir os livros e organizar atividades no saguão	ler, brincar e desenvolver a expressão corporal	livros, bola e saguão

Como alguns grupos na aula anterior apresentaram dificuldades quanto ao tom de voz, quanto a seqüência da história (início, meio e fim), planejei mais uma aula de leitura para que ao lerem fossem percebendo e se apropriando da estrutura narrativa.

Selecionei quarenta e sete livros (anexo VI) para trabalhar a oitava aula. Espalhei-os fazendo breve propaganda de cada um. Deixei que escolhessem e lessem livremente, nesse dia não fiz nenhuma atividade relacionada com os livros, apenas os observei. A maioria leu concentradamente.

Nos vinte minutos finais da aula, fomos até o saguão para trabalhar o corpo (expressão corporal) visando maior desenvoltura no jogo dramático e na dramatização. Pedi para que se espalhassem e ficassem em silêncio para executar os comandos que eu daria: andar, andar devagar, andar rápido, respirar fundo, mexer os ombros, balançar a cabeça, movimentar os braços, pular, soltar gritos (um de cada vez) impulsionando o corpo para o alto... enfim liberar emoções.

Em seguida formamos um círculo, peguei uma bola e fui para o centro explicar a brincadeira (fiz esta atividade porque tenho dificuldades em guardar nomes) que seria assim: quem detinha a bola falava seu nome e o do colega a quem passaria a bola, assim sucessivamente. Para minha surpresa, algumas crianças não sabiam o nome de todos os colegas de sala, isso em outubro. Mesmo tendo estudado juntos desde a pré-escola.

Nesse dia os alunos estavam calmos, fizeram as atividades propostas, apenas um ou outro não conseguiu se soltar o suficiente na atividade de expressão corporal, especialmente na hora de soltar um grito sozinho.

Por que gritar sozinho diante dos colegas para alguns alunos não foi fácil? De um modo geral as pessoas apresentam certas dificuldades em relação ao corpo, à sexualidade. São frutos de uma educação repressora que não permite uma expressão corporal livre, sem receio. Instituiu-se uma série de restrições às pessoas, e estas muitas vezes sofrem por isso. O corpo é uma questão ainda mal resolvida.

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
09	01-11-95	A lagartixa que virou jacaré	cantar	ouvir, interpretar, debater, criar uma situação para o jogo dramático	cartazes montados em forma de álbum seriado

Levando em conta o corpo, a expressão corporal, selecionei a história *A Lagartixa que virou Jacaré* (Izomar Camargo Guilherme). Ampliei-a em cartazes e montei em forma de álbum seriado. Quando mencionei o título da história, Dionatan, como já a conhecia, disse que a lagartixa teve uma lição. O depoimento dele serviu para aguçar a curiosidade dos colegas.

Izomar Camargo Guilherme conta a história de uma lagartixa que sonhava em ser como os jacarés: fortes, grandes, com dentes afiados. Um dia vai ao consultório do Dr. Sapão para fazer uma cirurgia, já que este era especialista em transformar lagartixas em jacarés. Ao sair do consultório ninguém a reconhece. É ridicularizada pelos amigos, chamam-na de lingüiça, minhoca, etc. Decepcionada volta ao consultório para desfazer a operação. Chega em casa e destrói tudo o que lembra jacaré e passa a se aceitar tal como é.

Aproveitei o enredo da história para conversar com os alunos a esse respeito. Por que a lagartixa não gostava do seu corpo? O que havia de errado com ele? Por que as pessoas sentem tanta necessidade de mudar. Por que tanto o gordo como o excessivamente magro são discriminados? Cultua-se muito o corpo na nossa sociedade e quem não se enquadra nos padrões muitas vezes sofre por isso.

O corpo fala, é vital que ele fale como um todo, que se liberte a cada dia, pois dessa forma a neurose que assola o mundo poderá amenizar-se.

Levando em conta isso, ou seja o corpo e a liberação das emoções trabalhei em seguida com mímica, explorando o plano baixo, médio e alto. Saimos fora da sala para

trabalharmos o jogo dramático. Dei os comandos: formar duas equipes, montar uma cena, usando o corpo, menos a voz e apresentar à equipe.

Ao propor a atividade, automaticamente os meninos foram para um lado e as meninas para o outro. Não interferi, apenas observei. No grupo das meninas, logo uma delas tomou a liderança e passaram a combinar a cena. Os meninos discutiam, todos falavam. Dois passaram a brigar, demonstrei minha insatisfação. Aquele que provocara a briga se afastou, ficou isolado, como ninguém lhe deu atenção, voltou e se enturmou.

Tempo esgotado, início das apresentações. O grupo das meninas simulou uma academia de ginástica, inspiradas na novela “Malhação” - apresentada pela Rede Globo. A cena teve início, meio e fim, apesar da professora de ginástica estar meio perdida e seguir a orientação das alunas. A equipe dos meninos optou por representar uma cena de desenho animado da televisão, envolvendo monstros, guerreiros, luta... No momento da apresentação todos lutavam, batiam, a cena avançava. Percebi que estavam batendo de verdade. Um tirou sangue do nariz do outro... Assustada, interrompi a apresentação. Eles protestaram, dizendo que não haviam terminado o combate e que o monstro ainda estava vivo. Permiti que mostrassem a cena final. Recomeçaram a luta e ninguém entendeu o final nem quem era o monstro. O grupo admitiu que não se saiu bem e que as meninas foram melhores. Também perceberam que faltou liderança, planejamento..

A influência da televisão ficou evidente na apresentação dos grupos. Cenas de violência são assistidas e vivenciadas no dia-a-dia por eles. Tirar sangue, não os assustou, parecia algo comum...

Por que cenas de violência estão na TV? Será por acaso? Não. A TV reproduz algo que tem a ver com a sociedade. A afirmação do indivíduo numa sociedade passa um pouco pela violência de ele ocupar um espaço, então tirar sangue tem a ver com a ocupação do espaço que o corpo tem. A TV tem sucesso porque de um lado acirra e de outro canaliza como catarse ou seja, eu me realizo no outro. Se a catarse funcionasse sozinha não tinha porque tirar sangue dos outros.

Qual a razão para a violência no ser humano? A forma na qual a sociedade organiza a vida comum determina a quantidade e a qualidade das tensões do mecanismo psíquico. Ou seja quanto mais reprimida sexualmente for a sociedade, mais *a angústia e a privação provocam sensações excessivamente penosas, então o mecanismo psíquico começa a trabalhar com mecanismos substitutivos cuja finalidade é conseguir o alívio das tensões seja a que preço for. Resultam então daí neuroses, perversões, modificações patológicas de caráter e perturbações na capacidade de trabalho.* (REICH, 1931:164).

A histeria, a agressão, a neurastenia presentes nos seres humanos são resultados da repressão sexual a que o indivíduo foi submetido desde o início de sua formação. MALINOWSKI fez um estudo pormenorizado sobre a vida sexual dos primitivos das ilhas Trobriand na Melanésia, e não encontrou *um único homem, uma única mulher histérica ou pelo menos neurastênica. Nem encontrou tiques nervosos entre eles nem impulsos mórbidos ou idéias obsessivas* (apud REICH, 1931:31). Como isto é possível? MALINOWSKI constatou que a educação do povo trobriandes no que tange à sexualidade é mais livre, eles têm as primeiras experiências sexuais em idade ainda bem tenra. As crianças vêem e aprendem muito observando o comportamento sexual dos adultos, tem o direito de se examinar e praticar todos os jogos sexuais que tenham vontade. Somente na fase adulta quando se deseja contrair o matrimônio é que algumas regras devem ser respeitadas.

Enquanto que na sociedade patriarcal a sexualidade ainda é uma questão mal resolvida. *A repressão autoritária da criança serve à criação de uma estrutura adequada do ser submisso, integrado à organização da sociedade, que se reproduz sem cessar nas próprias estruturas infantis* (REICH, 1931:11).

De que forma tratar a violência? Eles “lutaram” de verdade, batiam uns nos outros pra valer, com o intuito de machucar. Mesmo admitindo que as meninas foram melhores e que o trabalho deles recebeu críticas, tanto das meninas como minhas, na aula seguinte e em outras, sempre lembravam daquele dia e pediam para fazer novamente.

Agredir parece que os atraía.

De acordo com a teoria de MALINOWSKI a violência no meio social tem a ver com a repressão sexual a que as pessoas são submetidas. A agressão entre os alunos durante o jogo dramático e em algumas situações em sala de aula, entre outros fatores também pode estar relacionada à repressão sexual.

Procurei, daí em diante, controlar e sugerir mais atividades envolvendo o jogo dramático. LOPES (1989: 136) diz que *para um grupo iniciante o mais problemático em toda a prática de jogos dramáticos é achar o final da estória. As crianças brincam indefinidamente; sua brincadeira dramatizada aparece e desaparece sem a preocupação com princípios e fim, pois elas seguram um momento da vida que está acontecendo, cujos protagonistas são elas próprias.* Foi o que constatamos (eu e os alunos) na atividade desenvolvida pelos meninos.

Quero deixar claro que o que me propus a fazer, ou seja, despertar o gosto pela leitura através do lúdico, do contar histórias, do jogo dramático, da dramatização, não tem a ver com o teatro profissional. SLADE (1978) afirma que jogo não é teatro, jogo dramático segundo ele *não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida.* Seguindo passos gradativos, passa-se do jogo dramático a encenações mais laboriosas. Mas inicialmente é necessário trabalhar com a criança brincadeiras, jogos infantis, enfim, atividades lúdicas para desenvolver, despertar o lado artístico que ela possui. Dramatizar é lidar precisamente com a possibilidade do corpo.

O processo criativo é tudo, quando propicia oportunidade de liberação do ser. *O produto final deixa de ser pretendido com finalidades imediatistas e pragmáticas, porque a encenação não é fim, mas meio educativo* (RESENDE, 1993: 231).

É vital a estimulação da potencialidade lúdica das crianças. Isso estará atendendo à realidade infantil, que tem propensão para o jogo. Atividades simples e

cotidianas podem conduzir essa potencialidade de representação. O papel do educador é colocar seus alunos em estado de criação dramática. CHANCEREL (1948) afirma que *num simples jogo dramático, concebido e executado sem público, numa sala de aula, em plena natureza, ou em salas de reuniões, muitas vezes tão sórdidas que parecem votadas para sempre a uma triste rotina e à mediocridade, acontecem puras criações dramáticas, de uma autenticidade de uma emoção, de um valor artístico, de uma elevação espiritual e social, pelas quais os profissionais do teatro têm o maior respeito.*

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
10	28-11-95	Poesias de Muralha e Caparelli Bruxa Onilda vai à festa	ler com várias entonações	ler com expressividade, desenhar e ouvir	textos xerografados, livro, papel sulfite e material para desenho

Levando em conta a aula anterior, ou seja o comportamento dos alunos na atividade de jogo dramático, selecionei algumas poesias de MURALHA e CAPARELLI (anexo VII) para trabalhar, tentando despertar a sensibilidade.

Li várias vezes cada uma delas, mudando o tom de voz, dando bastante expressão. Pedi para que lessem também várias vezes em voz alta. Depois sugeri que individualmente lessem ora rápido, ora devagar, ora dois a dois “dialogando”, enfim que cada um lesse da forma como as sentiu, dando vida a poesia.

Sentem dificuldades em ler fluentemente, com emoção. Um aluno me surpreendeu ao ler, pois demonstrou sensibilidade para a poesia. A repetição da leitura tinha como objetivo mostrar que ler poesia é diferente de ler um panfleto qualquer.

Depois de muitas leituras feitas, passaram a desenhar, ilustrar a poesia. Gostaram dessa atividade. Jorge disse que não queria desenhar. Perguntei o porquê, não soube responder. Percebi que era para chamar a atenção. Pois sempre vem com uma fita

na cabeça (imitando o Rambo), camiseta furada propositadamente, está sempre com chicletes na boca, mexe com os colegas... Segundo a professora regente, Jorge é um dos que não está completamente alfabetizado. De certa forma procura disfarçar esta deficiência quanto ao código escrito. Não quer que os colegas percebam que tem dificuldades e por isso usa artifícios, tem atitudes diferentes no grupo.

Depois que os desenhos ficaram prontos, expusemos na parede para que todos pudessem ver. Em seguida li a história **Bruxa Onilda vai à festa** e como eles gostaram da Bruxa Onilda, pois já tiveram contato com essa personagem em outras histórias, pediram mais, acabei lendo também **As férias da Bruxa Onilda** (E. Larreula R. Capdevila).

Aula	Data	Texto-base	Atividades		Apoio
			Pesquisadora	Alunos	
11	06-12-95	A estrela misteriosa	contar e organizar as atividades	ouvir, interpretar e dobrar (origami)	cartazes, aparelho de som, disco natalino e papel colorido para dobradura

Para encerrar o ano, contei a história **A estrela misteriosa** (Maria Heloisa Penteado) por ser de Natal. Entrei na sala antes deles para testar o som e arrumar o material. Quando entraram, estavam mais quietos que o habitual. Comuniquei que seria nosso último encontro em 1995 e que retornaríamos em 1996.

Enquanto lia a história, percebia a concentração geral. Num determinado momento, a Tartaruga, uma das personagens, ouve uma música que vem do alto... Aproveitei e coloquei para eles ouvirem uma música natalina. Os olhos das crianças brilhavam. Lágrimas corriam dos olhos de Alan. Quando a história acabou, alguém disse: *O Alan está chorando*. Ele disfarçou e disse: *É um cisco*. Mas eu sei que não era um cisco, ele estava realmente emocionado.

De todas as histórias que contei, **A estrela misteriosa**, foi a mais marcante

para mim. O fato de alguém chorar, emocionar-se ao ouvir uma história é fantástico.

Comentamos e interpretamos a história. Questionei-os sobre o Natal, o porquê da árvore enfeitada. Curiosamente o último a ser lembrado foi o Papai Noel. Não deram importância a esse personagem tão bajulado pela mídia. Devido às condições sociais em que a maioria vive, essa figura não tem vez, por isso não foi mencionada logo de imediato.

À medida que iam acabando as dobraduras com motivos de natal, que fizemos nesse dia, sentaram espontaneamente no chão, perto do aparelho para ouvir músicas natalinas, pois o aparelho ficou ligado todo tempo em que faziam as dobraduras. Continuei ajudando aqueles com mais dificuldades na técnica origami. Passaram a manusear os cartazes referentes à história.

O semestre encerrou. Essa primeira etapa, com onze aulas desenvolvidas e descritas, apontaram no seu conjunto de atividades que é possível construir crianças sem medo da professora, sem medo de pegar livros, sem medo de fazer coisas.

CAPÍTULO III

O CORPO FALA: DRAMATIZAÇÃO E FORMAÇÃO DO LEITOR

O que é a coisa Teatro?

A coisa Teatro, como a coisa homem, é muitas, inumeráveis coisas diferentes entre si que nascem e morrem, que variam, que transformam até o ponto de não se parecerem, à primeira vista, com nem uma coisa nem outra.

José Ortega Y Gasset

A evasão escolar é um dos graves problemas que a escola enfrenta. O número de desistentes nas quatro séries iniciais é assustador. As causas que levam a isso são inúmeras: baixo nível sócio-econômico da família, migrações,... Mas não é minha intenção discutir esse assunto, pois há pesquisas que estudam a evasão escolar. Interessame questionar o papel da escola nessa problemática. O que a escola tem feito para manter seus alunos presentes? Aproveito um registro do diário de campo feito pela professora regente no dia 06/12/95 para confirmar que se a criança gosta daquilo que é

desenvolvido na escola, ela vem.

Registro da professora regente. *O teu trabalho, eu vejo que é bem desenvolvido, bem criativo e que você conseguiu conquistar a clientela, porque nem todas as crianças, às vezes a gente conquista. Você atingiu a maioria. Até quarta-feira eles procuram não faltar. Sempre falta um ou dois, mas pode notar quarta-feira não falta nenhum. A sala fica cheia, vêm todos. Já ficam esperando. Então vejo que foi um trabalho bom, bem desenvolvido, que tem que continuar. Os alunos sentem-se prazerosos em desenvolver as atividades. Sempre me pedem para produzirem textos depois da aula de Literatura. Também aproveito nas disciplinas de Matemática, Religião e outras. Em relação à escrita eles obtiveram mais êxito que a outra 2ª série da manhã, seus relatos são mais detalhados. Notei também que ouvem melhor as explicações que dou... Percebo que o crescimento das crianças, auxiliou muito no processo ensino-aprendizagem, pois até mesmo a coordenação motora fina foi desenvolvida através das dobraduras, modelagem...*

A escola pública de um modo geral apresenta-se sem cor, sem sabor... São inúmeros os alunos ávidos por deixar esse recinto para ir ao encontro do mundo e do cotidiano, pois este lhes parece autêntico. A distância entre o escolar e o vivido fora da escola é tão grande que a escola se descobre, por essa razão, desbotada e fantasiosa, segundo SNYDERS (1993). Raros são os alunos que sentem admiração pelo espaço escolar. Os astros do esporte ou da música, certos filmes, certas personalidades atraem mais que a escola. E não nos damos conta disso. Não basta querer que os alunos admirem o “escolar”, é preciso que o “escolar” apresente algo de admirável. É comum, de acordo com SNYDERS, transporem para a escola alegrias vindas de fora, como festas combinadas na escola, excursões organizadas pela escola, mas todos com o objetivo preciso de sair da escola.

A alegria, para SNYDERS, é um dos aspectos essenciais do problema escolar. Sem ela não só os alunos fracassam, mas também os educadores, o que os leva a sentir rancor contra a escola. Talvez seja por isso que a maioria dos alunos e professores se

resignam à monotonia da escola, esperando que ela termine ao fim de cada dia, cada ano, ao fim da juventude, na expectativa de que ela os prepare para aquele famoso futuro, cheio de promessas. A alegria, então, começa onde a escola termina. Parece que o adulto (educador), baseado nas suas experiências do passado, faz com que esses jovens guardem da escola momentos deprimentes... Há casos de crianças que saem de casa para ir à escola e não vão, permanecem nas ruas durante esse tempo e depois retornam. Se descobertos, são repreendidos, acusados de irresponsáveis pelos pais e pela própria escola. No entanto, a “escola” não se questiona a respeito, não se auto-avalia... Os anos passam... e a escola continua com as mesmas características de anos e anos atrás. No entanto Einstein aponta: *A arte mais importante do mestre é provocar alegria da ação criadora e do conhecimento.*

No final do ano de 1995, dos trinta e sete alunos matriculados em fevereiro, três desistiram no 1º semestre, seis foram transferidos para outras escolas, seis reprovaram e vinte e dois foram aprovados. Não houve nenhuma desistência no segundo semestre.

Após a última aula em 1995, conversei com a professora regente, dizendo-lhe que continuaria a experiência no 1º semestre de 1996 e que gostaria que ela também continuasse como professora regente da 3ª série. Ela concordou, mas sugeriu que falássemos com a diretora. Esta por sua vez também concordou com os nossos planos.

Durante as férias tive tempo de refletir, analisar as atividades realizadas em 1995, aprofundar minhas leituras, pensar nas estratégias a serem desenvolvidas em 1996.

Ao voltar reencontrei os alunos, mas a turma não era mais a mesma. Dos vinte e dois alunos aprovados do ano anterior, vinte e um estavam na 3ª série e uma aluna havia sido transferida. O total de matriculados na 3ª série era de trinta e quatro, sendo que cinco vieram de outras escolas, oito vieram da turma da manhã. Nenhum aluno repetente.

No primeiro semestre de 1996, continuei desenvolvendo atividades em

sala de aula, ou seja contar e ler histórias, mas adianto que o relato ficará centrado no texto **Bom dia todas as cores** de Ruth Rocha, isto é, enveredarei mais para o campo do jogo dramático, da arte dramática.

Mas afinal, como isso se dá na educação? O que pensam alguns autores a respeito? Segundo LEITE (1980:15) *no teatro aplicado à educação a criança deverá sentir-se na sua própria festa, embora esta pertença também a seus colegas, não importa quão numerosos estes sejam. É o primeiro passo para a integração grupal e conseqüentemente social.* Portanto, o objetivo do teatro na escola não é o de formação do ator, mas o de formação do ser humano. Também *é o aprofundamento do conhecimento de si mesmo; percepção e conhecimento dos outros e desenvolvimento da capacidade de comunicação de conhecimentos.* (op. cit.). Ou seja é dar oportunidade ao aluno de lidar com a possibilidade do corpo. Conhecer a si mesmo e ao outro, respeitar seus limites bem como o do colega. E nesse intercâmbio crescer/amadurecer enquanto ser humano.

O exercício do jogo dramático possibilita desenvolver o poder de concentração dos alunos, canaliza energias, libera emoções, que segundo LOPES (1989: 120) *é uma preparação indispensável para a realização maior que é a dramatização através da qual manifesta-se o indivíduo. Se esta dramatização é orientada no seu processo de realização por uma visão de teatro e de educação pertencentes a uma outra cultura, caem por terra e as nossas intenções de libertar a expressão, embora os exercícios que possamos ter aplicado tenham isoladamente conquistado uma melhor concentração, ou seja um domínio maior dos movimentos para expressar. Então, concluímos, que o nosso exercício verdadeiro é o jogo dramático - jogo básico de fazer teatro.*

E através desse jogo básico de fazer teatro, procurei levar sempre em conta a ludicidade, sem a qual não se estabelece o jogo dramático que é uma forma de arte por direito próprio.

O jogo dramático é um exercício poético de e para liberdade, diz LOPES, também acrescenta que revela para o atuante que o teatro é uma arte intergrupos e que assim oferece um prazer mais forte que qualquer outro meio de comunicação artística. (op cit)

Quando nos “expomos” ao jogo dramático, compreendemos que é uma manifestação de nossa potencialidade de comunicação. Quer dizer, eu me escondendo na própria personagem, digo o que penso e me construo como sujeito.

Expor-se num jogo dramático sem preparação prévia é problemático, daí o porquê de todas as atividades que fizemos no semestre anterior. Contar, cantar, declamar, ler, modelar, desenhar, pintar, imitar, brincar... visavam levar o aluno a se expressar melhor. O “fazer de conta que” comum nas brincadeiras infantis precisa ser desenvolvido na escola, proporcionando ao aluno maior liberdade de expressão, de manifestar seu ponto de vista, de perder o medo.

É preciso acordar o homem-artista, aquele que é capaz de resgatar a ludicidade, a intuição, a criatividade transformadora, desenvolver os sentidos principais para perceber e realizar a comunicação estética (LOPES, 1989:107).

Minha intenção não é formar atores numa escola de periferia, mas levar o aluno a vivenciar uma linguagem articulada com sons e movimentos, tão sua como é dançar, desenhar, contar, falar, e no meio desse tempo ir se apropriando do mundo mágico da leitura.

Por que a arte dramática é tão importante para os processos educacionais? Aproveito para citar algumas considerações de LIMA (1980: 52) em relação à arte dramática:

a) *O instrumento principal dessa atividade é a interação (relação criadora entre pessoas de objetivos comuns, emanando uma mensagem que é recebida voluntariamente entre os componentes),*

b) *A arte dramática é recebida voluntariamente, porque a curiosidade*

vem junto das próprias necessidades biopsíquicas do educando de encontrar-se, realizar-se

c) Porque quem se expressa, se adapta e se transforma diante das novas maneiras de ser. Não o ser despersonalizando-se, mas o ser adaptando-se diante de diversos oponentes e situações

d) Permite ao educando revelar-se a si mesmo e aos outros

e) Evita o perigo das falsas lideranças, pois há uma participação conjunta visando a um objetivo comum

f) Há no grupo uma necessidade básica como acontece em todos os grupos de trabalho. Uma necessidade afetiva, moral, de ser considerado, querido, ouvido, através da solidariedade, da cooperação que são processos de socialização. Crianças e adolescentes necessitam conhecer o que os cerca, levando-os a participar

g) Através do jogo de situações o educando tem o seu meio mais espontâneo de expressão, usando a simulação

h) Com os jogos dramáticos há uma reformulação de suas idéias, consciente ou inconscientemente, dando abertura a novas atitudes, estabelecendo-se uma relação entre o educando e os personagens

i) Incentiva conhecimentos de outras disciplinas

j) Coordena expressão do corpo com expressão verbal

l) Completa o binômio ensino/aprendizagem dentro da escola e fora dela com a comunidade, porque como atividade extra-classe aproxima a família da escola

m) Educa as sensibilidades e estimula a criatividade numa dosagem apropriada feita pelo professor orientador

n) Porque aproveitadas as potencialidades, sem negação dentro das diferentes atividades, todos participam para o mesmo fim criativo

o) É ser tudo para todos sem deixar de ser e de ser ele mesmo, quer representando, quer participando da técnica

p) É um meio de aplicar-se descontraidamente um trabalho de grupo onde a idéia básica é compreensão

r) Não sendo para formar atores, mas criaturas preparadas para viver, o teatro junto aos processos de educação, liberta o corpo e espírito. Livrando-se das tensões permite-lhes adaptação.

Foi munida desse arsenal que retomei as atividades, no dia seis de março de 1996. Levando em conta os novos alunos que ainda não conhecia e que estavam na sala de aula, expliquei a eles o motivo da minha presença e o que pretendia. Em seguida contei a história **Bom dia todas as cores** (Ruth Rocha). Os alunos gostaram, quiseram saber como é um camaleão (personagem principal), se realmente ele troca de cor, onde vive... Trabalhamos o nível de compreensão e interpretação.

Após os comentários sobre a história fizemos alguns exercícios práticos coletivamente de descontração, respiração, expressão vocal, expressão corporal, ritmo. Demos uma aquecida, depois de um longo período ausentes da escola. Os alunos novos participaram menos, alguns riam outros estavam encabulados. Brincamos utilizando livremente o corpo (salto, gritos, manuseio de objetos diversos, fizemos caretas, assobiamos...).

Na seqüência apresentei os cinquenta livros (anexo VIII) de literatura que deixaria com eles. Deixei que olhassem, escolhessem um para ler.

Propus à professora regente que os livros ficassem no fundo da sala para que os alunos lessem quando sentissem vontade, ou assim que terminassem as atividades. Ela concordou, mas na semana seguinte ao retornar percebi que os livros não estavam no fundo da sala e sim numa caixa no armário. A professora alegou que de manhã tem mais alunos e todas as carteiras, os espaços são tomados, não sobrando lugar para deixar os livros, expostos. Também preocupou-se, achando que os livros pudessem sumir.

Infelizmente por uma ou outra razão, os livros acabam ficando sempre nas prateleiras, dificultando o acesso a eles. Nem sempre o professor lembrará ou terá tempo

de oferecer um livro ao aluno que já terminou as atividades, ou seja, está disponível para ler.

O sistema de atuação nas bibliotecas de escolas públicas tem mais interesse em controlar a entrada e saída, arrumação dos livros, do que conquistar o público leitor.

Percebendo o interesse da turma e particularmente gostando da história **Bom dia todas as cores**, propus que trabalhássemos o texto mais profundamente, isto é, lêssemos novamente. Diante do consentimento da turma, lemos a história. Em seguida passamos a explorar cada personagem (hábito, voz, enfim o comportamento), fora das carteiras.

Levei cópias do livro (anexo IX), distribuí uma para cada aluno, novamente lemos o texto, cantamos as canções, inventando a melodia, o ritmo. Deixei que levassem para casa, colorissem caso quisessem. A maioria trouxe o texto na aula seguinte todo colorido a fim de continuarmos trabalhando.

Notando a dificuldade dos alunos novos em participar das atividades senti necessidade de realizar algumas atividades novamente. Para os antigos do grupo certamente seria uma repetição prazerosa, para os novos um processo de integração.

Passo a descrever sucintamente as atividades que realizei neste semestre, a fim de integrar o grupo, para depois me deter exclusivamente no texto **Bom dia todas as cores**.

Contei-lhes a fábula **A cigarra e formiga**. Na hora dos comentários dois alunos afirmaram já conhecer o texto, mas com final diferente. Solicitei a eles que contassem, ambos prontamente atenderam o pedido e contaram a história.

Também contei **O coelho teimoso**. Iniciamos esta aula fazendo uma dobradura, não contei o que sairia, apenas fui dando os passos e eles foram dobrando. Quando terminaram imediatamente falaram: *É um coelhinho!* Interpretamos, cantamos algumas canções conhecidas dos alunos sobre coelho.

Sempre gostei de trabalhar com poesias em sala de aula, explorar a linguagem

por sua característica de multissignificação. Levar o aluno a sentir a musicalidade, a forma, o conteúdo e nesse tempo construir um sentido.

Para tal escolhi as poesias **Vaca Amarela**, **Guaraná Com Canudinho** e **Serafim Seresteiro** de CAPARELLI (anexo X), por serem cômicas e numa linguagem fácil, certamente os alunos iriam gostar.

Ao chegar na escola os alunos estavam todos no saguão assistindo a uma palestra sobre Educação para o trânsito com policiais rodoviários. Fiquei espantada com o número de armamento bélico exposto para ilustrar o teor da palestra. Não vi necessidade alguma de mostrar armas, explicando a potência de cada uma, como usar, quando... se o objetivo era educar para o trânsito, visto que muitos alunos vêm da favela “Toca da Onça” e presenciam cenas de violência com muita frequência. Quando o palestrante abriu espaço para perguntas a grande maioria quis saber mais sobre as armas e não como se portar no trânsito.

Foi após esse contexto que trabalhei com as poesias de CAPARELLI.

Com o intuito de desenvolver a expressão corporal, desinibir mais o grupo, levei várias máscaras de tecido, alguns fantoches da escola e propus que em equipe criassem uma história, uma cena e apresentassem aos colegas, ficando a critério o uso das máscaras e/ou fantoches.

O primeiro grupo mostrou a seguinte cena: **Os três atrapalhados**; o segundo **A vovó e a menina**; o terceiro **A festa da floresta**, um dos personagens, o elefante animador (Susi) “*tocou violão*” e cantou uma música da Xuxa... *se você está contente, bate palmas, se você está contente, bate o pé...*, esta cena movimentou bastante o grupo que dançava e a platéia que acompanhava com palmas devido à organização do grupo e à desenvoltura do “elefante animador”; o quarto grupo fez **Briga no velório**, e os três últimos grupos na hora de apresentar acabaram improvisando a cena. Ficaram inseguros, alguns sem saber o que fazer.

A aula passou num instante, avaliamos o trabalho. Os alunos falaram que

gostaram da atividade e que gostariam de fazer mais vezes. Pude constatar que os fantoches e as máscaras proporcionaram um melhor desempenho nas atividades, já que possibilitam aos mais tímidos desenvoltura.

Ainda intercalei entre essas atividades, aulas exclusivas de leitura, deixando-os lerem, trocarem, a fim de que descobrissem as histórias e fossem estreitando relações afetivas com os livros (anexo XI).

Selecionei quarenta e sete livros (anexo XII) para trocar por aqueles que havia deixado para permanecerem em sala de aula. O interesse foi bastante grande. Livros novos atraem, despertam a curiosidade. É importante na conquista do leitor variar a oferta, ampliar o acervo. Muitas vezes ouvi pelas escolas em que trabalhei: *Ah! Esse eu já li! Já li todos! Sempre os mesmos!* A permanência dos livros em sala de aula propicia maior contato do aluno com a leitura.

Numa das aulas propus que formassem equipes para montar histórias em seqüência, a partir de grandes cartazes coloridos que eu havia selecionado e apresentassem ao grupo depois.

Após a apresentação dos sete grupos, avaliamos o trabalho, saíram textos criativos deixei as histórias em seqüência, a pedido deles, para que durante a semana explorassem novamente e fizessem a produção escrita. Acabei doando os cartazes para a escola.

O gosto por escrever havia sido aguçado e, para escrever um texto segundo GERALDI (1993: 137) é preciso que *se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer* e os alunos tinham, sentiam necessidade de pôr no papel as idéias que fervilhavam em suas mentes. A professora regente confirma isso ao dizer: *... depois que você sai da sala, eles já dizem: podemos fazer a produção? Quando eles vão produzir, há mais detalhes assim. Eu percebo, porque tenho outra turma de manhã, e há mais detalhes no que os alunos da tarde fazem ... foi bem aflorado neles a vontade de escrever.*

De acordo com GERALDI (1994: 17) *ao se propor a produção de textos como a devolução da palavra ao sujeito, aposta-se no diálogo (que não exclui a polêmica e a luta pelos sentidos) e na possibilidade de recuperar na história contida e não contada, elementos indicativos do novo que se imiscuiu nas diferentes formas de retomar o vivido, de inventar o cotidiano.*

Apostando na devolução da palavra ao sujeito, encontrei-os certa vez animadíssimos fazendo um jornalzinho. Estavam tão empolgados que sugeri que continuassem. Também me contaram que estavam escrevendo cartas para pessoas (em especial crianças) de diversas partes do país. Os endereços foram conseguidos através de revistas. Primeiramente pesquisaram o seu endereço completo, pois nem todos tinham conhecimento do mesmo e enviaram as cartas. O prazer pelo ato de escrever é também consequência do trabalho desenvolvido com a leitura.

Os alunos vieram me mostrar as poesias que haviam feito durante a semana. A professora regente trabalhou com o tema “Educação para o trânsito”, depois eles produziram as poesias sobre o assunto (anexo XIII). Percebe-se nas poesias a preocupação com as rimas, com o ritmo e principalmente o prazer em escrever. Quando leram para mim os textos produzidos, procuraram ler com emoção, entonação... Escrever já não é uma obrigação, uma missão enfadonha.

Em outro momento, também tive a oportunidade de presenciar o trabalho escrito por eles. Assim que cheguei ouvi: *Fomos na COAMIG* (Cooperativa Mista de Guarapuava). Deixei que contassem como foi e o que fizeram.

Também aproveitaram para mostrar o relatório sobre a visita que fizeram a pedido da professora regente.

Os alunos que já faziam parte da classe desde o ano anterior, fizeram seus relatórios mais completos, com maiores detalhes, usando um vocabulário que não é do cotidiano deles. Exemplo: ... *o relatório onde foi feita a análise do leite para ver se ele tem bactérias, porque se não ele pode criar doenças em nossos organismos ...* (Ana) ...

tivemos que vestir jaleco e botas para entrar lá ... (Mery). Também fizeram uma capa para o trabalho, nos moldes dos livros, com letras grandes, desenhos coloridos ... Alguns voluntariamente fizeram em forma de livrinho. No entanto, alguns alunos novos da classe entregaram seus relatórios com poucos detalhes escritos sobre a visita e esteticamente desleixados.

Diante disso, a professora regente e eu concluímos que isso já é resultado do trabalho desenvolvido. O aluno estando em contato permanente com os livros, seu vocabulário melhora, bem como seu nível de argumentação e apresentação estética.

Paralelo a estas atividades, fomos desenvolvendo o trabalho com o texto **Bom dia todas as cores**. Considero importante relatar a forma como realizamos, pois para chegar à representação que eu queria tivemos um longo trabalho.

Depois que contei a história e dei a cópia do texto para levarem para casa, passamos a trabalhar sempre no saguão, por ser o espaço mais adequado que a escola oferecia.

Espalhados pelo saguão, fizemos em algumas aulas exercícios de descontração, respiração, simetria e equilíbrio. Os exercícios de descontração constituem um trabalho de preparação do corpo, tornando-o o mais propenso a reações espontâneas, mantendo ao mesmo tempo a leveza e o equilíbrio. Ao movimentar os músculos, o aluno toma consciência da capacidade que tem seu corpo de contrair e descontrair.

Aula a aula fomos desenvolvendo a expressão corporal, a voz. Foi difícil fazer com que eles superassem a timidez. Na infância o jogo dramático é uma atividade livre do corpo e da voz, mas que no decorrer do tempo esquecemos, matamos ou raramente usamos. A escola tal como a temos colabora muito para acentuar a timidez nos alunos. Estão sempre em fila, sentados, copiando, respondendo somente aquilo que lhes é questionado.

Dramatizar não é quadro-negro, giz, é uma perspectiva de educação que parte do princípio de que todos têm capacidade de dramatizar. *É preciso dizer que a arte*

é uma forma de educação, um método de ensinamento de todas as matérias e não meramente uma matéria a mais num programa de estudos. (HERBERT READ - apud LOPES, 1989:111). Ora, esse processo todo envolvendo a arte dramática irá refletir-se no processo ensino aprendizagem. O fato de oportunizar ao aluno conhecer seu corpo, desenvolver sua capacidade de expressão, criatividade, refletirá no seu desempenho escolar enquanto aluno e na sociedade enquanto cidadão, mais consciente, mais crítico e por que não mais atuante.

Na seqüência dos exercícios de expressão corporal, fizemos a leitura do texto. Sentados em círculo no chão. Repetimos trechos, mudando o tom de voz, dando oportunidade para que vários alunos lessem (interpretassem) a mesma “fala”. Pensamos conjuntamente cada personagem, cada cena, gesto, canção e cenário.

No decorrer do trabalho também aproveitamos algumas sugestões práticas de oficinas de teatro ora de REVERBEL (1993), ora de LEITE (1980) ora de BOAL (1995), e outras o próprio grupo criou. Várias vezes os alunos surpreenderam com suas inovações (gestos, forma de interpretar...).

Assim que senti o grupo mais familiarizado, mais à vontade, passamos a nos deter um pouco mais no texto. Procurando dar entonação às “falas”, repetir trechos. Um dos alunos, Antônio não participou da aula no saguão, foi fazer educação física com outra turma, quando percebi já estava lá.

Na seqüência do trabalho percebi que Antônio ficava impaciente na aula (a direção da escola me informou que Antônio tem problemas de ordem familiar) e outros cinco (alunos novos) não estavam à vontade em relação às atividades desenvolvidas no saguão. Representar exige total liberdade dos sujeitos envolvidos. Deixei-os livres para assistirem, ajudarem de forma indireta ou permanecerem em sala de aula lendo. Optaram por ficar em sala de aula lendo, respeitei-os.

Prosseguimos ensaiando, a cada dia uma descoberta, uma revelação, um impasse. A escolha dos personagens não foi fácil, todos estavam familiarizados com

todos os personagens. Procurei ser o mais democrática possível, pedi a opinião do grupo na definição de quem interpretaria o quê e quem faria o coro.

Sempre soube dos riscos que é montar uma peça com iniciantes, mas levei em conta o semestre anterior, isto é, as atividades que desenvolvemos. Não estava preocupada com o resultado, se a peça sairia perfeita ou não, mas com o trabalho em si mesmo. Levar um grupo que anteriormente alguns se agrediram fisicamente numa improvisação dramática, a se relacionar melhor, respeitar o colega, sentir que para trabalhar conjuntamente é necessário persistência, assiduidade, responsabilidade, união. Eis o que pretendia.

A partir do momento que dividimos os personagens, passamos a trabalhar mais concentradamente o texto.

Quanto ao cenário e vestuário improvisamos com o que tínhamos, e também tomei emprestado da Casa da Cultura algumas vestimentas que poderiam ser úteis. No dia em que trouxe os utensílios e roupas, os alunos se deliciavam ao seleccionar, experimentar, ajustar as vestes, alguns que não estavam envolvidos diretamente com os personagens, dirigiram-se até o fundo da sala, onde se encontravam revistas em quadrinho e livros. Escolheram e passaram a ler sem ninguém ter sugerido. Entre eles estava o Antônio. Prosseguimos experimentando as roupas, confeccionando os detalhes que faltavam, fazendo os ajustes... e a leitura no final da sala prosseguia.

Isso prova que o livro deve estar sempre à disposição, à mostra, porque nem sempre lembraremos de oferecer na hora em que o aluno deseja ler.

Após a aula, comentei com a professora regente sobre o fato ocorrido. Ela também notou e concordou que os livros devem ficar sempre à disposição. O controle é válido, necessário, mas deve-se fazer um trabalho de conscientização para que os alunos cuidem dos livros, isso é o mais importante.

Depois que definimos o vestuário para cada personagem fizemos alguns ensaios. Especialmente o camaleão precisava ensaiar com as vestes, pois a troca de

roupa (mudança de cor) é importante na cena.

No final do semestre ao sentir que os alunos estavam preparados, em condições de apresentar, marcamos a apresentação.

No dia estavam alvoroçados, a professora regente ajudou vesti-los, maquiá-los... Depois de tudo pronto, convidamos as crianças de outras séries para assistirem. Dividimos em duas turmas, devido ao número de crianças e o espaço disponível.

A expectativa era grande, afinal tínhamos trabalhado muito para isso. Reinava o maior silêncio na platéia. O Camaleão entra em cena, acorda de bom humor, põe sua cor preferida o cor-de-rosa e sai de casa contente da vida.

No caminho encontra o Professor Pernilongo, violonista na Orquestra do Teatro Florestal, que ao vê-lo, desaprova imediatamente sua cor. Sugere o azul, a cor do céu.

Camaleão muda de rosa para azul, continua o passeio e encontra o Bem-te-vi. Este também desaprova a cor azul, sugere alaranjada.

Contente com a sugestão, Camaleão se imagina alourado, cor-de-laranja, dourado e muda de cor.

Sempre cantando, continua passeando.

Saindo da capelinha, vinha o senhor Louva-a-deus, mais a família inteirinha. Ao se encontrarem com o Camaleão, reprovaram sua cor escandalosa, carnavalesca, propuseram o verde, a cor da natureza. O Camaleão aceitou e mudou.

Bastava que alguém falasse, mudava de opinião. Ficou de toda cor, não sabia dizer não. Tanto mudou que se cansou e resolveu voltar para casa.

No dia seguinte acordou bem humorado e ficou cor-de-rosa, sua cor preferida e saiu. Encontrou o Sapo Cururu que foi logo criticando a cor rosa.

Camaleão se encheu de coragem e disse que usava a cor que gostava e com isso fazia muito bem. Pois quem não agrada a si mesmo, não pode agradar a ninguém.

No momento da apresentação, ninguém esqueceu as “falas”, demonstraram-se seguros, desenvolto. A platéia gostou, aplaudiu. Reapresentaram para as outras turmas. Novamente saiu tudo como esperávamos. A pré-escola assistiu as duas apresentações, e foi a turma que mais participou, quando abrimos espaço para perguntas. São crianças espontâneas, sentem-se livres, ao contrário das outras séries que demonstraram timidez na hora de conversar com os personagens do texto apresentado.

Senti no olhar, na expressão facial de cada um dos participantes alegria, encanto, realização pessoal... Estavam satisfeitos consigo e com o grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

MORAL DA HISTÓRIA

Esta foi a história. O que ficou desta história? Um ano se passou. É hora de fazer um balanço, avaliar o trabalho através de entrevistas semi-estruturadas com a professora regente, com os alunos e com a professora da quarta série.

As entrevistas foram feitas em dezembro de 1995, avaliando a primeira etapa, depois em julho de 1996 ao término da experiência e em abril de 1997 com o intuito de saber como estavam os alunos.

Por que voltei à escola em 1997? No Capítulo I citando BRANDÃO & MICHELETTI assumo que *nossa memória não retém relatos que não nos prendam por laços emotivos*. Precisava verificar o que os alunos retiveram? São leitores de livros? A produção escrita melhorou? Fizeram alguma coisa diferente em relação a leitura? A professora percebeu quais alunos passaram por esta história? Na pesquisa participante os resultados posteriores podem ensinar que todas as atividades que realizamos não formou ou formou leitores.

Trabalhar literatura na escola, dar vazão à arte, *traz a emoção e a sugestão que educam o espírito, ela constitui a matéria essencial na formação do indivíduo, possibilitando-lhe não só a assimilação de conhecimentos, mas a sua formação e adaptação à vida pessoal e social*, (BRANDÃO e MICHELETTI, 1994:22). O trabalho de um ano possibilitou mudanças no rendimento escolar? A socialização entre os alunos aumentou? Busco na voz dos alunos, das professoras (professora regente e a professora

da quarta série) e nos registros do diário de campo, respostas, críticas, depoimentos a respeito do trabalho desenvolvido.

Após o primeiro semestre a professora regente afirma ter notado nos alunos mais interesse pela leitura. *Quando eu distribuo qualquer material para ser feita a leitura sabe, é aquele gosto. Um descobre uma coisa interessante já mostra para o outro que quer saber que página que é. Então desenvolveu bastante o gosto por ler. Não interessa se é grande ou pequeno, se é uma pergunta, se é qualquer coisa, eles têm interesse. Em qualquer disciplina isso está acontecendo.*

Segundo a professora regente os alunos estão motivados para a leitura. Essa motivação não surgiu do nada, percorremos trilhas, buscamos histórias, lemos muito para isto. O fato de sentir prazer ao ler e partilhar com o colega emoções, curiosidades, informações leva o aluno a querer produzir mais. *Há mais detalhes assim... quando vão escrever. Percebo porque tenho outra segunda série de manhã e o rendimento está sendo diferente. A professora regente notou entre seus alunos da manhã e da tarde diferença em relação ao desenvolvimento, ao rendimento em sala de aula. Se os alunos da tarde apresentavam maiores detalhes na produção, se pediam para produzir, isso nos prova que o ato de ler e escrever andam juntos. O aluno lê, fervilham idéias em sua mente e ele sente necessidade de devolver a palavra.*

Segundo GERALDI, *o texto é o principal motor do ensino da língua materna: parte-se dele e ele também é ponto de chegada. Porque o texto espelha todas as marcas do exercício interativo da língua. Há nele quem diz, o que diz, para quem diz, como diz, quando, etc.* Como nada se tira do vácuo, todo texto desde os espontâneos até os mais elaborados pressupõem leitura. Os primeiros indícios do trabalho com leitura começavam aparecer. Mais detalhes na produção escrita quer dizer mais idéias e para isso a contribuição da leitura é imprescindível.

Acompanhando minhas aulas, a professora regente sentiu-se motivada a desenvolver as mesmas atividades (ou parecidas) com seus alunos da manhã. Quis

saber como foi este trabalho, e ela afirma dizendo que *foi interessante, mas que é diferente a professora da turma trabalhar, que tem mais limites. Por isso o trabalho saiu diferenciado. Tendo alguns alunos não alfabetizados e a faixa etária diferenciada (entre oito e dezesseis anos)* considerou estes dados como empecilho maior no trabalho com a leitura.

Percebo na fala da professora regente um certo “receio” de trabalhar leitura. Por que a professora da turma teria mais limites? A convivência diária com os alunos certamente possibilita melhores chances de conhecê-los e desenvolver um bom trabalho. Ela não via nas atividades com leitura uma maneira de alfabetizar os alunos que apresentavam dificuldades.

Mesmo admitindo crescimento nos alunos, a professora demonstra receio de trabalhar leitura de uma forma mais dinâmica, intensa. Ora culpa a idade dos alunos, ora atribui a si mesma a culpa. Embora tendo formação acadêmica e sendo uma excelente profissional, ainda está presa a certos vícios que os profissionais da educação carregam de longas décadas. Por que os professores insistem na “crise da leitura”?

Dentre as atividades que desenvolvi, a modelagem chamou muito a atenção não só dos alunos como da professora regente. Depois que os trabalhos foram apresentados, decidimos que os alunos iriam desfazê-los recolhendo a massa para trabalharem posteriormente. *... a história João e o pé-de-feijão eu não deixei desmanchar. Coloquei numa cadeira em cima da mesa. Eles (alunos) pediram para fazer a produção de texto. Eu nem sabia a historinha, depois que fui saber que tinha o gigante, sabe... na produção de texto deles. O grupão fez o texto. Aproveitei a mesma massa e trabalhei com meus alunos da manhã. Fiz o mesmo que você fez, ler a modelar e apresentar a história. Depois eles mesmos faziam a massa e traziam para a escola. Sempre tinha um ou outro com massinha na mão.*

O tipo de pesquisa realizado por mim permite implementar alguma ação que resulte em uma melhoria aos participantes. Ao refazer as atividades que eu fazia, a

professora regente tenta duplicar o trabalho. Percebe-se que ela sente necessidade de desenvolver um trabalho com leitura, com arte, sente que falta algo em suas aulas. Como a escola não tem nenhum projeto que vise estimular o ato de ler, nem os professores têm lutado para mudar esse quadro, a mesmice se perpetua.

Em relação ao nível de aprendizagem dos alunos a professora regente declara que *melhorou, pois quando ouvem histórias, eles ficam concentrados em você, ninguém se distrai. Então a atenção deles melhorou, não só na hora da história, mas em qualquer coisa que vou falar para os alunos, eles prestam atenção. Sabem o momento de prestar atenção e o momento que dá para conversar.*

Na concepção de BENJAMIN (1994:205) *quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.* Desta forma as histórias cumprem perfeitamente seu papel através do narrador.

O gosto por participar da hora do conto e da leitura fez com que os alunos passassem a ver as quartas-feiras como um dia em que não se poderia faltar. *Na segunda-feira eles já alertam: não falem quarta-feira. Na terça-feira sempre alguém relembra: é amanhã que a professora vem, que nós vamos ler.*

A escola muitas vezes acusa os alunos de não gostarem de ler. São os alunos que não gostam? Vemos na fala da professora regente que os alunos aguardavam ansiosos a aula de leitura nas quartas-feiras. Para formar leitores não bastam livros, é preciso buscar alternativas para tal. Estávamos buscando, continuamos buscando por mais um semestre através das atividades que realizamos. No que elas contribuíram?

No início do trabalho os alunos sentiam grandes dificuldades em se manifestar publicamente no momento em que estavam fora de suas carteiras, perdiam a naturalidade, praticamente não discordavam de nada. Aproveito um depoimento da professora regente para mostrar que o espírito crítico começa a aparecer.

Depois do trabalho com as histórias eles têm mais liberdade de chegar e falar. Antigamente eles não vinham até a frente. Este trabalho ajudou. Hoje em dia a

3ª série é a turma que mais fala, que não pára quieta sentada. Se não tiver alguma coisa (pausa), eles já descobrem quando a professora não tem domínio sobre o conteúdo.

Esses dias eu estava explicando uma fração, e acho que dei um exemplo que não deu para eles entenderem. Ai o Jonas balançou a cabeça e disse:

- Não colou!

- Então vamos ver se cola agora? - Mudei o exemplo.

- Não colou! - Até que encontrei uma terceira forma de explicar.

- Agora sim! - Disse Jonas.

Essa turma tem que tomar muito cuidado, tem que preparar bem a aula, porque eles já têm uma sensibilidade maior. [Eu acrescentaria criticidade aguçada.]

O mesmo aconteceu dias atrás, quando estava de permanência e a professora auxiliar foi trabalhar com eles e não conseguiu convencê-los com a explicação. No intervalo pediu a minha ajuda, após, retornou a sala e explicou novamente. Ai, eles aceitaram a nova explicação.

No dia seguinte, quando entrei na sala, já ouvi os comentários:

- Chi! A aula daquela tia não estava legal.

Portanto o trabalho com leitura e teatro desenvolveu o lado crítico deles. Se uma coisa não está bem, eles já reclamam. Muitas coisas devem ser meio combinadas, eles preferem saber com antecedência. Se você chega com alguma coisa sem comunicar, eles já dizem: - Você não avisou! - Então eu preciso deixar meio iniciado alguma coisa, para eles virem sabendo o que vão fazer.

O fato de não aceitar qualquer explicação, desafiar o professor, reclamar da maneira como a aula foi conduzida, mostra claramente que eles não têm medo, conseguem distinguir o bom do ruim. Rejeitar duas vezes o exemplo que a professora regente deu sobre um cálculo matemático, prova que Jonas não aceita ficar com dúvidas, pois a maneira como se expressou ao dizer *não colou!*, deixa claro que não foi ele que

não entendeu, mas a professora que não soube explicar.

Por que preferem saber com antecedência o que vai ser trabalhado? Arriscaria dizer que mesmo dentro de suas limitações (sem livros em casa, sem biblioteca escolar) anseiam se preparar em relação ao tema para participar mais da aula.

O convívio com os livros despertou-os para o lado estético. Ao entregarem o relatório solicitado pela professora regente tendo em vista a visita a COAMIG, ficou transparente quem não havia participado do trabalho com leitura, ou seja, aqueles que vieram transferidos de outras escolas. Pois seus trabalhos estavam esteticamente desleixados. Os próprios alunos comentaram: *“Credo! Veja que trabalho!”* Os outros não entregariam assim, se alguma coisa sai errada, eles pedem outra folha e passam a limpo. Então foi aflorado neles a vontade de escrever. Carlos me entregou o relatório mal feito, perguntei: Carlos, o que houve com seu relatório? E ele respondeu: *“Fui fazer rápido e não deu tempo de fazer melhor. Posso refazer?”* Carlos, aluno que participou do trabalho com textos literários desde o início, refez o relatório consciente de que na primeira vez falhou.

Quando falo em convívio com os livros, não quer dizer uma aula de leitura por semana apenas, e sim que os livros devem estar à disposição dos alunos diariamente. No dia em que preparávamos o cenário, escolhíamos e ajustávamos as vestimentas para a apresentação de **Bom dia todas as cores**, os que não estavam diretamente envolvidos com os personagens, passaram a ler no fundo da sala. Eu não tinha pensado em livros naquele momento, por estar ocupada, nem a professora regente lembrou. Se os livros não estivessem à disposição, eles não teriam lido. A professora regente e eu apenas nos entreolhamos e ela se convenceu de que o livro deve estar sempre disponível.

Controlar os livros (saída e devolução) é importante, mas um trabalho de conscientização talvez seja bem mais interessante do que guardá-los a sete chaves como a escola faz, preservando-os praticamente intocáveis como adorno de estantes.

Montar na sala de aula uma “minibiblioteca” com caixas-estantes ou sacolas

possibilita ao estudante tanto nos momentos formais de leitura, em que todos lêem, como nos informais, assim que terminam uma atividade e aguardam outra ou na ausência do professor, estar em contato com o livro espontaneamente. Instauram-se e consolidam-se assim o gosto e o prazer de ler entre os estudantes.

Com isso não quero dizer que o modelo de biblioteca tradicional deva ser erradicado, muito pelo contrário, o aluno estando em contato permanente com livros em sala de aula, terá prazer e objetivo de ir à biblioteca. Leitores críticos, argutos e investigativos, eis o que nossas bibliotecas precisam. Também a partir do momento que tenhamos esses leitores, fazem-se necessários atualização de acervo e implantação de novas bibliotecas, pois certamente a exigência será maior.

Sugeri que em conjunto os professores tentassem ampliar o acervo bibliográfico solicitando às editoras, fazendo campanha de doação, etc. Alguns livros que utilizei no decorrer da pesquisa doe para a escola e também dei um para cada aluno.

A escola precisa acreditar no potencial dos alunos, desafiá-los com propostas de trabalho interessantes, em hipótese nenhuma subestimar a capacidade deles. Numa das entrevistas ao perguntar à professora regente como ela via a questão de trabalhar arte-educação. Ela responde dizendo ser *muito válido, porque as crianças têm muito a oferecer. A gente que imagina que crianças da periferia não... (pausa cortando a fala). Vale muito a pena investir, a gente pensa que não dá, não mede as conseqüências de não trabalhar tais coisas com as crianças, porque eles são capazes. A inteligência deles está a mil, acho que nós é que estamos parados, mas as crianças estão aí. Acho que tudo o que você ensinar... e se você deixar de ensinar, outra pessoa pode ser que não ensine.*

Percebo na fala cortada (“a gente que imagina que crianças de periferia não...”) o quanto o aluno desfavorecido sócio economicamente perde na trajetória escolar, devido ao descrédito prévio da escola a seu respeito. São da favela, são paupérrimos então não dá para fazer nada interessante. Essa concepção está tão arraigada no meio

docente que certamente muito tempo levará para deixar de imperar.

Se os professores continuarem insistindo que com alunos carentes, de baixo poder aquisitivo, não se pode desenvolver um trabalho dinâmico, criativo, certamente continuaremos como estamos, porque a maioria dos estudantes brasileiros pertencem a famílias de baixo poder aquisitivo.

E o que pensam esses alunos de baixo poder aquisitivo com quem trabalhei durante dois semestres? Como vêm a experiência realizada?

Dentre as “falas” dos alunos o que mais se destacou foi o gosto pela leitura, o prazer que sentiam em ler os livros, ouvir histórias e trabalhar na dramatização de **Bom dia todas as cores**. Ao dizerem *eu gostei de ensaiar, gostei dos fantoches que você trouxe, dos livrinhos para a gente ler. Eu gosto mais da parte que eles falam... do texto* (Carlos); *Gostei do teatro que fizemos, de ler toda semana* (José); *Eu gostei das coisas que fizemos, brincamos, dos ensaios para o teatro* (Jonas). Fica nítido na fala deles que trabalhar o texto em sala de aula para os alunos foi uma atividade prazerosa.

Ao ouvir Suzi dizer *eu gostei de livrinhos, aprendi a ler mais. Na outra escola eles não deixavam ler livrinhos assim solto na mão das crianças. Eles tinham medo que estragassem, roubassem... Eu gosto de ler porque a gente aprende mais as coisas. Se quiser saber alguma coisa é só ler nos livros*. Fica evidente a denúncia que ela faz em relação à escola. Criticam-se os alunos por não gostarem de ler. No entanto a escola priva o aluno do contato com os livros, sob o pretexto de que vão estragar, roubar... A escola prefere os livros perfeitos, intactos nas prateleiras, servindo de adorno, a vê-los circulando entre os alunos.

Ora a desculpa é falta de biblioteca, de bibliotecário, ora é o “medo” de que os livros “voem” das estantes... Os anos passam e com eles as crianças crescem, tornam-se adultas, saem da escola sem conhecer essa riqueza imensa. Fora da escola, quando muito, lerão jornais ou nem isso.

Hoje Suzi tem consciência de que é possível a escola ser diferente, que os

livros podem circular entre os alunos. Quando lhe perguntei o que faria se fosse para uma escola que não quisesse dar livros para os alunos, foi categórica na resposta: *Eu peço para minha mãe me tirar de lá... Ou posso mudar de turma.* Uma escola sem livros não serve mais para Suzi. Ela sabe onde procurar o conhecimento. Ao dizer *posso mudar de turma*, ela sabe que dentro de uma mesma escola pode haver turmas diferenciadas, que o trabalho com leitura vai depender do(s) professor(es) que ela tiver.

A resposta que Maria me deu ao perguntar a ela o que faria se a escola não proporcionasse mais leitura de textos, livros, chega a ser deprimente: *se ela não der... aí eu leio no caderno os textos da terceira, da segunda, da primeira.* Para Maria a saída seria continuar com o que tem em mãos, ou seja seus cadernos.

Maria e Suzi já perceberam que na trajetória escolar terão que fazer muitas vezes, manobras se quiserem ler. Suzi já viveu essa experiência.

Na minha infância eu apenas li textos ucranianos e o caderno de receitas culinárias de minha mãe. A escola não me proporcionou encontros com o livro no primeiro grau. O tempo passou e ainda vemos no discurso das crianças, denúncia de ausência de leitura, manobras do que “poderão fazer” se a escola continuar negando esse direito a elas. Até quando?

É freqüente ouvirmos entre professores *que muitas crianças não gostam de ler, pode-se muito bem considerar tal ponderação como reflexo do nada do pouco ou do tortuoso que se opera pedagogicamente nas escolas para aproximar criança e livro de literatura. Caminha-se, em contrapartida, em direção daqueles resultados desanimadores, pois em verdade, mais se faz no sentido de distanciar criança e livro. É a manifesta ‘crise da leitura’, mais uma dentre as muitas que se abatem sobre o país, tomando corpo desde a escola fundamental, embora deite suas raízes por todo o organismo sócio-político-econômico-cultural brasileiro* (BRAGATTO, 1995: 85).

Diante disso ao retornar à escola em meados de agosto, levei a fita de vídeo com a gravação da apresentação **Bom dia todas as cores**, para eles assistirem. Ficaram

empolgados, emocionados de se ver pela primeira vez numa tela. Mostrei as fotos e procurei saber se continuavam mantendo contato com a literatura. Responderam entusiasmadamente que sim. A professora regente me disse que trabalharia no terceiro bimestre com poesia, lendo, escrevendo, formando livrinho de poesia.

Também disse que os alunos levariam livros para casa, na forma de empréstimo.

Considero um grande avanço mesmo possuindo um acervo limitado proporcionar empréstimo de livros.

Os livros que antes ficavam na sala da supervisão e que depois ficavam trancados no armário de sala de aula começaram a circular diariamente entre os alunos. E depois “criaram asas” conseguindo chegar até as casas dos alunos e voltar...

Promover leitura em sala de aula não é perder tempo, não é “matar aula”. A leitura, se desenvolvida com competência e dinamismo, proporciona com certeza o pleno desenvolvimento das atividades lingüísticas dos alunos, aguça a criticidade deles.

Na entrevista os alunos afirmam que o que ficará das aulas é ler mais. A semente havia germinado, resta saber se crescerá. Por isso voltei a escola em 1997, com o intuito de saber o que aconteceu a partir do segundo semestre de 1996 e como estavam esses alunos. Será que a professora da quarta série percebeu quem eram os alunos que passaram por essa história?

Ao chegar à escola fico sabendo que a professora regente que acompanhou todo o trabalho, é a supervisora da escola, o que de certa forma é bastante positivo, pois ela trabalhará diretamente com os professores.

Ao perguntar-lhe sobre as atividades que desenvolveu no segundo semestre de 1996, afirmou ter desenvolvido o seguinte: montaram um clubinho de ciências, o nome partiu dos alunos *Clube de Ciências Einstein 2000*. Pesquisaram a biografia de Einstein e encenaram-na no dia em que inauguraram o clube.

Através de revistas conseguiram endereços de diversas partes do país para

fazer um intercâmbio, entre eles conseguiram o endereço de um clube de ciências (estudantil) de Caçapava SP. A turma passou a se corresponder com o clube de Caçapava, trocando curiosidades na área de experimentos.

Também leram e produziram poesias formando um livro. Continuaram lendo e levando livros para casa na forma de empréstimo. *Notei que houve evolução no pensamento deles, há mais idéias nos registros, na produção de textos.*

Um dia desses ao passar na quarta série vi que estavam produzindo um livrinho. Agora a professora está trabalhando com Monteiro Lobato, contou as histórias trabalhou a biografia e as músicas. É uma das turmas da escola que mais se interessa. A professora encontrou facilidade para trabalhar com eles. Os conteúdos estão relacionados a Monteiro Lobato, está havendo uma facilidade muito grande. É todo um trabalho desde a segunda série, o teu e o meu, diz a professora regente.

Conversei com a professora da quarta série, precisava saber se ela identificou os alunos que passaram por esta história. Ela é nova na escola, tem cinco anos de magistério e todos com quarta série.

Disse-me que logo nos primeiros dias de aula, propôs que coletassem palavras de revistas para eles significativas, recortassem e escrevessem um texto a partir delas. *Sairam textos lindíssimos, poesias... Então sabe, foi a partir daí que percebi que eles eram voltados (pausa). Também peguei uns trinta livros e levei para a sala de aula. Notei que eles leram dois, três e queriam mais, mais... Adoram leitura. Todo dia se eu tenho um espaço para a leitura, é o melhor espaço deles. Sempre estou renovando os livros em sala de aula. Numa semana eu esqueci, eles já cobraram os livros novos, renovados. É uma turma boa. Até pelo fato de serem de famílias carentes, eles não têm muitas dificuldades. Gostam muito de leitura, gostam de livros. A fala e a escrita não têm erros absurdos.*

Percebe-se no discurso da professora que a leitura não acontece todo dia. Na concepção dela trabalhar história, geografia, ciências, matemática não tem a ver

com leitura. *Se eu tenho um espaço para leitura, é o melhor espaço deles.* A condicional se denuncia que a leitura não acontece diariamente. Que faz a escola então nas quatro horas diárias que fica com os alunos?

Até pelo fato de serem carentes eles não têm muitas dificuldades. O professor ao assumir uma turma de alunos desfavorecidos sócio-economicamente, já vai munido de preconceitos, esperando que sejam fracos, não acreditando que possam ser bons. A professora se surpreende com seus alunos por não terem tantas falhas na escrita. Por quê?

A maioria desses alunos tinha passado por uma história de leitura que a professora de início não sabia. Por continuarem “carentes” ela esperava que tivessem dificuldades.

Ainda em relação à produção escrita, a professora afirma que seus alunos *não têm dificuldades para pôr as idéias. A história não perde o sentido. As frases são coerentes. São textos bons, mas há exceções ou seja, os repetentes e os transferidos apresentam dificuldades bem maiores na escrita. Tem texto que você lê, lê e não entende, não faz sentido. Também são alunos que têm dificuldade de vir até a frente falar para todos ouvirem.*

Fica transparente na fala da profesora o resultado do trabalho com histórias, jogo dramático, dramatização na conquista do leitor. Foi fácil para ela, professora nova na escola, reconhecer os alunos que participaram do trabalho desenvolvido com textos literários, daqueles que não tiveram a mesma oportunidade.

No trabalho que desenvolveu com os alunos usando os textos de Monteiro Lobato, para trabalhar as disciplinas português, matemática, história, geografia, ciências, a professora afirma: *logo percebi que a turma era bem receptiva. Aí contei as histórias, trouxe as músicas, pesquisamos a biografia do autor e cantamos a música do Sítio do Picapau Amarelo, depois a da Emília. Estudamos os personagens do Sítio e montamos uma apresentação de acordo com a música, finalizando com a dança da Emília. Fiquei*

surpresa quando alguns meninos quiseram participar da dança da Emília. Eu deixei... Eu gosto de alunos críticos, e eles são assim bem críticos. Quando alguma coisa não está bem, não está dando certo, eles já dizem: Professora, vamos mudar, isso não tá legal!

Um dia numa atividade de jogo dramático jorrou sangue como consequência da violência, hoje esses mesmos alunos interpretam qualquer personagem com sensibilidade. De acordo com BRAGATTO (1995: 91) se a arte literária se constrói pelo signo escrito, ou seja, aquele que *comunica, seduz, emociona, toca a ponto de fazer ver, sentir, viver - tal linguagem trabalhada como recurso artístico, caracteriza-se pelo seu dinamismo, força, vitalidade, colorido, criatividade, flexibilidade, enfim, por toda uma carga subjetiva do escritor que a maneja. Eis a importância do conviver-se com tal linguagem.* Lentamente a sensibilidade vai sendo despertada, desenvolvida, proporcionando um melhor convívio na comunidade escolar.

Como a escola possuía uma sala ociosa, a atual administração decidiu implantar uma biblioteca. A prefeitura se dispôs a ajudar com algumas coleções, mais o mobiliário. Os alunos estão ansiosos por frequentar este ambiente, por terem a oportunidade de pesquisar, escolher livros em outro espaço que não o de sala de aula.

A professora regente, atual supervisora, disse-me que a pessoa encarregada da biblioteca veio de outro setor. Era servente e lutou para atuar na biblioteca, inclusive voltou a estudar no CES (Centro de Estudos Supletivos) aos quarenta e oito anos fazendo o segundo grau.

Sempre achei as bibliotecas escolares um tanto quanto mortas, a pessoa responsável apenas controlando a entrada e a saída dos livros. Biblioteca escolar deveria ser dirigida por uma pessoa dinâmica, com bom nível de leitura para que pudesse sugerir, criar situações para que os usuários entrassem e retornassem com prazer a esse ambiente.

A professora espera com ansiedade o funcionamento da biblioteca, acha a idéia excelente porque segundo ela *a maioria não tem livros em casa para ler. Posso*

afirmar isso com segurança porque moro aqui no bairro e já trabalhei com catequese. Então com a biblioteca vai ficar mais fácil.

Convivendo mais com os livros em sala de aula, os alunos foram estreitando relações afetivas com eles a ponto de induzirem os pais a comprar quando um vendedor passou na vila. *Algumas mães compraram livros caros, enciclopédias porque o filho queria, disse que precisava ler. Temos mães trabalhando por dia para pagar os livros. Então o gosto por ler está influenciando a rotina doméstica. Eles trouxeram os livros para mostrar para os colegas. Quatro alunos compraram, diz a professora regente.*

No final do trabalho dei um livro para cada aluno. Segundo a professora regente eles leram, emprestavam do colega e muitos acabaram trocando. Entre eles a troca é muito comum. *Trocam uma coisa por outra que gostou mais. Eles trocam um lápis por um carrinho, um carrinho por uma bolinha, uma bolinha por qualquer outra coisa que eles queiram. Eles ainda têm uma moral que não permite roubar, então eles trocam. O livro que ganharam trocaram depois com o colega por outro livro ou por outra novidade qualquer. Eles usam por um determinado tempo como não podem adquirir outro novo o jeito que encontram é trocar. Às vezes as trocas causam brigas entre as mães, porque eles trocam independente do valor financeiro, o que conta é o valor sentimental.*

Induzir, convencer os pais a adquirir livros é um fato bastante interessante. Por que querem comprar livros? Segundo LAJOLO (1993: 106) a leitura literária é fundamental, *é à literatura como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: O cidadão, para exercer plenamente a sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas por que precisa ler muitos. Então trabalhar por dia para pagar livros é*

plenamente justificável. O desejo de ter livros em casa para poder ler quando quiser foi maior que o poder aquisitivo deles. Através do texto literário os alunos sentiram vontade de ter livros em casa. Outros vêm na troca uma possibilidade de conseguir renovar o que têm, inclusive o livro.

Num contexto onde a maioria dos alunos vêm de favela, enfrentam dificuldades sócio-econômicas graves, problemas familiares... esses mesmos alunos desenvolveram muito o nível de leitura e o nível de socialização. Comumente a culpa de não lerem recai sobre eles, no entanto esses alunos quase nada tendo leram, produziram, demonstraram interesse, o fator econômico não interferiu. É o resultado do trabalho de um ano. Multipliquemos esse ano por quatro, por oito, por doze... quais seriam os resultados? Que tipo de aluno chegaria à Universidade? Como seriam enquanto cidadãos? *Fazer um trabalho desses do pré a quarta série seria maravilhoso, a seqüência de idéias, o pensamento, a fantasia...*, diz a professora regente. Então propus a ela que desenvolvessem na escola um projeto de leitura em sala de aula, tendo o apoio da biblioteca, envolvendo todos os alunos, adquirindo novos livros... *Bem, eu vejo assim, não podemos pensar muito elevado, porque há todas as outras coisas para fazer. É... tem que conversar, é difícil colocar na cabeça de cada um sabe... tem coisinhas mínimas que nossos profissionais deixam enorme. Nossos professores levam livros para a sala de aula, é mais informal, quem quer ler, lê. Não é feito um resgate, uma motivação.*

Que coisas são essas tão mais importantes que a leitura? Por que não pensar elevado, sonhar alto? Será por que a clientela vem de favela? Tempo dedicado à leitura atrapalha o processo ensino/aprendizagem? Se os alunos melhoraram a produção escrita, desenvolveram o senso crítico, têm facilidade para se expressar em público, apresentaram melhor rendimento nas outras disciplinas, foi através do trabalho desenvolvido com leitura que conseguiram isto.

Percebe-se na fala da supervisora o receio de chegar até os professores e propor um trabalho dinâmico com leitura. Por quê? Se o principal conteúdo de ensino

em língua materna é o texto, se as demais disciplinas do currículo estão diretamente relacionadas ao texto, por que ter receio de trabalhá-lo de uma forma dinâmica, em que o aluno sinta prazer em ler? Através do livro o aluno vai descobrindo, informando-se, instruindo-se, tornando-se um cidadão crítico, consciente de sua cidadania, dos seus deveres, mas principalmente dos seus direitos.

Fomentar a leitura deve ser objetivo da instituição escolar, algo que deve fazer parte do projeto educativo e que requer planificação, prática e avaliação. Pois quando se lê, adquire-se passagem sem limites para embarcar em aventuras fascinantes, transcender o cotidiano. É pensar e ter acesso ao pensamento de outros, e nesse intercâmbio crescer. O aluno tem direito a isso, vem para a escola ávido por aprender, mas para que isso aconteça o professor precisa facilitar a travessia incentivando-o a buscar, a descobrir o mundo...

BIBLIOGRAFIA

01. ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil gostosuras e bobices**. 4ª edição. São Paulo, Scipione, 1994.
02. ANDRÉ, Marli E.D.A. **A pesquisa no cotidiano escolar**. In Metodologia da Pesquisa Educacional (org.) FAZENDA, Ivani. São Paulo: Cortez. 1991.
03. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 7ª edição, 1994.
04. BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
05. BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 12ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.
06. BRAGATTO, Paulo Filho. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo, Ática, 1995.
07. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo, Brasiliense, 11ª edição.
08. BRANDÃO, H. N. Nagamine & MICHELETTI, Guaraciaba. **Introdução**. In **Aprender a ensinar com textos didáticos e para didáticos**. Vol. 2. São Paulo, Edição da FFCHL/USP, 1994.
09. CAMAROTTI, Marco. **A linguagem no teatro infantil**. Ed. Loyola. São Paulo, 1994.
10. CASTRO E SOUZA L CASTRO SILVA. **O eterno fascínio dos contos de fadas**. In *Jornal da Alfabetizadora* ano V nº 29.
11. CHANCEREL, Léon. **Jeux dramatiques dans l'éducation**. Paris.(1948) in REVERBEL, Olga. **Um caminho do Teatro na escola**. São Paulo, SCIPIONE. 1989.

12. CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros - leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XVIII e XIX.** Trad. Mary Del Priorie. Brasília, Ed. UNB, 1994.
13. DUARTE, Júnior, João Francisco. **Por que Arte-Educação?** 7ª edição. Campinas, Papirus, 1984.
14. _____ **Fundamentos estéticos da educação.** 3ª edição. Ed. Papirus, São Paulo, 1994.
15. EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. **Pesquisa participante.** São Paulo, 2ª ed. Cortez, 1989.
16. FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional.** São Paulo, 2ª ed. aumentada, Cortez, 1991.
17. FERNANDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
18. FRANZ, Marie Louise. **A interpretação dos contos de fadas.** Trad. BARBOSA, Maria Elci Spaccaquerche. São Paulo, Edições Paulinas, 1990.
19. GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante: propostas e projetos,** in BRANDÃO, C.R. **Repensando a Pesquisa Participante.** São Paulo, Brasileiene, 1987.
20. GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem.** São Paulo, 2 ed. Martins Fontes, 1993.
21. _____ **Da redação à produção de textos.** In **Aprender e Ensinar com textos** vol. 1. Coordenadora Geral CHIAPPINI, Ligia. São Paulo, ed. da FFCHL/USP, 1994.
22. JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras.** Porto Alegre, Vol. 1, Artes Médicas, 1994.
23. LADEIRA, Idalina & CALDAS, Sarah. **Fantoches & CIA.** São Paulo, 2ª Edição. Scipione, 1993.
24. LAJOLO, Marisa Philbert. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar n República Velha.** Rio de Janeiro, Globo, 1982.
25. _____ **Do mundo da leitura, para a leitura do mundo.** São Paulo, Ática, 1993.

26. LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Ática, 1996.
27. _____ **Literatura infantil brasileira, história e histórias**. São Paulo, 4ª edição, Ática, 1988.
28. LEITE, Luiza Barreto (e outros). **O teatro na educação artística**. Rio de Janeiro, 2ª edição, Achiamé, 1980.
29. LOPES, Joana. **Pega teatro**. Campinas, Papyrus, 1989.
30. LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1986.
31. MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. "Sobre o ensino da leitura" em **Leitura: Teoria e Prática**. Junho/1995. Ano 14 n° 25.
- _____. **Leitura, Literatura e Escola**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
32. MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro, 3ª ed Jan Nova Fronteira, 1984.
33. PERROTTI, Edmir. **O Texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo, Icone, 1986.
34. REICH, Wilhelm. **A irrupção da moral sexual repressiva**. São Paulo, Martins Fontes, 1931.
35. _____. **A revolução sexual**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1949.
36. REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo, Scipione, 1989.
37. _____. **Oficina de teatro**. Porto Alegre, Kuarup, 1993.
38. SILVA, Ezequiel T. da. **Elementos de pedagogia da leitura**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
39. SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. Trad. Tatiana Belinky in RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil Literatura Juvenil**. São Paulo, Saraiva, 1ª ed. 1993.
40. SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

BIBLIOGRAFIA

41. THIOLENT, Michel. **Notas para debate sobre pesquisa-ação.** In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo, Brasiliense, 1987.
42. YUNES, Eliana. **A Leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas.** São Paulo, Saraiva, 6ª edição, 1993.

ANEXOS

ÁLBUM ILUSTRATIVO



Primeira escola da comunidade chamada Escola da Professora Izabel Pietnazka.



Escola Municipal Irene Guimarães Pupo.



Alunos no dia-a-dia descobrindo os livros.



Alunos absortos no mundo das letras.



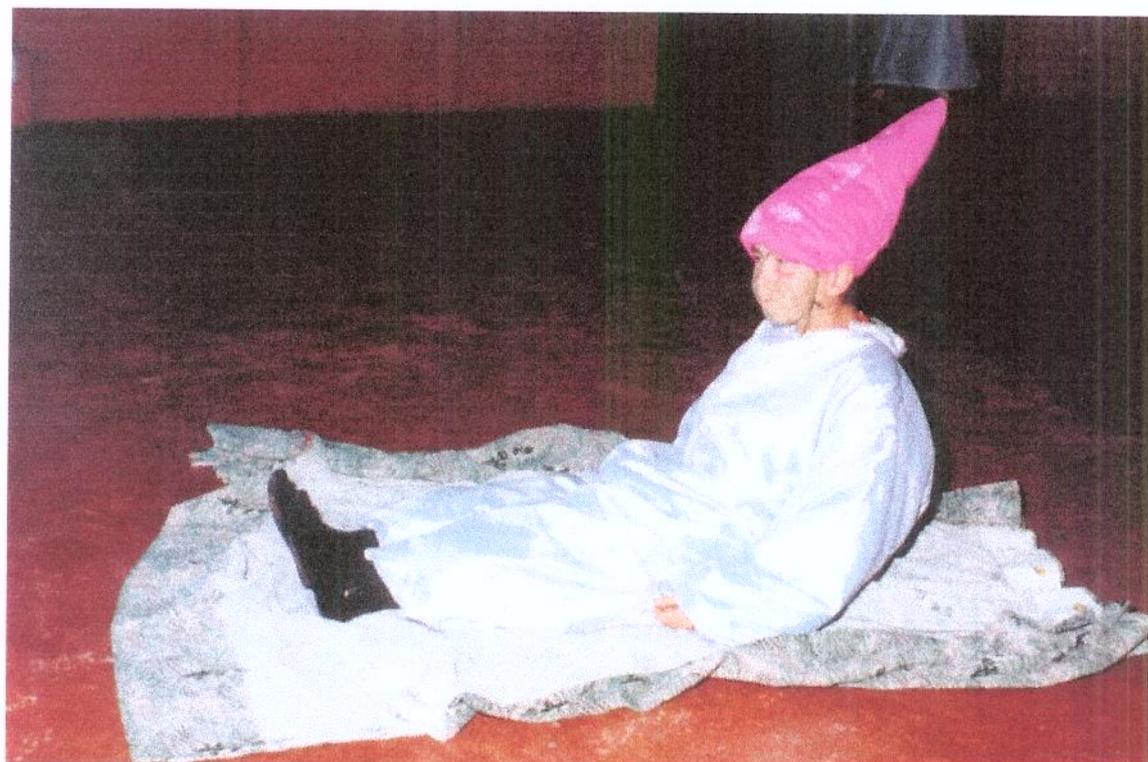
Leitura no dia-a-dia.



Alunos mergulhados na leitura.



*Preparação para apresentação de **Bom dia todas as cores** (confeção do material e ajuste das vestes).*



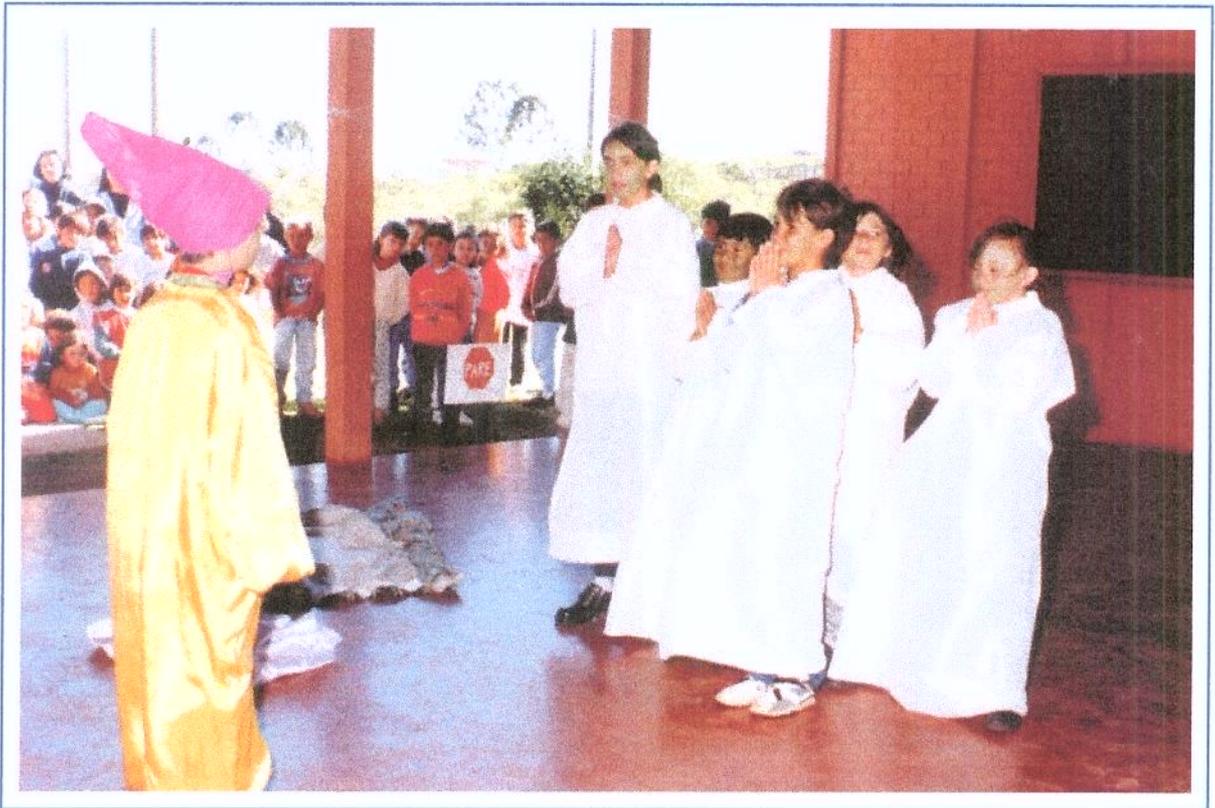
*Dramatização de **Bom dia todas as cores** - despertar do Camaleão.*



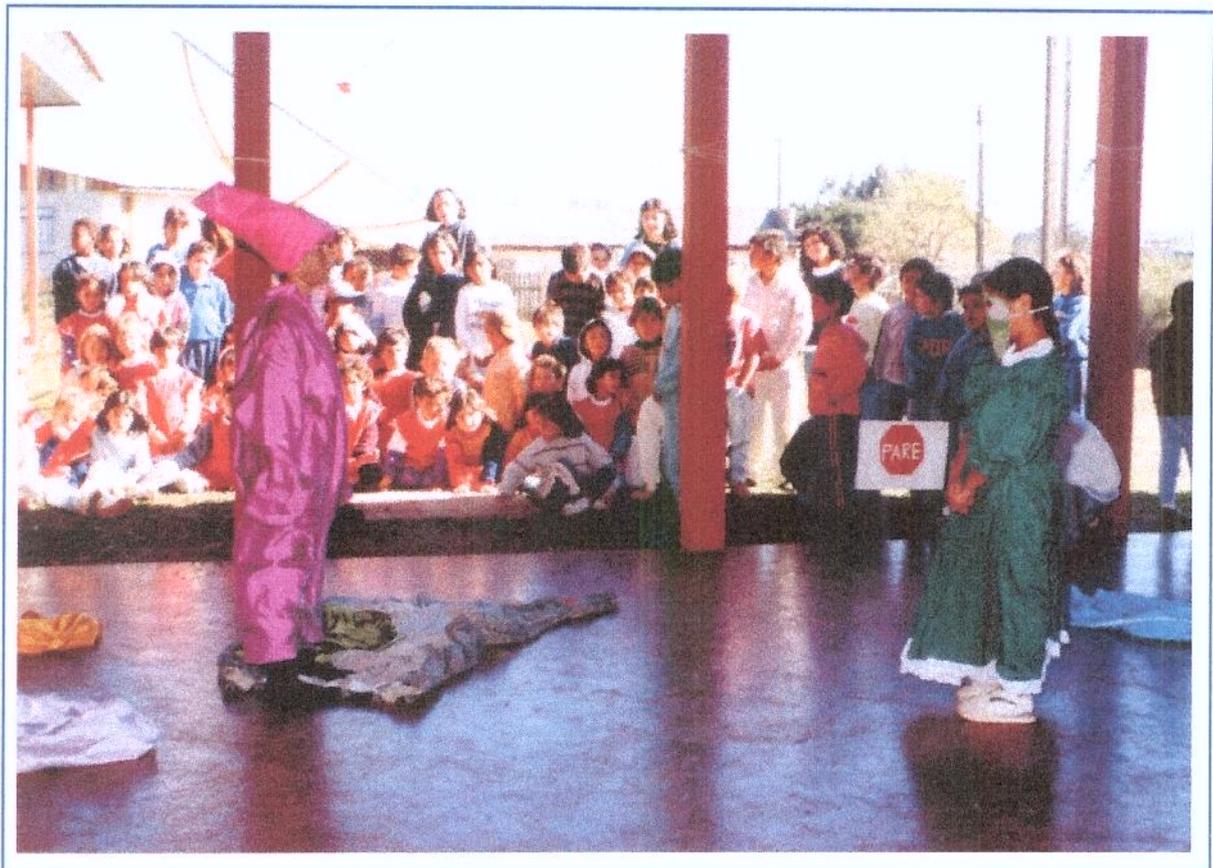
Encontro do Camaleão com o Professor Pernilongo - violinista na Orquestra do Teatro Florestal.



Bem-te-vi desaprovando a cor azul do Camaleão.



Camaleão encontra a família Louva-a-deus que reprovava sua cor carnalavesca, sugerindo o verde.



Sapo Cururu implicando com a cor rosa do Camaleão.



Conversa entre a platéia e os personagens.

ANEXO I

LISTAGEM GERAL DOS LIVROS USADOS NA PESQUISA

1. Os alegres músicos de Brêmen - recontado por Eugênio Amado
2. Tem gente - Telma Guimarães Castro Andrade
3. Doutor De Soto - o rato dentista - William Steig
4. As qualidades com a história O reino dos mal-humorados - Rosana Rios
5. Campinho de futebol - Fabiana Dollor
6. Faz muito tempo - Ruth Rocha
7. Bailado de uma lenda - Jussara Braga
8. Quem tem medo de dragão? - Fanny Joly / Jean-Noël Rochut
9. Viajando através da história - Maria Ruis - Glória E Oriol Vergés - adap. Nicolau Sevckenko
10. Na porta da padaria - Ivan & Marcello
11. A ratinha da cidade e a ratinha do campo - recontado por Hélène Furdina trad. Irami B. Silva e Erdna Perugine Nahum
12. O sol e a lua - Gerusa Rodrigues Pinto
13. O cavaleiro Roxo - Mirna Pinsky
14. Besouro e prata - Ana Maria Machado
15. O caso dos ovos - Tatiana Belinky
16. Que horas são? - Quadrinhas dos Filopatas Élisabeth Bosetti
17. Fofinho - Teresa Noronha
18. O concerto das galinhas - adap. Darly Nicolanna Scornaienchi
19. Flora, a girafinha curiosa - Gerusa Rodrigues Pinto
20. Gralha Azul - Paulo Dias Fernandes
21. Pacote de pano - Murilo Cisalpino
22. O menino que descobriu as palavras - Cineas Santos & Archanjo
23. Notícias da rua dos dentes de leite - Anna Russelmann
24. O amigo do anjo invisível - Mônica Mazzoni
25. Timóteo, o tatu poeta - Rosana Rios
26. No mundo da lua - Roseana Murray
27. Armandinho o juiz - Ruth Rocha
28. A lenda do guaraná - Ciça Fittipaldi
29. O livro do trava-língua - Ciça
30. Um tigre, dois tigres, três tigres (parlendas) - Seleção Neusa Pinsard Caccese
31. Zuza e Arquimedes - Eva Furnari
32. Era uma vez uma estrela - Luís Camargo
33. Fruta no ponto - Roseana Murray
34. Além do rio - Ziraldo
35. Passarinho me contou - Ana Maria Machado
36. Raul da ferrugem azul - Ana Maria Machado
37. Um livro mágico - Branca Maria de Paula
38. Conversa de corpo - Priscila Freire
39. Dois idiotas sentados cada qual no seu barril... - Ruth Rocha

40. Terra céu & mar - Luzia Viana
41. Caixa mágica de surpresa - Elias José
42. Ninguém reparou na primavera - Maria Lúcia Godoy
43. O gato que mudava de casa - Therezinha Casasanta
44. O gato solitário - Regina Vieira
45. A vaca mimosa e a mosca Zenilda - Sylvia Orthof
46. Era uma vez uma história - Betina Monastirsey
47. O reino das borboletas brancas - Marli Assunção Gomes Pereira
48. De ponta cabeça - Lúcia Pimentel Góes
49. Se as coisas fossem mães - Sylvia Orthof
50. A fábula das três cores - Ziraldo
51. A limpeza de Teresa - Sylvia Orthof
52. O coral viajante - Sonia Junqueira
53. Rolim - Ziraldo
54. O peixe Pixote - Sonia Junqueira
55. O gato do mato e o cachorro do morro - Ana Maria Machado
56. O menino maluquinho - Ziraldo
57. Enquanto o mundo pega fogo - Ruth Rocha
58. A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos - Fernanda Lopes de Almeida
59. Saracotico no céu - Sylvia Orthof
60. O mistério do coelho - Clarice Lispector
61. Maria-vai-com-as-outras - Sylvia Orthof
62. Um peixe fora d'água - Sura Berditchevsky
63. Como se fosse dinheiro - Ruth Rocha
64. A formiga Pixixica e outras histórias - Antonieta Dias de Moraes
65. O saco - Ivan & Marcello
66. Ida e volta - Juarez Machado
67. A pipa - Cristina Porto e Tené de Casa Branca
68. O galo maluco - Sonia Junqueira
69. O curumim que virou gigante - Joel Rufino dos santos
70. A jibóia Gabriela - Sérgio Caparelli
71. Seu Léo e o Pintadinho - Odette de Barros Mott
72. Viagem de um barquinho - Sylvia Orthof
73. Um pouco de tudo de bichos, de gente, de flores - Elias José
74. Bichos, bicho! - Ciça
75. Uma velha e três chapéus - Sylvia Orthof
76. Sapo amarelo - Mário Quintana
77. A Pulga e a Daninha - Pedro Mourão
78. Outra vez - Angela Lago
79. O short amarelo da raposa - Maria Heloísa Penteado
80. A lagartixa que virou jacaré - Izomar Camargo Guilherme
81. Faça sem ponta, galinha sem pé... - Ruth Rocha
82. Quando eu comecei a crescer - Ruth Rocha
83. Classificados poéticos - Roseana Murray
84. Ludimila - Ferruccio Verdolin Filho
85. O futebol do Rei Leão - Walmir Ayala
86. A velhota cambalhota - Sylvia Orthof
87. Jornal falado - Antonieta Dias de Moraes
88. A arara cantora - Sonia Junqueira
89. O frio pode ser quente - Jandira Masur

90. A menina arco-íris - Marina Colasanti
91. O Natal de Manuel - Ana Maria Machado
92. Pinote, o fracote e Janjão, o fortão - Fernanda Lopes de Almeida
93. A história do lobo - Marco Antônio Carvalho
94. Bom dia todas as cores - Ruth Rocha
95. O bravo soldado meu avô - Luís Pimentel
96. Seu rei mandou dizer - Giselda Laporta Nicoletis
97. O negrinho ganga zumba - Rogério Borges
98. Betinha e a chuva - Célia Faraco Moraes
99. O espelho da princesa - Sonia Junqueira
100. Marcelo, Marmelo, Martelo - Ruth Rocha
101. Farra no formigueiro - Liliana & Michele Jicocca
102. Dona Raposíssima da Silva - Maria Dinorah
103. A alegre vovó Guida que é um bocado distraída - Tatiana Belinky
104. O reino do ainda não - Gil Carlos Pereira
105. O rei que não sabia de nada - Ruth Rocha
106. O sapato que miava - Sylvia Orthof
107. Rapunzel - Laís Carr Ribeiro
108. Asa leve - Lydia Mombelli da Fonseca
109. Ai que medo! Bruxaria! - Maria da Conceição Torres Garcia
110. A minhoca voadora - Lydia Mombelli da Fonseca
111. Tião das selvas - Magui
112. Como girafinha flor fez uma descoberta - Teresinha Casasanta
113. Pluminha procura amigos - Teresinha Casasanta
114. O mistério do formigueiro - Simone Saueressing
115. A pirilampéia e os dois meninos de Tatipurum - Joel Rufino dos Santos
116. O burro que caiu do céu - Giselda Laporta Nicoletis
117. Sapo vira rei vira sapo - Ruth Rocha
118. O que é o que é? - Eva Furnari
119. Sapolândia - Lydia Mombelli da Fonseca
120. As férias da bruxa Onilda - E. Laurreula e R. Capdevila
121. A colcha de retalhos - Conceil Corrêa da Silva & Nye Ribeiro Silva
122. A bruxa Zelda e os 80 docinhos - Eva Furnari
123. Um passeio diferente - Lúcia Hiratuka
124. Picote o menino de papel - Mario Vale
125. Os chinelos encantados - adap. Paulo Dias Fernandes
126. O gato de botas - adap. Honorino A. de Marchi
127. Asa de papel - Marcelo Xavier
128. Contos de animais fantásticos
129. E o rei quase vira lobo da corte - Mauro Martins
130. As araras - Mary França e Eliardo França
131. A casinha do Tatu - Elza Sallut
132. Pimpão herói à força - Alain Grée
133. Dr. Alex - Rita Lee
134. O casamento da Bruxa Onilda - E. Larreula R. Capdevila
135. O burrinho insatisfeito - Maltese
136. Fome danada - Ana Maria Machado e Claudius
137. Tem bruxa e terrorista no corredor - Roberto Magalhães
138. Os porquês do coração - Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva

139. Mirradinho - Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva
140. O coelhinho desobediente - Therezinha Casasanta
141. A tartaruga infeliz - Therezinha Casasanta
142. Juanito, o feijão - Ana Rita de Cassia Bruni
143. Onde está a mamãe - Therezinha Casasanta
144. A margarida friorenta - Fernanda Lopes de Almeida
145. O dragão da praça da matriz - Maria Beatriz Papaleo
146. O dragão da montanha - Sally Cedar trad. Ruth Rocha
147. Peter Pan - adap. Darly Nicolanna Scornaienche
148. O Coelho Teimoso
149. Quando a onça ganhou suas pintas - Gian Calvi
150. O veterinário maluco - Milton Camargo
151. Juca das rosas - Lúcia Miners
152. Florisbela, a galinha amarela - Lydiá Mombelli da Fonseca
153. Pé de pato - Sylvia Orthof
154. Os dez amigos - Ziraldo
155. A estrela misteriosa - Maria Heloísa Penteado
156. Era uma vez uma história - Betina Monastirsey
157. A mesa de botequim e seu amigo Joaquim - Sylvia Orthof
158. As centopéias e seus sapatinhos - Milton Camargo
159. A casa sonolenta - Audrey Wood
160. Quero casa com janela - Elza César Sallouti
161. Os pregadores de rei João - Luís Camargo
162. O gato solitário - Regina Vieira
163. Sucuri - Paulo Dias Fernandes
164. Girafafá girafafinha - Daniel Renard
165. Hoje é domingo, pé de cachimbo - Nair de Medeiros Barbosa
166. Cavalinho - Lúcia Pimentel Góes
167. Charalina - Nelson Albissú
168. Festa no céu - Daniela Chindler
169. A lebre e a tartaruga - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
170. O lobo e o cordeiro - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
171. A raposa e a uva - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
172. A cigarra e a formiga - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
173. A assembléia dos ratos - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
174. Cinderela - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
175. Chapeuzinho Vermelho - Peter Holeinone trad. Graziella Lacocca
176. Branca de Neve e os sete anões - Peter Holeinone trad. Graziella Lacocca
177. A bela e a fera - Peter Holeinone trad. Graziella Lacocca
178. João e Maria - Peter Holeinone trad. Graziella Lacocca
179. Os três Porquinhos - Peter Holeinone trad. Abramo
180. O lobo e os sete cabritinhos - Peter Holeinone trad. Abramo
181. O rato da cidade e o rato do campo - Peter Holeinone trad. Abramo
182. O patinho feio - Peter Holeinone trad. Abramo
183. O reizinho mandão - Ruth Rocha
184. O sapo encantado - Luiz Galdino
185. A baléia - Cláudio Feldman
186. A bruxa que roubou o sol - Marina Monteiro
187. A menina que queria ser bruxa - Giselda Laporta Nicoletis

188. João e Maria - adap. de Ruth Rocha
189. A minhoca Filomena - Maria Glória Rodriguez Dominguez
190. E não tinha briga não! - Maria Glória Rodriguez Dominguez
191. A fazenda Bem-te-vi - Maria Glória Rodriguez Dominguez
192. O caso do Bolinho - Tatiana Belinky
193. Galo de briga, de paz - Mirian Mermelstein
194. Se eu fosse... - Cristina Porto
195. O planeta lilás - Ziraldo
196. A cidade perdida - Gian Calvi
197. Boi da cara preta - Sérgio Caparelli
198. Flora, a girafinha curiosa - Gerusa Rodrigues Pinto
199. Pacote de pano - Murilo Cisa'pino & Flávia Teixeira
200. Pluft o fantasma - Maria Clara Machado
201. Faca afiada - Bartolomeu Campos Queirós
202. As melhores histórias de Penadinho - Maurício de Sousa
203. O gatinho perdido - Teresinha Casasanta
204. O coelho e a cenoura mágica - Vera Lucia
205. A história do I que engoliu o pinguinho - Ziraldo
206. Kauê - o pintinho mágico - Gladys França
207. O passeio de Rosinha - Pat Hutchins
208. Porque vovó morreu? - Trudy Nadler
209. Chapeuzinho amarelo - Chico Buarque
210. A borboleta bela e a rosa amarela - Regina Sormani Ferreira
211. O siri patola - Regina Yolanda
212. A preguiça - Mary França & Eliardo França
213. Tá faltando um dedo! - Ana Maria Bohner
214. Peter Pan - Maltese
215. Sem pé nem cabeça - Pedro Bandeira
216. O menino maluquinho - Ziraldo
217. Ou isto ou aquilo - Cecília Meireles
218. O ratinho órfão - o cãozinho mordedor - Martins Dagostim
219. Confidências de um jacaré - Nely A. Guernelli Nucci
220. O sonho que virou salada - Maria do Socorro Fonsêca Mesquita
221. João e o pé de feijão - Gian Calvi
222. Tuca - o garoto e a lebre - Martins Dagostim
223. O rei bigodeira e sua banheira - Audrey Wood
224. As confusões de Aninha - Stella Car
225. Histórias e lorotas da vovó - Mirna Pinsky
226. Uxa ora fada ora bruxa - Sylvia Orthof
227. Betinha e a chuva - Célia Faraco Moraes
228. A gotinha sapeca - Ivone Amâncio Bezerra
229. As aventuras da família Repinica em busca do tesouro - Sylvia Orthof
230. Onde está a mamãe - Teresinha Casasanta
231. Bruxinhas e bruxarias - Luciana Maria Marinho Passos
232. Jaré, o monstrinho - Cascudinha
233. A cortina da tia Bia - Virgínie Woolf (trad. Ruth Rocha)
234. Txuca o grande guerreiro - Dorival Vieira
235. A fada sempre viva e a galinha-fada - Sylvia Orthof
236. Ding, a gotinha - Regina Sormani Ferreira
237. Doce, doce ... e quem comeu regalou-se - Sylvia Orthof

238. Hoje é domingo pé de cachimbo - Nair de Medeiros Barbosa
239. Bichos fantásticos - Gian Calvi
240. As flores da primavera - Ziraldo
241. Nuvem menina - Retta
242. Quiproquó - o que é o que é não é jacaré - Antonieta Dias de Moraes
243. Um mundo para todos - Gian Calvi
244. O curumin que virou gigante - Joel Rufino dos Santos
245. Franguinho Sebastião - Ricardo Soares
246. A descoberta de Joaninha - Bellah Leite Cordeiro
247. O visitante - Rogério Borges
248. Onde tem bruxa tem fada... - Bartolomeu Campos Queirós
249. Tigrinho e seu criado macaco - Maltese
250. Sabe o que a girafa espiou? Elza Cesar Sallut
251. Medo do escuro - Antonio Carlos Pacheco
252. Zero zero alpiste - Mirna Pinsky
253. Como é que é jacaré? Leny Werneck
254. Eu fico é segurando o meu nariz - Gerson Murilo
255. Mariana - Maria Lucia Amaral
256. A lenda do guaraná - Ciça Fittipaldi
257. Se essa rua fosse minha - Eliardo França
258. Fantasmas chateados - Rogério Borges
259. Feliz aniversário, Lua - Frank Asch
260. Meio a meio - Sonia Rinaldi
261. Chuva e chuveiro - Ronaldo Simões Coelho
262. A pequena porta-estandarte - Daniel Renard
263. Os novos trajes do imperador - Hans Cristian Andersen
264. Que horta - Tatiana Belinky

ANEXO II

RELAÇÃO DOS LIVROS PERTENCENTES ÀS FAMÍLIAS DOS ALUNOS

- a. O tigrinho e seu criado macaco
O urso e as flores
- b. A raposa e as uvas
- c. Assembléia dos ratinhos
- d. Os três porquinhos
- e. Chapeuzinho vermelho
- f. Robim dos bosques
Oficina de letras
Bíblia
Pedrinho
- g. Um presente de amor
O grande conflito
Caminho a Cristo
Conhecer Jesus é tudo
Como conhecer, a Deus
O livro de Mórmon
Revelações do Apocalipse
Bíblia
- h. Aventura na Selva
Saiba como pintar
- i. O patinho feio
Branca de neve
Os amigos do pato
O rei que não sabia de nada
A floresta do leão
Enciclopédia Mirador
- j. O presente de Pipo
Bíblia

ANEXO III

LIVROS USADOS NA SEGUNDA AULA

1. Tem gente - Telma Guimarães Castro Andrade
2. Doutor De Soto - o rato dentista - William Steig
3. As qualidades com a história O reino dos mal-humorados - Rosana Ríos
4. Campinho de futebol - Fabiana Dollor
5. Faz muito tempo - Ruth Rocha
6. Bailado de uma lenda - Jussara Braga
7. Quem tem medo de dragão? - Fanny Joly / Jean-Noël Rochut
8. Viajando através da história - Maria Ruis - Glória E Oriol Vergés - adap. Nicolau Sevcenko
9. Na porta da padaria - Ivan & Marcello
10. A ratinha da cidade e a ratinha do campo - recontado por Hélène Furdina trad. Irami B. Silva e Erdna Perugine Nahum
11. O sol e a lua - Gerusa Rodrigues Pinto
12. O cavaleiro Roxo - Mirna Pinsky
13. Besouro e prata - Ana Maria Machado
14. O caso dos ovos - Tatiana Belinky
15. Que horas são? - Quadrinhas dos Filopatas Elisabeth Bosetti
16. Fofinho - Teresa Noronha
17. O concerto das galinhas - adap. Darly Nicolanna Scornaienchi
18. Flora, a girafinha curiosa - Gerusa Rodrigues Pinto
19. Gralha Azul - Paulo Dias Fernandes
20. Pacote de pano - Murilo Cisalpino
21. O menino que descobriu as palavras - Cineas Santos & Archanjo
22. Notícias da rua dos dentes de leite - Anna Russelmann
23. O amigo do anjo invisível - Mônica Mazzoni
24. Timóteo, o tatu poeta - Rosana Ríos
25. No mundo da lua - Roseana Murray
26. Armandinho o juiz - Ruth Rocha
27. A lenda do guaraná - Ciça Fittipaldi
28. O livro do trava-língua - Ciça
29. Um tigre, dois tigres, três tigres (parlendas) - Seleção Neusa Pinsard Caccese
30. Zuza e Arquimedes - Eva Furnari
31. Era uma vez uma estrela - Luís Camargo
32. Fruta no ponto - Roseana Murray
33. Além do rio - Ziraldo
34. Passarinho me contou - Ana Maria Machado
35. Raul da ferrugem azul - Ana Maria Machado
36. Um livro mágico - Branca Maria de Paula
37. Conversa de corpo - Priscila Freire
38. Dois idiotas sentados cada qual no seu barril... - Ruth Rocha

39. Terra céu & mar - Luzia Viana
40. Caixa mágica de surpresa - Elias José
41. Ninguém reparou na primavera - Maria Lúcia Godoy
42. O gato que mudava de casa - Therezinha Casasanta
43. O gato solitário - Regina Vieira
44. A vaca mimosa e a mosca Zenilda - Sylvia Orthof
45. Era uma vez uma história - Betina Monastirscy

ANEXO IV

LIVROS USADOS NA QUARTA AULA

1. O reino das borboletas brancas - Marli Assunção Gomes Pereira
2. De ponta cabeça - Lúcia Pimentel Góes
3. Se as coisas fossem mães - Sylvia Orthof
4. A fábula das três cores - Ziraldo
5. A limpeza de Teresa - Sylvia Orthof
6. O coral viajante - Sonia Junqueira
7. Rolim - Ziraldo
8. O peixe Pixote - Sonia Junqueira
9. O gato do mato e o cachorro do morro - Ana Maria Machado
10. O menino maluquinho - Ziraldo
11. Enquanto o mundo pega fogo - Ruth Rocha
12. A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos - Fernanda Lopes de Almeida
13. Saracotico no céu - Sylvia Orthof
14. O mistério do coelho - Clarice Lispector
15. Maria-vai-com-as-outras - Sylvia Orthof
16. Um peixe fora d'água - Sura Berditchevsky
17. Como se fosse dinheiro - Ruth Rocha
18. A formiga Pixixica e outras histórias - Antonieta Dias de Moraes
19. O saco - Ivan & Marcello
20. Ida e volta - Juarez Machado
21. A pipa - Cristina Porto e Tenê de Casa Branca
22. O galo maluco - Sonia Junqueira
23. O curumim que virou gigante - Joel Rufino dos Santos
24. A jibóia Gabriela - Sérgio Caparelli
25. Seu Léo e o Pintadinho - Odete de Barros Mott
26. Viagem de um barquinho - Sylvia Orthof
27. Um pouco de tudo de bichos, de gente, de flores - Elias José
28. Bichos, bicho! - Ciça
29. Uma velha e três chapéus - Sylvia Orthof
30. Sapo amarelo - Mário Quintana
31. A Pulga e a Daninha - Pedro Mourão
32. Outra vez - Angela Lago
33. O short amarelo da raposa - Maria Heloísa Penteado
34. Os alegres músicos de Brêmen - recontado por Eugênio Amado
35. Quem tem medo de dragão? - Fanny Joly / Jean-Noël Rochut
36. O gato que mudava de casa - Therezinha Casasanta
37. A vaca mimosa e a mosca Zenilda - Sylvia Orthof
38. Timóteo, o tatu poeta - Rosana Rios
39. O livro do trava-língua - Ciça
40. Zuza e Arquimedes - Eva Furnari

41. Tem gente - Telma Guimarães Castro Andrade
42. Doutor De Soto - o rato dentista - William Steig
43. As qualidades com a história O reino dos mal-humorados - Rosana Rios
44. Campinho de futebol - Fabiana Dollor
45. Faz muito tempo - Ruth Rocha
46. Bailado de uma lenda - Jussara Braga

ANEXO V

LIVROS USADOS NA SEXTA AULA

1. Enquanto o mundo pega fogo - Ruth Rocha
2. A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos - Fernanda Lopes de Almeida
3. Saracotico no céu - Sylvia Orthof
4. O mistério do coelho - Clarice Lispector
5. Maria-vai-com-as-outras - Sylvia Orthof
6. Um peixe fora d'água - Sura Berdichevsky
7. Como se fosse dinheiro - Ruth Rocha
8. A formiga Pixixica e outra histórias - Antonieta Dias de Moraes
9. O saco - Ivan & Marcello
10. Ida e volta - Juarez Machado
11. A pipa - Cristina Porto e Tenê de Casa Branca
12. O galo maluco - Sonia Junqueira
13. O curumim que virou gigante - Joel Rufino dos santos
14. A jibóia Gabriela - Sérgio Caparelli
15. Sucuri - Paulo Dias Fernandes
16. Seu Léo e o Pintadinho - Odette de Barros Mott
17. Viagem de um barquinho - Sylvia Orthof
18. Um pouco de tudo de bichos, de gente, de flores - Elias José
19. Bichos, bicho! - Ciça
20. Uma velha e três chapéus - Sylvia Orthof
21. O patinho feio - Hans Cristhian Andersen
22. Sapo amarelo - Mário Quintana
23. A Pulga e a Daninha - Pedro Mourão
24. Outra vez - Angela Lago
25. O short amarelo da raposa - Maria Heloísa Penteado
26. A casa sonolenta - Audrey Wood
27. Faça sem ponta, galinha sem pé... - Ruth Rocha
28. Os músicos de Brêmem - recontado por Eugênio Amado
29. Quando eu comecei a crescer - Ruth Rocha
30. Classificados poéticos - Roseana Murray
31. Ludimila - Ferruccio Verdolin Filho
32. O futebol do Rei Leão - Walmir Ayala
33. O menino maluquinho - Ziraldo
34. A velhota cambalhota - Sylvia Orthof
35. Jornal falado - Antonieta Dias de Moraes
36. A arara cantora - Sonia Junqueira
37. O frio pode ser quente - Jandira Masur
38. A menina arco-íris - Marina Colasanti
39. O Natal de Manuel - Ana Maria Machado
40. João e o pé-de-feijão - Gian Calvi
41. Pinote, o fracote e Janjão, o fortão - Fernanda Lopes de Almeida
42. A história do lobo - Marco Antônio Carvalho

ANEXO VI

LIVROS USADOS NA OITAVA AULA

1. O bravo soldado meu avô - Luís Pimentel
2. Seu rei mandou dizer - Giselda Laporta Nicoletis
3. O negrinho ganga zumba - Rogério Borges
4. Betinha e a chuva - Célia Faraco Moraes
5. O espelho da princesa - Sonia Junqueira
6. Marcelo, Marmelo, Martelo - Ruth Rocha
7. Farra no formigueiro - Líliana & Michele Jicocca
8. Dona Raposíssima da Silva - Maria Dínorah
9. A alegre vovó Guida que é um bocado distraída - Tatiana Belinky
10. O reino do ainda não - Gil Carlos Pereira
11. O rei que não sabia de nada - Ruth Rocha
12. O sapato que miava - Sylvia Orthof
13. Rapunzel - Laís Carr Ribeiro
14. Asa leve - Lydiá Mombelli da Fonseca
15. Ai que medo! Bruxaria! - Maria da Conceição Torres Garcia
16. A minhoca voadora - Lydiá Mombelli da Fonseca
17. Tião das selvas - Magui
18. Como girafinha flor fez uma descoberta - Teresinha Casasanta
19. Pluminha procura amigos - Teresinha Casasanta
20. O mistério do formigueiro - Simone Saueressing
21. A pirlampéia e os dois meninos de Tatipurum - Joel Rufino dos Santos
22. O burro que caiu do céu - Giselda Laporta Nicoletis
23. Sapo vira rei vira sapo - Ruth Rocha
24. O que é o que é? - Eva Furnari
25. Sapolândia - Lydiá Mombelli da Fonseca
26. As férias da bruxa Onilda - E. Laurreula e R. Capdevila
27. A colcha de retalhos - Conceil Corrêa da Silva & Nye Ribeiro Silva
28. A bruxa Zelda e os 80 docinhos - Eva Furnari
29. Um passeio diferente - Lúcia Hiratuka
30. Picote o menino de papel - Mário Vale
31. Os chinelos encantados - adap. Paulo Dias Fernandes
32. O gato de botas - adap. Honorino A. de Marchi
33. Os alegres músicos de Brêmen - recontado por Eugênio Amado
34. Galha Azul - Paulo Dias Fernandes
35. A casinha do Tatu - Elza Sallut
36. A colcha de retalhos - Conceil Corrêa da Silva & Nye Ribeiro Silva
37. Cinderela - trad. Amália Ursi e José Melquíades Ursi
38. Chapeuzinho Vermelho - Peter Holeinone trad. Graziella Lacocca
39. A bela e a fera - Peter Holeinone trad. Graziella Lacocca

40. A raposa e a uva - trad. Amália Ursi e José Melquiades Ursi
41. João e Maria - adap. de Ruth Rocha
42. O bravo soldado meu avô - Luís Pimentel
43. A pirilampéia e os dois meninos de Tatipurum - Joel Rufino dos Santos
44. Fofinho - Teresa Noronha
45. Dois idiotas sentados cada qual no seu barril... - Ruth Rocha
46. Bichos, bichos - Ciça
47. O saco - Ivan & Marcelo

ANEXO VII

POESIAS DE MURALHA E CAPARELLI
BRINCADEIRA

O GALO ALUADO

O galo aluado
subiu no telhado
sentiu-se tão só,
cocorissó, cocorissó!

O galo aluado
subiu no telhado
e chamou pelo sol,
cocorissol, cocorissol.

O galo aluado
subiu no telhado
e viu o caracol,
cocoricol, cocoricol.

O galo aluado
subiu no telhado
e exclamou pelo cão:
Cocoricão! Cocoricão!

O galo aluado
subiu no telhado
e saudou a lua,
cocorilua, cocorilua.

O galo aluado
cochilou no telhado
e ouviu assustado,
cocorigalo, cocorigalo.

Eram o caracol,
cão, lua e sol
que acudiam
ao triste chamado
do galo aluado

Brinca nas flores
um sai divertido
de sete cores
vestido.

Saia, saia das flores,
por favor saia daqui...
E o sai-de-sete-cores
sai saltitando das flores
e responde: - já sai.

PÁSSARO LIVRE

Gaiola aberta.
Aberta a janela.
O pássaro desperta.
A vida é bela.

A vida é bela.
A vida é boa.

Voa, pássaro, voa.

AS GRADES

Um pássaro entrou na gaiola vazia
e a gaiola fechou a alegria.

Canta a gaiola de contentamento
e canta o pássaro contra as grades
mas só canta porque tem saudades
das montanhas, do sol e do vento.

Cheia de pássaro a gaiola
cantarola, cantarola,
mas o pássaro tem asas
e vai deixar a gaiola.

ANEXO VIII

RELAÇÃO DE LIVROS DEIXADOS EM SALA DE AULA

1. Marcelo, Marmelo, Martelo - Ruth Rocha
2. Farra no formigueiro - Liliana & Michele Jicoeca
3. Dona Raposíssima da Silva - Maria Dinorah
4. A alegre vovó Guida que é um bocado distraída - Tatiana Belinky
5. O reino do ainda não - Gil Carlos Pereira
6. O rei que não sabia de nada - Ruth Rocha
7. O sapato que miava - Sylvia Orthof
8. Rapunzel - Laís Carr Ribeiro
9. Asa leve - Lydía Mombelli da Fonseca
10. Ai que medo! Bruxaria! - Maria da Conceição Torres Garcia
11. A minhoca voadora - Lydía Mombelli da Fonseca
12. Tião das selvas - Magui
13. Como girafinha flor fez uma descoberta - Teresinha Casasanta
14. Pluminha procura amigos - Teresinha Casasanta
15. O mistério do formigueiro - Simone Saueressing
16. A pirlimpéia e os dois meninos de Tatipurum - Joel Rufino dos Santos
17. O burro que caiu do céu - Giselda Laporta Nicoletis
18. Sapo vira rei vira sapo - Ruth Rocha
19. O que é o que é? - Eva Furnari
20. Sapolândia - Lydía Mombelli da Fonseca
21. As férias da bruxa Onilda - E. Laureula e R. Capdevila
22. A colcha de retalhos - Conceil Corrêa da Silva & Nye Ribeiro Silva
23. A bruxa Zelda e os 80 docinhos - Eva Furnari
24. Um passeio diferente - Lúcia Hiratuka
25. Picote o menino de papel - Mario Vale
26. Os chinelos encantados - adap. Paulo Dias Fernandes
27. O gato de botas - adap. Honorino A. de Marchi
28. Asa de papel - Marcelo Xavier
29. Era uma vez uma história - Betina Monastirsey
30. O reino das borboletas brancas - Marli Assunção Gomes Pereira
31. De ponta cabeça - Lúcia Pimentel Góes
32. Se as coisas fossem mães - Sylvia Orthof
33. A fábula das três cores - Ziraldo
34. A limpeza de Teresa - Sylvia Orthof
35. O coral viajante - Sonia Junqueira
36. Rolim - Ziraldo
37. O peixe Pixote - Sonia Junqueira
38. O gato do mato e o cachorro do morro - Ana Maria Machado

39. O menino maluquinho - Ziraldo
40. Enquanto o mundo pega fogo - Ruth Rocha
41. A princesa dos cabelos azuis e o horroroso homem dos pântanos - Fernanda Lopes de Almeida
42. Saracotico no céu - Sylvia Orthof
43. O mistério do coelho - Clarice Lispector
44. Maria-vai-com-as-autras - Sylvia Orthof
45. Um peixe fora d'água - Sura Berditchevsky
46. Como se fosse dinheiro - Ruth Rocha
47. A formiga Pixixica e outra histórias - Antonieta Dias de Moraes
48. O saco - Ivan & Marcello
49. Ida e volta - Juarez Machado
50. A pipa - Cristina Porto e Tenê de Casa Branca

ANEXO IX

TEXTO DRAMATIZADO BOM DIA TODAS AS CORES

*Eu conheço muita gente que é igual a camaleão:
com a cabeça diz que sim, com o rabinho diz que não!
Segura, meu bem, segura, segura o camaleão!
Segura, meu bem, o camaleão!*

Camaleão - Bom-dia, Sol! Bom-dia, flores!
Bom-dia, todas as cores!

Narradora - Meu amigo Camaleão acordou de bom humor.
E, enquanto lavava o rosto numa folha cheia de orvalho, começou a crescer uma vontade dentro dele:

Camaleão - Já sei! Já sei! Hoje eu vou ficar cor-de-rosa, minha cor preferida!
E vou sair pelo sol, contente da minha vida!

Narradora - Meu amigo Camaleão estava feliz porque tinha chegado a primavera.
E o sol, finalmente, depois de um inverno longo e frio, brilhava alegre no céu.

Camaleão - Eu hoje estou de bem com a vida. Vou ser bonzinho com todo mundo...
Vou sair cantando por aí!

*Ai de tí, ó, meu amor, se entre as notas da canção,
bem-te-vi, ó, meu bem-te-vi, brilho frágil de emoção.
Na alegria das manhãs, num começo de estação,
bem-te-vi, ó, meu bem-te-vi, brilho frágil de ilusão.*

Narradora - Logo que saiu de casa, o Camaleão encontrou o professor Pernilongo,
que tocava violino na Orquestra do Teatro Florestal.

Camaleão - Bom-dia, professor! Como vai o senhor? Que música bonita! É essa a música que a
orquestra vai apresentar na abertura da Temporada da Primavera?

Pernilongo - Exatamente, Camaleão. Mas... o que é isso, meu irmão?
Por que é que mudou de cor?
Essa cor não lhe vai bem... Olhe para o azul do céu.
Por que não usa azul também?

Narradora - E o Camaleão, amável como ele era, resolveu ficar azul, como o céu de primavera...
E lá se foi, bem contente, quando viu, numa clareira, um bem-te-vi que cantava num galho
da laranjeira.

Bem-te-vi - Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi!
Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi como o verão.
Voa livre por entre os jasmims, pousa no meu coração.

Camaleão - Bom-dia, meu caro Bem-te-vi! Seu canto está diferente.
Eu acho que é a primavera que está mexendo com a gente!

Bem-te-vi - Meu amigo Camaleão, muito bom-dia a você!
Meu canto é o mesmo de sempre! Canto assim a toda

hora. O que mudou foi a sua cor. O amigo está azul agora? Que pena... A cor mais bonita é a cor alaranjada, cor-de-laranja dourada...

Camaleão - Cor-de-laranja, alaranjado? É... Não custa tentar Eu vou ficar lindo, alourado, cor-de-laranja, dourado!

Narradora - Nosso amigo, bem depressa, resolveu mudar de cor. E, cantando alegremente, lá se foi, ainda contente...

*Segura, meu bem, segura, segura o camaleão!
Segura, meu bem, segura, segura o camaleão!*

Narradora - Na pracinha da floresta, saindo pela capelinha, vinha o senhor Louva-a-Deus, mais a família inteirinha. Ele é um senhor muito sério, que não gosta de gracinha.

Louva-a-Deus 1 - Bom-dia, Camaleão!

Camaleão - Bom-dia, bom-dia!

Família - Bom-dia, Camaleão!

Camaleão - Bom-dia, bom-dia!

Família - Bom-dia, Camaleão!

Camaleão - Bom-dia, bom-dia!

Família - Bom-dia, Camaleão!

Camaleão - Bom-dia, bom-dia... Cruzes, quanta gente!

Louva-a-Deus 1 - Que cor mais escandalosa!

Louva-a-Deus 2 - Escandalosa!

Camaleão - Escandalosa?

Louva-a-Deus 1 - Parece até carnaval!

Louva-a-Deus 2 - Carnaval!

Camaleão - Carnaval?

Louva-a-Deus 1 - Você devia era arranjar uma cor mais natural!

Família - Mais natural!

Camaleão - Mais natural?

Louva-a-Deus 1 - Veja o verde da folhagem,
veja o verde da capina!

Você devia fazer o que a natureza ensina!

Camaleão - Verde... da campina? É, é melhor eu mudar para verde, como a natureza ensina!

Narradora - E é claro que o nosso amigo resolveu mudar de cor. Ficou logo bem verdinho e foi embora pelo caminho. Bastava que alguém falasse, mudava de opinião. Ficava roxo, amarelo, ficava cor-de-pavão. Ficava de toda a cor. Não sabia dizer não. Por isso, naquele dia, cada, cada vez que se encontravam com algum de seus amigos, e que o amigo estranhava a cor com que ele estava... Adivinhe o que fazia o nosso Camaleão! Pois ele logo mudava, mudava para outro tom...

Coro - Fique azul, é mais bonito!

Camaleão - Azul, é mais bonito?

Coro - Fique alaranjado! Fique verde! Fique encarnado!

Camaleão - Alaranjado? Verde? Encarnado?

Coro - Fique preto... preto! Fique branco... branco!

Camaleão - Ah, preto! Ah, branco!

Coro - Que nada! Fique amarelo! Amarelo é tão belo!

Camaleão - Amarelo, belo?

Coro - Amarelo, não, Camaleão. Fique da cor do pavão!

Camaleão - Cor do pavão?

Narradora - E o nosso amigo foi mudando, passando de cor em cor. Mudou de rosa para azul, de azul para alaranjado, de alaranjado para verde, de verde para encarnado. Mudou de preto para branco, de branco ficou roxinho! De roxo para amarelo, e até cor de vinho! Até que...

Camaleão - Chega! Já estou cansado de tantas e tantas mudanças!
É melhor voltar pra casa e parar com esta andança.

Narradora - Quando o sol começou a se pôr no horizonte, Camaleão resolveu voltar pra casa. Estava cansado do longo passeio e mais cansado ainda de tanto mudar de cor.

Entrou na sua casinha. Deitou para descansar.
E lá ficou a pensar.

Camaleão - Por mais que a gente se esforce, não pode agradar a todos. Alguns gostam de farofa, outros preferem farelo... Uns querem comer maçã, outros preferem marmelo... Tem quem goste de sapato, tem quem goste de chinelo... E se não fossem os gostos que seria do amarelo?

Narradora - Por isso, no outro dia o nosso amigo Camaleão acordou de muito bom humor! E, enquanto lavava o rosto numa folha cheia de orvalho, aquela velha vontade começou a crescer dentro dele:

Camaleão - Já sei! Hoje eu vou ficar cor-de-rosa, que é minha cor preferida! E vou sair pelo sol, contente da minha vida!

Narradora - Logo que saiu, Camaleão encontrou o Sapo Cururu, que é o cantador de sucesso da Rádio Jovem Floresta.

Camaleão - Bom-dia, meu caro Sapo! Que dia mais lindo, não é?

Sapo Cururu - Muito bom dia, amigo Camaleão! Mas que cor mais engraçada, antiga, tão desbotada... Por que é que você não usa uma cor mais avançada?

Narradora - O Camaleão se encheu de coragem, sorriu e falou para o seu amigo...

Camaleão - Eu uso as cores que eu gosto, e assim faço muito bem. Eu gosto de bons conselhos, mas faço o que me convém. Quem não agrada a si mesmo, não pode agradar a ninguém.

*Segura, meu bem, segura, segura o Camaleão!
Segura, meu bem, segura, segura o Camaleão!*

Narradora - E assim aconteceu o que acabei de contar. Se gostaram, muito bem. Se não gostaram, AZAR!

Eu conheço muita gente.

ANEXO X

POESIAS DE SÉRGIO CAPARELLI

GUARANÁ COM CANUDINHO

Uma vaca entrou num bar
e pediu um guaraná.
O garçom, um gafanhoto,
tinha cara de biscoito.
Olhou de trás do balcão,
pensando na confusão.
Fala a vaca, decidida,
pronta pra comprar briga:
- E que esteja bem geladinho
pra eu beber de canudinho!
Na gravata borboleta,
gafanhoto faz careta.
Responde: vaca sem grana
se quiser; vai comer grama.
- Ah, é?, muge a vaca matreira,
quem dá leite a vida inteira?
- Dou leite, queijo, coalhada,
reclamo, ninguém me paga.
Da gravata, a borboleta
Sai voando satisfeita.
Gafanhoto leva um susto,
acreditando mais a custo.
E serve, bem rapidinho,
guaraná com canudinho.

SERAFIM SERESTEIRO

O gato Serafim,
com seu violão,
adora serenatas
no teto da pensão.
Com lenço colorado
e um poncho verde-escuro
lá vem o Serafim
saltando pelo muro.
Sobe parede acima,
Serafim seresteiro:
Os gatos gritam vivas
e as gatas mandam beijos.
Serafim, um grande artista
afina bem o violão,
esperando começar
sua apresentação.
Blim, blim, blão,
dedilha o violão.
Blão, blão, blim,
Serafim, Serafim.
Porém cai um dilúvio
no palco improvisado.
Os gatos se assustam
e pulam do telhado.
Só fica Serafim,
com seu violão,
e os gritos estridentes
da dona da pensão.
Está todo molhado,
Serafim, na noite fria.
Não há mais serenata,
não há mais alegria.

VACA AMARELA

Vaca amarela
 fez cocô na panela,
 cabrito mexeu, mexeu,
 quem falar primeiro
 comeu o cocô dela.

Vaca amarela
 sutiã de flanela,
 cabrito coseu, coseu
 quem se mexer primeiro
 pôs o sutiã dela.

Vaca amarela
 fez xixi na gamela,
 cabrito mexeu, mexeu,
 quem rir primeiro
 bebeu o xixi dela.

Vaca amarela
 cuspiu da janela,
 cabrito mexeu, mexeu,
 quem piscar primeiro
 lambeu o cuspe dela.

AS GRADES

Um pássaro entrou na gaiola vazia
 e a gaiola fechou a alegria.

Canta a gaiola de contentamento
 e canta o pássaro contra as grades
 mas só canta porque tem saudades
 das montanhas, do sol e do vento.

Cheia de pássaro a gaiola
 cantarola, cantarola,
 mas o pássaro tem asas
 e vai deixar a gaiola.

ANEXO XI

LIVROS USADOS NAS AULAS DE LEITURA

1. Contos de animais fantásticos
2. E o rei quase vira lobo da corte - Mauro Martins
3. As araras - Mary França e Eliardo França
4. A casinha do Tatu - Elza Sallut
5. Pimpão herói à força - Alain Grée
6. Dr. Alex - Rita Lee
7. O casamento da Bruxa Onilda - E. Larreula R. Capdevila
8. O burrinho insatisfeito - Maltese
9. Fome danada - Ana Maria Machado e Claudius
10. Tem bruxa e terrorista no corredor - Roberto Magalhães
11. Os porquês do coração - Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva
12. Mirradinho - Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro Silva
13. O coelhinho desobediente - Therezinha Casasanta
14. A tartaruga infeliz - Therezinha Casasanta
15. Juanito, o feijão - Ana Rita de Cassia Bruni
16. Onde está a mamãe - Therezinha Casasanta
17. A margarida friorenta - Fernanda Lopes de Almeida
18. O dragão da praça da matriz - Maria Beatriz Papaleo
19. O dragão da montanha - Sally Cedar trad. Ruth Rocha
20. Peter Pan - adap. Darly Nicolanna Scornaienche
21. Quando a onça ganhou suas pintas - Gian Calvi
22. O veterinário maluco - Milton Camargo
23. Juca das rosas - Lúcia Miners
24. Florisbela, a galinha amarela - Lydia Mombelli da Fonseca
25. Pé de pato - Sylvia Orthof
26. Os dez amigos - Ziraldo
27. A estrela misteriosa - Maria Heloísa Penteado
28. Era uma vez uma história - Betina Monastirsey
29. A mesa de botequim e seu amigo Joaquim - Sylvia Orthof
30. As centopéias e seus sapatinhos - Milton Camargo
31. A casa sonolenta - Audrey Wood
32. Quero casa com janela - Elza César Sallouti
33. Os pregadores de rei João - Luís Camargo
34. O gato solitário - Regina Vieira
35. Sucuri - Paulo Dias Fernandes
36. Girafafá girafafinha - Daniel Renard
37. Hoje é domingo, pé de cachimbo - Nair de Medeiros Barbosa
38. Cavalinho - Lúcia Pimentel Góes
39. Charalina - Nelson Albissú
40. Festa no céu - Daniela Chindler

ANEXO XII

RELAÇÃO DE LIVROS QUE FICARAM EM SALA

1. O ratinho órfão - o cãozinho mordedor - Martins Dagostim
2. Confidências de um jacaré - Nely A. Guernelli Nucci
3. O sonho que virou salada - Maria do Socorro Fonsêca Mesquita
4. João e o pé de feijão - Gian Calvi
5. Tuca - o garoto e a lebre - Martins Dagostim
6. O rei bigodeira e sua banheira - Audrey Wood
7. As confusões de Aninha - Stella Car
8. Histórias e lorotas da vovó - Mirna Pinsky
9. Uxa ora fada ora bruxa - Sylvia Orthof
10. Betinha e a chuva - Célia Faraco Morais
11. A gotinha sapeca - Ivone Amâncio Bezerra
12. As aventuras da família Repinica em busca do tesouro - Sylvia Orthof
13. Onde está a mamãe - Teresinha Casasanta
14. Bruxinhas e bruxarias - Luciana Maria Marinho Passos
15. Jaré, o monstinho - Cascudinha
16. A cortina da tia Bia - Virgínie Woolf (trad. Ruth Rocha)
17. Txuca o grande guerreiro - Dorival Vieira
18. A fada sempre viva e a galinha-fada - Sylvia Orthof
19. Ding, a gotinha - Regina Sormani Ferreira
20. Doce, doce ... e quem comeu regalou-se - Sylvia Orthof
21. Hoje é domingo pé de cachimbo - Nair de Medeiros Barbosa
22. Bichos fantásticos - Gian Calvi
23. As flores da primavera - Ziraldo
24. Nuvem menina - Retta
25. Quiproquó - o que é o que é não é jacaré - Antonieta Dias de Moraes
26. Um mundo para todos - Gian Calvi
27. O curumin que virou gigante - Joel Rufino dos Santos
28. Franguinho Sebastião - Ricardo Soares
29. A descoberta de Joaquina - Bellah Leite Cordeiro
30. O visitante - Rogério Borges
31. Onde tem bruxa tem fada... - Bartolomeu Campos Queirós
32. Tigrinho e seu criado macaco - Maltese
33. Sabe o que a girafa espiou? Elza Cesar Sallut
34. Medo do escuro - Antonio Carlos Pacheco
35. Zero zero alpiste - Mirna Pinsky
36. Como é que é jacaré? Leny Werneck
37. Eu fico é segurando o meu nariz - Gerson Murilo
38. Mariana - Maria Lucia Amaral
39. A lenda do guaraná - Ciça Fittipaldi

40. Se essa rua fosse minha - Eliardo França
41. Fantasmas chateados - Rogério Borges
42. Feliz aniversário, Lua - Frank Asch
43. Meio a meio - Sonia Rinaldi
44. Chuva e chuveiro - Ronaldo Simões Coelho
45. A pequena porta-estandarte - Daniel Renard
46. Os novos trajes do imperador - Hans Cristian Andersen
47. Que horta - Tatiana Belinky

ANEXO XIII

POESIAS FEITAS PELOS ALUNOS SOBRE “EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO”

CINTO DE SEGURANÇA

Seja bem inteligente
 Nunca esqueça a proteção
 Cuide bem de sua vida
 E ouça com atenção
 Com cinto de segurança
 Viajamos com alegria
 Depois de ter tantas mudanças
 Hoje temos mais esperanças
 A morte é traiçoeira
 Sempre temos que usar o cinto
 Depois dos graves acidentes
 Não adianta dizer “sinto”.
 Não faça muita besteira
 Viver é muito gostoso
 Agradeça a vida inteira
 Pois Deus é maravilhoso
 Use cinto de segurança
 Ele protege até crianças!

(Maria)

Seja um bom motorista
 E sempre obedeça as placas
 Seja melhor que um turista
 Não pare no meio da pista
 Nunca devemos buzinar.
 Na frente de um hospital
 O paciente precisa se recuperar
 Para voltar para seu lar.
 Nas esquinas tem que parar
 E prestar muita atenção
 Andar bem devagar
 Pode vim um caminhão.
 As placas são sinalização
 O guarda fica nas ruas
 E se você prestar atenção
 Você pode ficar na sua.
 Não ande oitenta por hora
 Por que você pode bater
 Respeite as placas
 Porque você pode até morrer!

(Fernando)

Não faça carga grande

Você pode até bater

Existe buracos nas estradas

Você pode matar

E também até morrer.

Você deve tomar cuidado

Com buracos nas estradas

Pode causar acidentes

Nem pense o presidente.

Não ande com excesso de carga

Pedestre preste atenção

Respeite muito o guarda

Motorista irresponsável ultrapassa caminhão.

Excesso de cargas

Causa buracos nas ruas

E pode matar pessoas

E pode perder filhas suas.

Nas estradas tem muitos acidentes

E você pode quebrar o seu dente

E matar bastante gente

Olhe sempre para frente

Em estradas com buracos

Sempre causa acidentes

Você fica com a cuca quente

Nem preocupa o presidente.

Com excesso de cargas

Você causa estragos na pista

Você causa muitas mortes

Melhor procurar uma analista.

Não ande muito ligeiro

Pode acontecer um acidente

Você pode bater em um velho

Nem ligue,

ele não vai perder os dentes

Buracos e cargas com excesso

Pode te causar um processo

Você vai para a cadeia

Nisso ninguém se “emleia”!

(Joana)

Não beba no trânsito
 Você pode morrer
 Também usando o cinto
 Você pode até viver.
 O homem quando bebe
 Não pegue no volante
 Só pegue quando estiver são
 é melhor, que uma destruição.
 Quando você vai dirigir
 Não pode beber bebida alcoólica.
 A gente pode agir
 Tomando coca-cola
 O guarda tem um bafômetro
 que leva as pessoas a multa
 Se você não quer morrer
 Deixe de besteira e seja
 Uma pessoa culta.
 A pessoa que bebe
 Algum tipo de bebida
 Coloca em risco a família
 Todos podem perder a vida.
 Não beba no trânsito
 você pode até morrer
 O guarda pode pegar o bafômetro
 E pode até te prender.
 A bebida causa muito mal
 Pode até tirar vidas
 Não seja animal
 Não beba nenhuma bebida.
 O homem que bebe
 Fica com o álcool no corpo
 e quem vê uma pessoa
 Pensa que é um aeroporto.
 Não ande cento e vinte por hora
 Pode ter uma lombada
 Você vai levar um susto
 E pode ficar soada.

(Lais)

Pare que é uma escola
 É melhor você ficar na esquina
 Aqui é Brasil
 Não é China.
 Pare e preste atenção!
 Senão bate interrogação...
 Parei na estação?
 Ou aqui é o calçadão?
 Seja bem educado
 Não buzine perto de hospital
 Tome muito cuidado
 não vá para o caminho mal.
 Nas placas tome cuidado
 Não corra mais de oitenta
 Seja muito educado
 Corra pouco mais que cinquenta.
 Você não pode buzinar
 Perto do hospital
 Eles podem te chamar
 De um grande marginal.

(Mauro)